

Rafaela Domingues Costa

**A MULTIFUNCIONALIDADE E TRAJETÓRIA DE
*POR EXEMPLO***

**Juiz de Fora
2008**

Rafaela Domingues Costa

A Multifuncionalidade e Trajetória de *Por Exemplo*

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Nilza Barrozo Dias.

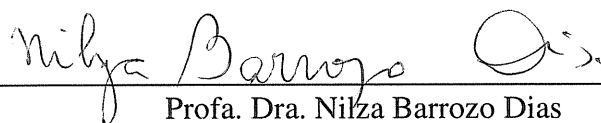
Juiz de Fora

2008

Rafaela Domingues Costa

A Multifuncionalidade e Trajetória de *Por Exemplo*

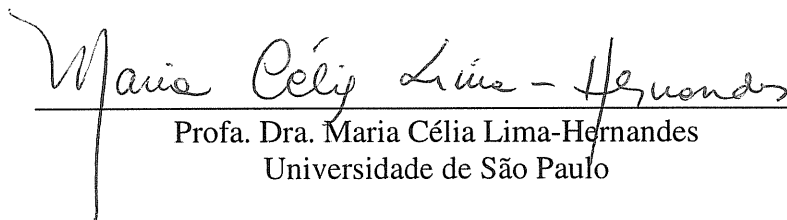
Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.
Orientadora: Profa. Dra. Nilza Barrozo Dias



Profa. Dra. Nilza Barrozo Dias
Universidade Federal de Juiz de Fora



Profa. Dra. Sonia Bittencourt Silveira
Universidade Federal de Juiz de Fora



Profa. Dra. Maria Célia Lima-Hernandes
Universidade de São Paulo

Agradecimentos

Agradeço a (aos)

DEUS por iluminar o caminho da minha vida

NILZA por ensinar-me o sentido da palavra *pesquisa* e por sempre acreditar no potencial do meu trabalho.

PROFESSORES DO MESTRADO, exemplos de compromisso com o serviço público

CAPES, por financiar dignamente os trabalhos de pesquisa.

MINHA FAMÍLIA, por estar ao meu lado a cada passo dessa jornada.

ALTAIR (TUI) que, mais do que ninguém, soube dar força no momento de fraqueza.

NATÁLIA E ALICE, pela amizade e cumplicidade compartilhadas.

Dedicatória

Dedico este trabalho à minha família e ao Tui.

RESUMO

Os estudos em torno de *por exemplo*, inicialmente¹, revelaram que esse objeto caracterizava-se pela função de conector apositivo, interligando unidade base e unidade apositiva. Essa função despertou o nosso interesse para a pesquisa e nos levou a averiguar, sincronicamente, as possíveis funções e comportamentos de *por exemplo*. Assim, durante as investigações dos dados, encontramos ocorrências de *por exemplo* apositivo e *por exemplo* não-apositivo, ambos apresentando uma característica extremamente peculiar: **a mobilidade**. Sendo assim, quando apositivo, *por exemplo* ocorre em **a) posição inicial**, encabeçando unidade apositiva; **b) em posição medial**, após sintagma (nominal, preposicionado ou adverbial) introdutor de aposição, incidindo em fronteiras de constituintes "...sujeito" e sujeito-verbo. E, ainda, **c) nas fronteiras de constituintes** (verbo-complemento e fronteira final) que, além de realizar a função focalizadora, apresenta as características simbólicas da aposição, como a relação semântica geral-específico e a correferencialidade parcial. Já em ocorrências não-apositivas, *por exemplo* é encontrado em fronteiras de constituintes ("...-sujeito", sujeito-verbo, verbo-complemento e, ainda, em fronteira final), desempenhando apenas função *focalizadora*, isto é, ressaltando anaforicamente ou cataforicamente (dependendo da posição do sintagma preposicionado) uma informação nova. Motivados pela multifuncionalidade desse fenômeno, buscamos também examinar, em âmbito diacrônico, sua origem e trajetória, a fim de legitimar tal diversidade funcional sincrônica apresentada nesse trabalho. Para que alcançássemos tal objetivo de pesquisa, baseamos-nos, principalmente, nos parâmetros de estratificação, divergência, especialização, persistência e decategorização, postulados por Hopper (1991), no pressuposto de unidirecionalidade de Heine et alli (1991), em que itens lexicais básicos ao se gramaticalizarem tornam-se abstratos. E, ainda, na gramaticalização como processo metafórico orientada por estágios, sugerido por Heine (1993). E, foi com base nesses pressupostos, que se procurou apresentar os aspectos da mudança desse fenômeno e indicar a hierarquização de seus usos. Para a realização de tal investigação, utilizaram-se corpora sincrônicos relacionados à língua falada dos projetos: "Fala Mineira", "*Corpus* de Conceição de Ibitipoca" e dados do "Projeto PROCON". Selecionamos também, como amostras de língua escrita, as seções de entrevista da Revista Cláudia, as páginas amarelas da Revista Veja/ Roberto Pompeu e artigos da Revista Veredas. Quanto aos *corpora* diacrônicos, contamos com o *Corpus* Diacrônico do Português, no entanto, tivemos acesso a apenas os séculos XIII, XIV, XV, XVII E XX. Examinamos, também, o *Corpus* Informatizado do Português Medieval, séculos XIV, XV, XVI, XVII, XVIII e XX; e, ainda, elegemos alguns textos avulsos dos séculos XVI, XVIII E XIX. Tais dados foram submetidos ao programa estatístico GOLDVARB (2001), cujos resultados foram extremamente significantes para comprovar as diversas funções atribuídas ao *por exemplo*.

Palavras-Chave: Sincronia, Diacronia e *Por Exemplo*.

¹ A pesquisa sobre *por exemplo* começou no projeto de Iniciação Científica denominado "cláusulas: o estatuto sintático, semântico e pragmático". Essa pesquisa revelou que *por exemplo* era caracterizado pela função de conector apositivo.

ABSTRACT

Studies around “for example”, initially, showed that this object characterized by the function of appositive connector, linking base unit and appositive unit. This function awakened our interest to the research and led us to investigate, synchronically, the possible functions and behaviors of “for example”. Thus, during the investigations of our data, find occurrences of such appositive and such non-appositive, both presenting an extremely peculiar characteristic: *mobility*. So when appositive, “for example” occurs in a) starting position, introducing appositive unit b) in the medial position, after words (nominal, propositioned or adverbial) introducer of affixing, and c) the border of constituents (subject - verb, verb-completion and final frontier), which, in addition to perform the focus function, has the characteristics of affixing symbolic, as the relationship-specific and general semantics partial correferenciality. In instances non-appositives, “for example” is found in borders of constituents (“...- subject”, subject-verb, verb-complement, supplement, complement, and in the final frontier), playing only focus function, ie emphasizing anaphorically or cataphorically (depending's position propositioned words) a new information. Driven by the multifunctionality of this phenomenon, we sought also examine, in part diachronic, its origins and trajectory, in order to legitimize such functional diversity synchronous presented in this work. To reach the objective of this research, base ourselves, mainly on the principles of stratification, divergence, expertise, persistence and decategorização, postulates by Hopper (1991), on the assumption unidirecionalidade of Heine (1991), in which the basic lexical items if gramaticalizarem become abstract. And yet, in the grammaticalization as metaphoric process guided by stages, suggested by Heine (1993). And, it was based on these assumptions, which sought present aspects of the change of this phenomenon and indicate the hierarchy of its uses. For the achievement of such research, used up *corpora* synchronous related to the language of the projects: "Speech Mining", "*Corpus* of Conception of Ibitipoca" and data of the "Project PROCON." Also selected as samples of written language, the sections of the Magazine interview Claudia, the yellow pages of Revista Veja / Roberto Pompeu and of the journal Veredas. For diachronic corporate, count on the *Corpus* Diacrônico do Português, however, have access to only the centuries XIII, XIV, XV, XVII and XX. Looked, too, the *Corpus* Informatizado do Português Medieval, centuries XIV, XV, XVI, XVII, XVIII and XX; and elected a brief avulses texts to the centuries XVI, XVII and XIX. These data were submitted to the statistical programme GOLDFARB (2001), whose results were very significant to demonstrate the various tasks assigned to eg.

Keywords: Synchrony, Diachrony and “for example”

Sumário

Introdução.....	10
Capítulo I–Fundamentação Teórica.....	14
1.1. Gramaticalização	14
1.2. Mudança Semântica.....	23
1.3. Aposição	31
1.4. Marcador/Conector.....	37
1.4.1. Marcador discursivo	37
1.4.2. Conector	40
1.5. Argumentação.....	46
1.5.1 O papel dos marcadores na argumentação.....	51
1.6. Focalização	55
Capítulo II – Fundamentação Metodológica	58
2.1. Constituição dos <i>corpora</i>	58
2.2. Os Grupos de Fatores	63
2.3. Objetivos de pesquisa	68
2.4. Hipótese de pesquisa	68
Capítulo III – O <i>por exemplo</i> Diacrônico.....	70
3.1. Como <i>por exemplo</i>	80
Capítulo IV – O <i>por exemplo</i> Sincrônico	83
4.1. <i>Por exemplo</i>	83
4.1.1 O <i>por exemplo</i> apositivo.....	83
4.1.2 O <i>por exemplo</i> não-positivo.....	87
4.2. A construção apositiva.....	89
4.2.1 A construção apositiva e a função pragmática de focalização.....	101
4.2.2 A aposição nas fronteiras de constituintes.....	105

4.2.3 Construção não-apositiva: fronteira entre constituintes e função focalizadora	106
Capítulo V – Análise quantitativa dos dados diacrônicos e sincrônicos	111
5.1 Dados diacrônicos.....	111
5.2 Dados sincrônicos.....	112
5.2.1 Dados sincrônicos escritos/falados	112
6. Conclusões.....	118
7. Referências Bibliográficas.....	121

INTRODUÇÃO

As investigações em torno de *por exemplo*, primeiramente², revelaram que esse item lingüístico caracterizava-se pela função de conector apositivo, interligando unidade base e unidade apositiva. A partir dessa descoberta inicial, baseando-nos em *corpora*, partimos em busca de novas funções/comportamentos de *por exemplo* e os resultados dessa análise mostraram ocorrências de *por exemplo* apositivo e *por exemplo* não-apositivo, ambos apresentando *a mobilidade* como critério de classificação funcional.

Assim, quando apositivo, *por exemplo* pode ocorrer em *posição inicial*, iniciando unidade apositiva; em *posição medial*, após sintagma (nominal, preposicionado ou adverbial) introdutor de aposição, ocorrendo nas fronteiras “...-sujeito” e sujeito-verbo. E, ainda, em algumas *fronteiras de constituintes* (verbo-complemento e fronteira final) que, além de apresentar-se como focalizador (por estar em fronteira), as características típicas da aposição (a relação semântica geral-específico e a correferencialidade parcial) são mantidas.

Em ocorrências não-apositivas, *por exemplo* é encontrado também em fronteira de constituintes (“... sujeito”, sujeito-verbo, verbo-complemento e, em fronteira final), desempenhando apenas função *focalizadora*, ressaltando anafórica ou cataforicamente uma informação nova.

² A pesquisa sobre *por exemplo* começou no projeto de Iniciação Científica denominado “cláusulas: o estatuto sintático, semântico e pragmático”. Essa pesquisa revelou que *por exemplo* era caracterizado pela função de conector apositivo.

Quadro I: as posições de *por exemplo* sincrônico

<i>Por exemplo</i> apositivo: função focalizadora e função apositiva	<i>Por exemplo</i> não-apositivo: função focalizadora
Posição inicial	<u>Fronteira de constituintes:</u>
Posição Medial (“...- <i>sujeito</i> e <i>sujeito-verbo</i>)	a) “...- <i>sujeito</i>
Entre fronteiras (<i>verbo-complemento</i> e <i>fronteira final</i>)	b) <i>Sujeito-verbo</i> b) <i>Verbo-complemento</i> c) <i>Fronteira final</i>

Os comportamentos encontrados em âmbito sincrônico necessitavam ser legitimados e, por isso, foi necessário ir além e buscar, em investigações diacrônicas, a origem e o percurso traçado por *por exemplo*. Assim sendo, nas análises diacrônicas, constatamos que esse item não é oriundo de *verbo* e sim, de um *substantivo*, o que revela a **diferença** entre esse e os outros conectores (*isto é, quer dizer, vale dizer e ou seja*) que são procedentes de verbo e, na qual o processo de gramaticalização³ se resume na mudança do paradigma de verbos para o paradigma de conectores⁴.

Como dissemos, a escolha desse tema foi motivada, inicialmente, por *por exemplo* pertencer à classe dos conectores apositivos (relativos a pesquisa sobre aposição – ver nota de rodapé) isto é, esse item, assim como outros conectores (*isto é, vale dizer, quer dizer*) apresentavam a função de conectar a unidade base à unidade apositiva. Entretanto, ao longo de diversas análises de dados referentes à pesquisa sobre aposição, descobrimos que *por exemplo*, por ser um elemento móvel⁵, não desempenhava apenas função de conector (apositiva), mas que poderia, também, desempenhar outras funções, como a de focalização

³ Hipotetizamos que o processo de gramaticalização de *por exemplo*, por ser oriundo de substantivo, seja diferente daqueles conectores procedentes de verbos.

⁴ De acordo com o que foi dito anteriormente, o nosso foco de interesse na presente pesquisa engloba tanto o funcionamento no estatuto categorial e semântico do sintagma preposicionado (sincronia) quanto às mudanças (diacronia), em consonância com as propostas da Teoria da Gramaticalização, sofridas por esse fenômeno.

⁵ A mobilidade é característica peculiar de *por exemplo*. Através dessa mobilidade, esse item lingüístico é capaz de ocorrer em diversos pontos da unidade, apresentando diferentes aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos.

(não-apositiva). Dessa forma, baseando-nos nessa multifuncionalidade de *por exemplo*, continuamos os estudos e constatamos, em investigações diacrônicas, que esse elemento lingüístico não é oriundo de *verbo* e sim, de um *substantivo*.

Perante o que foi dito, hipotetizamos que, em plano sincrônico, a “mobilidade” (característica peculiar de *por exemplo*) é a grande responsável pelas diversas funções e comportamentos de *por exemplo*. E, em plano diacrônico, acreditamos que, *por exemplo*, por ser procedente de um substantivo, apresente um processo de gramaticalização diferente daquele encontrado nos verbos, atestado por Heine (1993).

Para discutir as questões relacionadas a essa temática, organizamos esta dissertação em capítulos. No primeiro capítulo, apresentamos os pressupostos teóricos da gramaticalização, introduzindo os principais teóricos e suas respectivas postulações e, ainda, analisando e discutindo a mudança de *por exemplo* perante essas teorias. A aposição apresenta o *por exemplo* quando esse ocorre em unidades apositivas, estabelecendo as relações semânticas de correferencialidade parcial e geral-específico. A teoria sobre marcador e conector tem como objetivo principal diferenciar *por exemplo* quando em unidades apositivas e quando em unidades não-apositivas. A argumentação vem mostrar que *por exemplo*, em unidades apositivas, possui a função de sustentador de uma determinada tese (ponto de vista). E, por fim, a focalização que tem por objetivo mostrar que o *por exemplo* é focalizador quando em fronteiras de constituintes.

O segundo capítulo apresenta a organização metodológica dos dados. Assim, no plano diacrônico, selecionamos e organizamos os dados escritos do *Corpus Diacrônico do Português*, séculos XIII, XIV, XV, XVII e XX; do *Corpus Informatizado do Português Medieval*, séculos XIV, XV, XVI, XVII, XVIII e XX. E, ainda, elegemos alguns textos avulsos dos séculos XVI, XVIII e XIX. Já no plano sincrônico, selecionamos e organizamos dados escritos das seções de entrevista da *Revista Claudia*, as páginas amarelas da *Revista*

Vejal Roberto Pompeu e artigos da *Revista Veredas*. Examinamos também, amostras de língua falada dos Projetos: *Fala Mineira*, *Corpus de Conceição de Ibitipoca* e *PROCON*.

No terceiro capítulo, proporcionamos uma investigação diacrônica detalhada de estágio a estágio, mostrando a evolução de um item básico, pleno a um item mais gramaticalizado. Para esse estudo, como já dissemos anteriormente, contamos com dados de escrita que vão do século XIII/XIV ao século XX.

Dedicamos o capítulo 4 à análise sincrônica de *por exemplo*. Nesse capítulo, foi realizada, primeiramente, a investigação dos dados sincrônicos e, logo, obtivemos a comprovação dos diversos comportamentos de *por exemplo*: *por exemplo* apositivo inicial, *por exemplo* apositivo medial e *por exemplo* apositivo em fronteira de constituintes e, ainda, *por exemplo* não-apositivo (focalizador).

No capítulo 5, procedemos a um estudo quantitativo por meio do Programa GOLDVARB 2001. Através dessa análise estatística, buscamos validar as hipóteses formuladas.

CAPÍTULO I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 Gramaticalização

O princípio básico da gramaticalização prevê que, a partir de uma motivação sócio-cognitiva, um item lexical se torne um item gramatical ou que um item menos gramatical se torne um item mais gramatical, por meio de um *processo unidirecional*. A estrutura gramaticalizada pode sofrer perdas de seu conteúdo semântico original (ou adquire novas funções), levando, na maioria dos casos, à abstratização dos sentidos das estruturas.

Hopper (1991) considera a gramaticalização como um processo histórico que pode ser estruturado a partir de alguns parâmetros. Segundo o autor, com a postulação de tais parâmetros, conseguimos avaliar o grau de gramaticalização de um determinado item em estágios iniciais.

O autor indica cinco parâmetros que podem ser identificados como: *estratificação ou camada*, na qual, havendo o processo de gramaticalização, novas formas surgem dentro do sistema lingüístico e passam a *coexistir* com as formas antigas. As formas antigas não desaparecem imediatamente e conseqüentemente passam a interagir com as emergentes. A *divergência* é aplicável a casos em que um item lexical autônomo torna-se gramaticalizado em um contexto⁶ e não em outro contexto. Tal parâmetro é considerado um aspecto oriundo da estratificação, uma vez que há uma coexistência de formas dentro do sistema. Na *especialização*, como o próprio nome já diz, a forma emergente se especializa, adquire uma nova matriz semântica, mais abstrata. A *persistência* ocorre quando a forma, após passar pelo processo de gramaticalização, continua com vestígios de seu significado original e particularidades de sua história podem ser refletidas sobre sua distribuição gramatical; e como

⁶ A noção de contexto deve ser compreendida como um conhecimento que os falantes e ouvintes possuem acerca das instituições sociais, das necessidades e desejos do outro, da natureza e da cognição humana. Além disso, analisam como esse conhecimento guia o uso da linguagem e a interpretação das sentenças. (Schiffrin 1994). O contexto é um fator extremamente importante nas análises de dados, já que muitas vezes, as dificuldades atestadas são solucionadas somente com a ajuda dessas informações contextuais.

último parâmetro, encontramos a *deategorização*, que se caracteriza pela redução do estatuto categorial de itens gramaticalizados. Após o processo de gramaticalização, as formas perdem ou neutralizam marcas morfológicas e categorias sintáticas características das categorias plenas nome e verbo, e assumem características próprias de categorias secundárias como, adjetivo, preposição etc.

Os parâmetros de Hopper (1991:22) descritos podem ser aplicados, efetivamente⁷, ao item lingüístico. Assim, é possível notarmos a **estratificação**, pois, a forma original (substantivo *exemplo*, encontrado em dados diacrônicos) coexiste com outras formas, sendo essas apositivas e não-apositivas. No **parâmetro da divergência**, encontramos a forma diacrônica *híbrida* (combinação de traços do substantivo *exemplo* e *por exemplo* não-apositivo focalizador) que, suscetível a mudanças, gera uma nova forma não-apositiva, denominada *por exemplo* focalizador. Logo, *por exemplo* não-apositivo *focalizador*⁸, dotado de matriz semântica mais abstrata, tem a função de representar a **especialização**. Já a **persistência** consiste na manifestação de traços do significado original na forma gramaticalizada. No item lingüístico analisado, observamos a perda do traço semântico [+virtude], (que ocorre a partir da forma híbrida e se concretiza na forma não-apositiva focalizadora) e a presença do traço [+exemplificação], que não se perdeu. Por isso, dizemos que esse é o traço que caracteriza a persistência do item original na forma gramaticalizada. E, por último, a **deategorização**, extremamente notável na gramaticalização de nosso fenômeno, pois de categoria plena de substantivo, *por exemplo* passa a marcador (não-apositivo) e a conector (apositivo).

Os parâmetros de Hopper, além de serem construídos na intenção de constatar os estágios iniciais da gramaticalização, complementam os parâmetros sugeridos por Lehman (1985): paradigmaticização, obrigatorificação, condensação, coalescência e fixação, cuja

⁷ Dizemos *efetivamente*, pois a gramaticalização ocorre da diacronia para a sincronia.

⁸ *Por exemplo* não-apositivo focalizador aparece no século XVI, mas persiste ao longo dos séculos ocorrendo, dessa forma, em dados sincrônicos.

finalidade da aplicação é verificar os estágios mais avançados da gramaticalização, na qual a estrutura já se encontrava fixa e obrigatória.

Segundo Heine (1991:48), a principal motivação da gramaticalização é a atividade cognitiva, que apresenta uma relação dêitica de caráter egocêntrico, partindo de experiências humanas e estendendo-se a domínios mais distantes: **PESSOA> OBJETO> ATIVIDADE> ESPAÇO> TEMPO> QUALIDADE.**

De acordo com essa abordagem, a gramaticalização é interpretada como o resultado de um processo denominado “*problem-solving*” (característica principal da metáfora), na qual um termo é expresso em termos de outro. Assim, na passagem de domínios (domínio fonte para o domínio abstrato), as expressões que caracterizam o domínio básico servem para expressar estruturas pertencentes ao domínio abstrato, através do processo *metafórico*, que, segundo Heine (1991: 45), é um dos mecanismos mais importantes que envolvem a gramaticalização. Porém, nessa transição, ocorre geralmente um processo denominado “bleaching”⁹, ou seja, *uma perda do conteúdo semântico original*: “bleaching é um filtro que peneira o conteúdo apropriado do núcleo semântico”. (Heine 1991:40)

Dessa forma, significados muito complexos, pertencentes ao domínio-fonte, são amortizados em significados menos complexos, porém mais gramaticalizados do domínio-alvo.

“Usually, this view implies that the process concerned acts as a filtering device that shifts out everything except the semantic core. In this way, complex meanings are reduced to less complex but more grammatical contents” Heine et al. (1991:40).

O processo de gramaticalização defendido por Heine (1991) em que um item lexical, por meio de um processo metafórico, passa a um item gramatical apresenta-se a partir do *princípio da unidirecionalidade*. Ou seja, a unidirecionalidade é um princípio que rege a

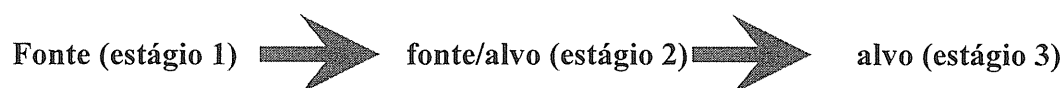
⁹ O “bleaching” de fato ocorre, porém apenas nos estágios finais de gramaticalização. (Traugott 1988, *apud* Heine 1991: 40)

gramaticalização e o seu pressuposto fundamental é que os itens lexicais básicos (domínio fonte), se gramaticalizam, por meio de processos metafóricos-metonímicos, tornando-se gramaticais, abstratos (domínio abstrato) e que *o processo inverso é extremamente incomum*¹⁰.

Em estudos realizados posteriormente, Heine (1993) confirma os conceitos sobre gramaticalização: as estruturas que são mais difíceis de serem acessadas, compreendidas ou mesmo descritas podem ser imediatamente acessíveis a partir de conteúdos mais básicos, mais concretos (esse processo é possível a partir de associações/relações metafóricas entre as estruturas básicas e as estruturas abstratas). Por essa razão, o autor conclui que os conceitos gramaticais são quase invariavelmente derivados de domínios concretos, das classes de nomes e verbos¹¹ (baseando-se no princípio da unidirecionalidade).

Como já mencionamos anteriormente, os conceitos gramaticais são derivados dos conceitos básicos a partir da passagem de traços do domínio-fonte para o domínio-alvo. Quando uma expressão lexical, pertencente ao conceito-fonte, é transferida para designar um conceito gramatical, gera ambigüidade, já que uma mesma expressão serve, simultaneamente, para se referir a dois diferentes conceitos.

Vejamos os estágios percorridos pela gramaticalização propostos por Heine (1993)

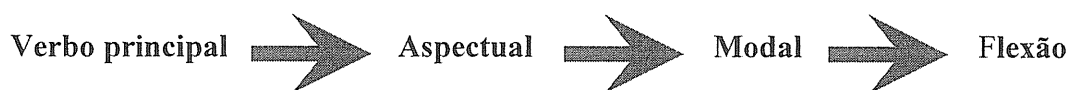


¹⁰ Segundo HEINE (1991), a passagem de um item abstrato para um item concreto (degramaticalização) não é impossível de ocorrer, porém as recorrências são muito escassas e, por isso, não são levadas em conta.

¹¹ Mais uma vez o autor defende intensamente a questão básica da gramaticalização, em que itens gramaticais evoluem a partir de itens lexicais.

O estágio 1 se refere ao item lexical em sua forma mais plena, o estágio 2 é marcado pela ambigüidade, ou seja, envolve os conceitos fonte e alvo e no estágio 3, apenas o conceito alvo é possível.

No estudo de verbos, a passagem de um item lexical a um gramatical se dá de maneira contínua (não pára até certo ponto), porém discreta. Por isso, esse processo pode ser esquematizado a partir de um *continuum* em que o item lexical (verbo) vai se tornando gramaticalizado, adquirindo, primeiramente, traços aspectuais, logo, traços modais até chegar à flexão, que é o ponto máximo da gramaticalização.



A gramaticalização representada pelo *continuum* não ocorre por acaso, há uma série de processos conectados entre si.

Para Heine (1993:54), são *quatro parâmetros que formam o fluxo de gramaticalização*: a *dessemantização* ou “bleaching”, que é a perda do conteúdo semântico original encontrado no léxico. A *deategorização*: neutralização de marcas morfológicas e categorias sintáticas características das categorias plenas nome e verbo e aquisição de traços próprios de categorias secundárias como, adjetivo, preposição etc. A *cliticização* que leva a perda do conteúdo lexical, aumentando a função de “operador”. E, por fim, a *erosão*, que é a perda do conteúdo fonológico e caracteriza estágios mais avançados de gramaticalização.

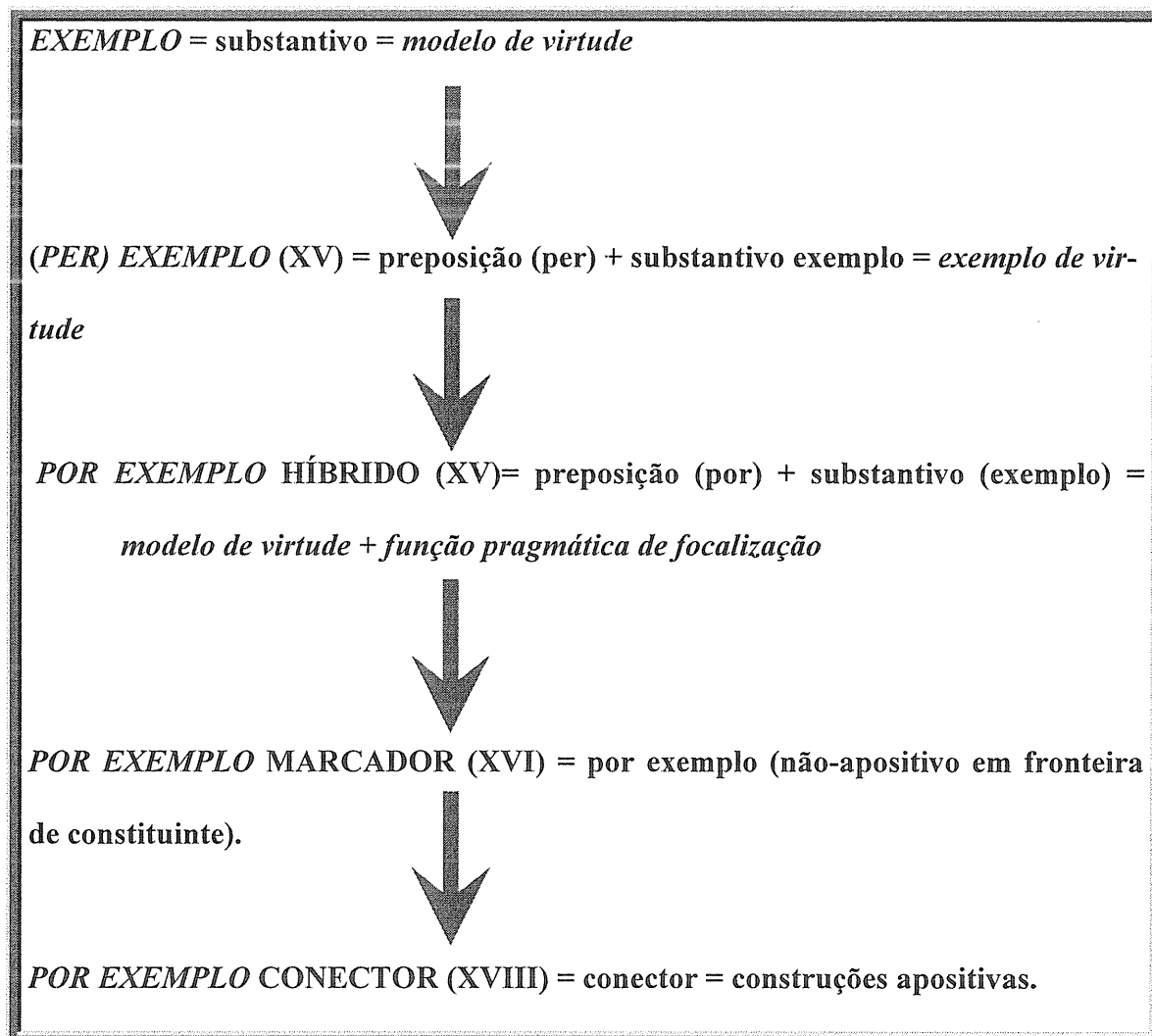
Aplicando tal proposta aos nossos dados, certificamos que *a gramaticalização categorial de “por exemplo”* apresenta-se como um fenômeno que acompanha parcialmente o fluxo de gramaticalização proposto por Heine (1993:54). Dessa forma, encontramos traços de *dessemantização*, quando o *por exemplo* perde o traço [+virtude], que lhe é peculiar em estágios iniciais de gramaticalização, restando somente o traço de exemplificação;

encontramos também a *deategorização*, ou seja, percebemos que de uma categoria plena de sintagma nominal (*exemplo*) e sintagma preposicionado (*por exemplo*), *por exemplo* atinge a categoria de conector/marcador discursivo. No *continuum* de Heine (1993), por tratar-se de verbos, a *cliticização* é um estágio recorrente. No entanto, não a encontramos nos estudos sobre *por exemplo*, já que esse classifica-se como um sintagma preposicionado e não como um verbo. E, para finalizar, o último estágio indicado, a *erosão*, que representa a perda fonológica, não ocorre na investigação de *por exemplo*. Temos, de fato, um acréscimo fonológico, ou seja, um sintagma nominal “*exemplo*” que passa a sintagma preposicionado “*por exemplo*”.

Propomos a seguir o quadro II¹², a partir das análises dos *corpora* em que são percebidas as transformações do substantivo *exemplo*.

¹² O quadro II será retomado na página 76

Quadro II: as transformações do substantivo “exemplo”.



O quadro anterior mostra os estágios pelas quais passa o *por exemplo*. Primeiramente, encontramos o substantivo *exemplo* (*em categoria plena*), que apresenta a característica de virtude, modelo de honra. Logo, no século XV, surge (*per*) *exemplo*, a preposição atrelada ao substantivo, que apresenta o mesmo sentido de *exemplo* (substantivo), modelo de virtude, nesse momento, já se iniciava o processo de **ganho fonológico**. No mesmo século (XV), verificamos a ocorrência de *por exemplo* híbrido que mantém o significado de “modelo de virtude” e acumula a função pragmática de focalizador. Já é possível notarmos um enfraquecimento de sentido do traço [+virtude], portanto, o início da dessemantização. O ganho fonológico já estava concretizado. O *por exemplo* focalizador ocorre efetivamente

apenas a partir do século XVI, nesse caso, percebemos uma perda considerável do traço [+virtude], daí o processo de dessemanticização se completa. Mais tarde, no século XVIII, convivendo com *por exemplo* focalizador, encontramos *por exemplo* apositivo, livre da característica [+virtude].

Hopper & Traugott (1993:68) também mostram o fluxo da gramaticalização orientada por estágios. Porém, diferentemente daqueles apresentados por Heine (1993:54), os autores afirmam que os primeiros estágios desse processo são realizados a partir de estratégias cognitivas e que a mudança é inicialmente *pragmática* (acreditam que a motivação da gramaticalização se deve à importância do papel dos participantes da comunicação, pelas *interações* entre falante e ouvinte) e *associativa* (não-arbitrária), surgindo do contexto de fluxo do discurso. Nos estágios finais, as formas tornam-se padronizadas (fixas), podendo ocorrer perda de significado, ou seja, a forma gramaticalizada perde parte do conteúdo semântico que era encontrado na forma original. Tal perda semântica é denominada *bleaching*. No entanto, os significados antigos (originais) podem conviver com os significados emergentes (estratificação).¹³

“At later stages, as grammaticalization continues and forms become routinized, meaning loss or bleaching occurs...” (Hopper & Traugott, 1993:68).

Os autores enfatizam que em fases INICIAIS do processo de gramaticalização não devemos falar em perda semântica, mas em redistribuição ou redirecionamento do significado:

“There is no doubt that over time, meanings tend to be come weakened during the process of grammaticalization. Nevertheless, all the evidence for early stages is that initially there is a redistribution or shift, not a loss, of meaning”. (Hopper & Traugott, 1993: 88).

Essa questão do redirecionamento de significado fica ainda mais claro quando tomamos como exemplo o caso do inglês “to go”. Em seu processo de gramaticalização

¹³ Menção a um dos parâmetros postulados por Hopper (1993) – a estratificação: coexistência de significados novos e os antigos.

ocorreu a perda do traço de movimento físico, porém houve o ganho do traço de intenção ou predicação de futuro. Dessa forma, não ocorreu perda, e sim mudança, redistribuição.

De forma semelhante ao verbo “to go”, proposto por Hopper & Traugott (1993), acreditamos que, no estudo sobre *por exemplo*, tenha ocorrido a redistribuição, pois percebemos que o traço [+virtude], encontrado nos estágios iniciais de gramaticalização¹⁴ (em “*exemplo*” e em *per exemplo*), não mais ocorre nos estágios finais (em *por exemplo* não-apositivo e em *por exemplo* apositivo). No entanto, nesses estágios avançados, na qual, o traço semântico [+virtude] não é detectado, aparecem outras características semânticas como a relação geral-específico (intenção do falante de primeiramente falar aquilo que é geral para depois especificar), tão recorrente nos dados positivos de *por exemplo*.

¹⁴ Ver processo de gramaticalização de *por exemplo* (pg 16/17), baseado nos parâmetros de Hopper (1991).

1.2 Mudança Semântica

Bybee, Perkins e Pagliuca (1994:282) mostram que a passagem de um item lexical a um item gramatical é proporcionada através de mecanismos de mudança, que são satisfatoriamente analisados em textos onde um item se encontra em processo de transformação.

A partir da análise de estruturas em mudança, esses autores encontraram evidências de cinco mecanismos que motivam tal processo: metafórico, inferência, generalização, harmonia e absorção (do significado contextual).

a) *O primeiro mecanismo* que se verifica em um processo de mudança é o *mecanismo metafórico*, reconhecido entre os significados lexical e gramatical. Isto é, quando um item lexical desenvolve-se em um item gramatical, a partir do processo de gramaticalização, sempre ocorre o processo metafórico.

Segundo os autores, os melhores exemplos de mudanças metafóricas são aquelas em que as partes do corpo servem para expressar conceitos espaciais. Apesar de esses conceitos metafóricos espaciais aparecerem apenas em alguns limitados contextos, é a partir de seu uso freqüente que ocorrerá a generalização e, então, o surgimento do *status* gramatical.

É importante esclarecer que o processo metafórico envolve *mudança brusca*¹⁵, enquanto a *gramaticalização* manifesta *gradualidade* no processo. Muitas vezes, para explicar essa mudança gradual, surge um *segundo processo* na gramaticalização, que é pragmático, envolvendo a reinterpretação do contexto- induzido (inferência) e metonímia.

“Seem to be arguing that both metaphor and inference are involved in all grammaticization changes” (Heine et al. 1991 b, *apud* Bybee, Perkins Pagliuca, 1994:283).

¹⁵ “Recognize that metaphorical transfer entails an abrupt shift from one domain to another, while grammaticalization is a gradual process”. (Heine et al. 1991 b, *apud* Bybee, Perkins e Pagliuca 1994:283).

Porém, esses autores consideram a inferência e a metáfora mecanismos diferentes de mudanças que ocorrem em diferentes situações.

b) *O mecanismo de inferência*, segundo Bybee, Perkins e Pagliuca (1994:285)¹⁶, é realizado pelo ouvinte como estratégia para compreender aquilo que o falante *quer dizer*, assim, *através desse mecanismo o falante apreende conceitos contextuais e forma novos significados que serão inseridos ao item gramatical*

No entanto, para validar a mudança por meio da inferência é necessário estudar textos, usando o item gramatical antes da mudança para verificar se, realmente, esse item foi modificado por inferência ou não (Bybee, Pagliuca e Perkins 1994: 25-26).

c) *No mecanismo de generalização*, há perda de traços característicos do significado com a conseqüente expansão de contextos apropriados para o uso do conceito gramatical.

O contexto é também tema relevante no processo de generalização. Diferentemente da mudança por inferência, como dissemos anteriormente, em que o falante transfere do contexto o significado, inserindo o conceito na construção gramatical, na generalização, o uso em diferentes contextos causa mudança, contribuindo para perdas de traços de significado e conseqüentemente ascensão do item gramatical.

Além da metáfora e da inferência, os autores supracitados (1994:290) reforçam, a partir de evidências, que a generalização também é um mecanismo independente de outros processos. Eles levantam as seguintes considerações:

c.1) *a generalização é gradual*, passando por todas as etapas de atividades, desde as mentais até as que indicam habilidade física. Já o *mecanismo metafórico é abrupto*, podendo não passar por todas as etapas.

c.2) O desenvolvimento do verbo inglês “to go” deve ser compreendido como *generalização*. Porém, essa mudança acarreta discussão, pois na passagem de domínios

¹⁶ “the speaker implies more than she/he asserts, and the hearer infers more than is asserted”. Bybee, Perkins e Pagliuca (1994: 285)

especiais para domínios temporais faz-se uma comparação com as *mudanças metafóricas*. No entanto, não há motivo para chamar de metafórico o significado temporal de construções progressivas, já que em mudanças para o significado temporal é a única direção que guia o aumento na frequência para ocorrer a gramaticalização da construção.

d) O *mecanismo da harmonia* representa os estágios finais de gramaticalização, no momento em que o elemento em mudança já perdeu grande parte de seu material semântico. Devido a essa falta de material semântico, esse elemento não será um contribuinte de significado à oração. Esses casos são aplicados diretamente aos *modais*.

“Modal elements such as British *should* are used in subordinate clauses where their modal force agrees with or harmonizes with the modal force of the main clause. In such circumstances, the modal element does not contribute additional meaning to the sentence”. (Bybee, Perkins e Pagliuca 1994:293).

e) O *mecanismo de absorção de significado contextual* é muito importante para a fundamentação da mudança semântica. É a partir do contexto que a mudança se torna possível, por isso, após a generalização (que consiste na ampliação do uso de uma determinada forma em diferentes contextos, acarretando perda de traços de significado), devido à perda de traços característicos do significado, há um aumento significativo da dependência do contexto.

Como dissemos, Bybee, Pagliuca, Perkins (1994:282) mostram que há muitos mecanismos¹⁷ ou tipos de mudança que promovem o item gramatical, entretanto, acreditam na generalização como o mecanismo que realmente pode ser explicado, pois é através desse que se esclarece a *perda das especificidades do significado*. Assim sendo, um item lexical, ao se

¹⁷ É importante salientar que a noção de mecanismo para esses autores representam a tentativa de descobrir aquelas estruturas que operam na língua em uso e que eventualmente geram categorias gramaticais.

tornar freqüente, se *generaliza*, a partir de **extensão metafórica**¹⁸ tornando-se um item gramatical.

We do not restrict our interest in grammaticalization to the transition between lexical to grammatical *status*, but rather recognize the same diachronic process at work in a long chain of developments. Included are changes in lexical morphemes by which some few of them **become more frequent and general in meaning**, gradually shifting to grammatical *status*, and developing further after grammatical *status* has been attained. (Bybee, Pagliuca & Perkins 1994: 4 a 5).

Para exemplificar esse processo, os autores utilizam os verbos “to go” e, também, o verbo “to come”, que não são utilizados apenas em contextos de movimento, mas sim em uma ampla e variada gama de situações, como em contextos espaciais, contextos intencionais etc.

No exemplo do verbo inglês “to go” supracitado, observamos a ocorrência do mecanismo de generalização (mecanismo considerado pelos autores como metafórico), no entanto, os autores reconheceram que no processo de gramaticalização (que gera significado gramatical) há o envolvimento de mais de um mecanismo ou tipo de mudança. Isto é, um vocábulo, com o seu sentido original se *generaliza a partir de uma extensão metafórica* - relações associativas entre os elementos – passando a ter um novo significado (entretanto, formas novas e antigas convivem¹⁹) mais abstrato, mais geral, que pode estar presente em contextos variados.

Bybee, Pagliuca & Perkins (1994:10) mostram que termos que envolvem as partes do corpo em construções gramaticais também indicam muito bem a generalização por extensão

¹⁸ Os autores mencionados argumentam que algumas mudanças são descritas por *extensão metafórica*, de um domínio ao outro. De fato, existe uma relação metafórica entre conceitos concretos e gramaticais, porém não é o mecanismo mais importante para a mudança semântica, já que só a observamos em estágios iniciais (mais lexical) e em estágios finais (mais abstrata).

¹⁹ É importante lembrar que Bybee, Pagliuca & Perkins (1994) relembram os parâmetros postulados nos trabalhos de Hopper (1991) e principalmente o princípio da “camada” ou “estratificação” ao mencionarem que novos significados podem conviver com os antigos significados. Ou seja, o sentido inicial, original convive com os sentidos que já se tornaram gramaticalizados.

metafórica: o termo “face” (indicador corporal) pode ser encontrado em construções cujo significado sugere “em frente a” (indicador espacial), daí seu uso metafórico.

Certainly “face” must be considered quite specific in its meanings, referring as it does to a very specific and complex part of the human body. But note that it is not “face” with its specific body part meaning that enters into grammatical constructions. Rather “face” generalizes perhaps by metaphorical extension to mean “front”, and only after on the sense of a general spatial relation does it enter into the gramaticalization path by which it can become a spatial adposition. (Bybee, Pagliuca & Perkins 1994:10).

Nesse processo de generalização, que se deve à aparição de um termo em variados contextos, somos capazes de presenciar a *redução semântica*, isto é, a perda do conteúdo semântico original encontrado no item lexical (“bleaching”) e também a *erosão fônica*, na qual, o item gramaticalizado se torna menor, reduzido. A partir das reduções semânticas e fonológicas, conseqüentemente, o item gramatical adquirirá maior rigidez sintática e ainda maior dependência contextual.

Outro ponto a ser destacado é o caráter unidirecional da mudança, isto é, esse processo ocorre somente em uma direção: do item lexical ao item gramatical. Nesta passagem, a frequência do uso de uma determinada estrutura lexical promove a *generalização* (ampliação do uso daquele item em variados contextos), no entanto, essa generalização causa a *perda* tanto de conteúdo semântico quanto fônico. Essas perdas permitem constatar a unidirecionalidade do processo, pois não é possível recuperar aqueles segmentos e desfazer o processo.

Em virtude do que foi dito anteriormente, é importante destacarmos que, em um estudo diacrônico de *por exemplo*, encontramos primeiramente a forma “exemplo”, o substantivo, cujo significado representa *modelo de algo virtuoso*. Mais tarde, ao longo dos séculos, surge *por exemplo*, carregando ainda o significado de “modelo de virtude”. Devido à frequência com que essa forma é usada, sofre aquilo que os autores supracitados chamam de

generalização. Assim, *por exemplo*, como modelo de virtude se estenderá a outros contextos, gerando “perda” semântica. Na verdade, hipotetizamos que essa perda semântica sofrida por *por exemplo* é a perda do **traço abstrato** [+virtude]²⁰, que ao longo do tempo, vai se tornando cada vez mais fraco, gerando, dessa forma, uma “concretização” do objeto. Em *por exemplo* híbrido (forma que surge logo após o *por exemplo* “modelo), que é o acarretamento de traços de *por exemplo* “modelo” e *por exemplo* “focalizador”, verifica-se o início da perda de traço de virtude. Porém, somente em *por exemplo* focalizador tal perda será mais clara. A erosão fônica, uma das conseqüências da generalização, não ocorre em *por exemplo*. Ao contrário, o substantivo “exemplo” passa a ser “*por exemplo*”, então, ocorre ganho, e não perda fônica.

Traugott (2005), abraçando os estudos inovadores sobre mudança, trata do papel do leitor como um participante ativo que não apenas lê de modo passivo, mas que é capaz de fazer inferências e as explorar de forma similar ao escritor. Dessa forma, tanto o falante/escritor como o ouvinte/leitor revelam a função de estabelecer um sentido comunicativo.

Seguindo a direção de que tanto falante/escritor quanto ouvinte/leitor são importantes para construir o sentido da interação, Traugott (2005:24) afirma que *a mudança semântica se dá pragmaticamente*²¹, *pela negociação de significado entre falante e ouvinte*.

“(…)As pointed out by Bartsch: “ semantic change is possible because the specific linguistic norms, including semantic norms, are hypothetical norms, subordinated to the highest norms of communication (the pragmatic aspect of change)” (Traugott 2005: 24)

Além do caráter pragmático, a mudança semântica é caracterizada por sua regularidade²². Isto é, a partir do processo em que um item concreto se torna abstrato, prevê-se a *unidirecionalidade da mudança*: TEMPORAL>CONDICIONAL (não vice-versa);

²⁰ Segundo Lima-Hernandes, em comunicação pessoal, é possível considerar a [virtude] como traço de PESSOA quando aplicamos o continuum de Heine et al. (1991).

²¹ Traugott (2005) confirma as posições tomadas no trabalho realizado anteriormente – Hopper e Traugott (1993).

²² Confirma o que havia dito de unidirecionalidade no trabalho de 1993, realizado juntamente com Hopper.

TEMPORAL>CONCESSIVA (não vice-versa); DEÔNTICO>EPISTÊMICO (não vice-versa).

É importante comentar que assim como Bybee, Perkins e Pagliuca (1994: 283 - 294) apresentam os cinco mecanismos da mudança semântica, ressaltando a generalização/metáfora como fatores decisivos desse processo, Traugott (2005:27) *apresenta dois mecanismos principais de mudanças morfossintáticas e fonológicas: a reanálise e a analogia.*

Para a autora, a reanálise foi considerada um dos principais fatores na mudança morfossintática e o ponto para modificações gramaticais profundas que conseqüentemente acarretariam mudanças radicais no sistema lingüístico. Enquanto a reanálise se desenvolve como um ambiente adequado para ocorrerem mudanças, a analogia/extensão reconhece-a como um espaço propício para as generalizações.

No caso de *por exemplo*, encontramos o mecanismo de reanálise a partir da relação geral-específico, já que, até então, encontrávamos apenas *por exemplo* não-apositivo (focalizador) em fronteira de constituintes.

Para Traugott (2005:27), *os principais mecanismos de mudança semântica* são: a metaforização (mapeamento analógico/operação entre domínios) e a metonimização (base metonímica para as metáforas).

Likewise in semantic change, two mechanisms are usually recognized, metaphor and metonymy. For example, Nerlich and Clark have argued that “the trick of being innovative and at the same time understandable is to use words in a novel way the meaning of which is self evident” and that in essence “there are only two main ways of going about that: using words of the near neighbours of the things you mean (metonymy) or using words for the look-alikes of what you mean (metaphor)” (Traugott 2005:27).

A autora menciona que a mudança semântica não pode ser estudada sem a compreensão do termo polissemia. Cada mudança envolve não somente a substituição de um

termo pelo outro, mas também o convívio, a coexistência de um termo (antigo) com outro (emergente). Essa coexistência de elementos que apresentam um fio condutor de significado é chamada de *polissemia*. Para exemplificar, tomamos como modelo a expressão da língua inglesa “as long as”²³: esse termo por ter se gramaticalizado apresenta ora evidências temporais ora, espaciais. Porém ambas coexistem.

²³ Exemplo retirado de Traugott (2005:36)

1.3 Aposição

Sabemos que a *aposição* é um termo extremamente complexo de ser definido, pois essa relação pode, muitas vezes, ser confundida com outras, que são consideradas próximas. Apesar da complexidade do termo, Halliday (1985) descreve a aposição como uma relação lógico-semântica entre duas unidades, sendo que a *unidade apositiva expande a outra, expandindo o significado da primeira, clarificando a informação e até mesmo adicionando detalhes*.

Como dito anteriormente, delimitar fronteira para as ocorrências da aposição é muito complexo e, sabendo disso, Meyer (1992:39) classifica a construção apositiva através de características sintáticas e semânticas para tentar amenizar as dificuldades existentes entre fronteiras de construções apositivas e outros tipos de relações.

Quanto aos *traços sintáticos*, a aposição é uma **construção** definida como duas *unidades* dotadas de formas sintáticas variadas: sintagmas nominais, orações, sentenças e unidades. Dentre os *corpora* analisados, o autor admite a grande recorrência dos sintagmas nominais, demonstrando que pelo menos uma unidade dentro da construção apositiva representa essa categoria.

Assim como Meyer (1992), levamos em consideração a aposição como uma *construção*²⁴ *composta de unidades lingüísticas menores*. Se considerássemos a aposição como uma *relação entre orações*, não poderíamos explicar as ocorrências encontradas nos dados.

Vejamos o exemplo seguinte retirado do *corpus* sob análise:

²⁴ A noção de construção (Escola de Praga) postula que as unidades do plano inferior tenham por função “construir” as unidades do plano superior, e que as unidades do plano superior sejam compostas de unidades do plano inferior, podendo assim as unidades do plano inferior ser classificadas de acordo com a sua função nas unidades do plano superior.

(1) A produção de um texto não acontece como uma seqüência linear dessas três atividades constitutivas, pois o trabalho que se desenvolve num desses níveis pode levantar questões pertinentes aos outros dois. Por exemplo, freqüentemente, quando decidimos pelo tipo de texto adequado à situação, vêm imediatamente à nossa memória algumas palavras chaves ou certas expressões formulaicas características, numa antecipação da atividade de verbalização (“vimos pela presente comunicar a antecipação a V. As.”, para o início de uma carta comercial; “nesses termos, pede deferimento”, para o fecho de um requerimento; “a família de fulano de tal cumpre o doloroso dever de comunicar aos parentes e amigos seu falecimento. Ocorrido no dia tal”, para uma nota de falecimento) – (Maria da Graça Costa Val - *O desenvolvimento do conhecimento lingüístico-discursivo: o que se aprende quando se aprende a escrever?* Revista *Veredas*, Vol 8)

O exemplo (1) representa a impossibilidade de considerarmos a aposição como uma *relação entre orações*. Esse caso encontrado (como na maioria dos nossos dados apositivos) representa a aposição como *construção*, constituída de unidade base (sublinhada) e unidade apositiva (em negrito) que são compostas por unidades lingüísticas ainda menores (formadas por várias orações, estabelecendo unidades).

Outra questão importante a ser notada nesse exemplo: a unidade apositiva está sendo salientada por meio do *desgarramento* e o conector *por exemplo* é a manifestação sintática da função de destaque, que atribui um grande realce para aquilo que vai ser dito. Segundo Decat (2004), é a necessidade de reforçar um ponto de vista, de dar realce, ênfase a um determinado aspecto nas orações relativas explicativas, que leva o produtor a utilizar a técnica do *desgarramento*. É a maneira que o produtor encontra de alertar o leitor para uma informação que não pode passar despercebida. A autora ainda mostra que o *desgarramento* é uma necessidade de destacar, focalizar informação em função da *argumentação*.

A constatação da autora é pertinente na aplicação aos nossos dados, pois, como pudemos notar no exemplo (1), a unidade apositiva (desgarrada por um ponto final e introduzida por *por exemplo*) insere função argumentativa, na qual, a *posição (ponto de vista, idéia do falante)* é representada pela unidade base e a *sustentação*, argumentação utilizada pelo falante para sustentar o ponto de vista/idéia apresentado (a), é realizada pela *unidade apositiva* que explica que a produção de um texto não ocorre de forma linear das atividades

constitutivas (*situação, cognição e verbalização* – segundo Castilho, 1989), mas que um desses níveis pode ser importante para a constituição dos outros dois.

Ainda em ambiente sintático, Meyer (1992:40 a 41) destaca a *gradualidade das construções apositivas*: é possível distinguir aquelas construções que são mais apositivas denominadas posições centrais daquelas que são menos apositivas, denominadas posições periféricas.

Alguns critérios, baseados na (in) dependência estrutural das unidades, são propostos pelo autor, para que possamos verificar se as construções são centrais ou se são periféricas:

- (1) A primeira unidade da posição pode ser apagada;
- (2) A segunda unidade da posição pode ser opcionalmente apagada;
- (3) As unidades da posição podem ser permutadas.

As construções que obedecerem ao maior número desses princípios serão denominadas *centrais*, enquanto as construções que não satisfizerem aos princípios representados serão chamadas *periféricas*.

A classificação das posições (central e periférica) é realizada a partir da nomenclatura coordenativa e subordinativa. Dessa forma, aquelas que são coordenativas são consideradas posições centrais (prototípicas), já que existe uma relação de independência entre as unidades, enquanto aquelas que são subordinadas, ocorrendo dependência entre as unidades, são posições periféricas.

Nogueira (1999:50), *retomando o trabalho de Meyer (1992)*, aponta a questão da prototipicidade a partir de outra perspectiva, ou seja, se em Meyer a prototipicidade revela fronteiras concretas, fechadas (as coordenativas apresentam as posições centrais, enquanto as subordinativas apresentam posições periféricas), Nogueira (1999:50) não prevê tal abordagem. Apesar da plena consciência de que o estabelecimento de fronteiras entre categorias é extremamente necessário (“se não for restringida, uma categoria poderia cercar o

universo de entidades”, p.50); a autora não acredita em fronteiras de categorias restritas, fechadas, ao contrário, adota certa fluidez nessas fronteiras, o que resulta em uma abordagem de protótipos, que de acordo com (Nogueira 1999:50, *apud* Givón 1995:12), permite tanto o fluxo nas margens, como a solidez no núcleo das categorias²⁵.

Meyer (1992:57) assente que, *semanticamente*, podemos considerar a aposição como duas unidades correferenciais. No entanto, nem todas as construções consideradas apositivas são correferenciais.

“(...) to restrict the relation of apposition to only those constructions whose units are coreferential severely limits the number of constructions that can be admitted as appositions (...)”.

Por isso, o autor propõe as *relações semânticas referenciais*²⁶ (correferência, parte/todo, referência catafórica) e *não-referenciais* (sinonímia, atribuição e hiponímia) como a melhor alternativa para garantir que construções distintas sejam classificadas como apositivas.

A *correferencialidade*, segundo Meyer (1992:58), ocorre quando as duas unidades da aposição se referem “**ao mesmo pedaço da realidade**”, podendo dar-se de duas maneiras distintas: a *correferência estrita* (as unidades são estritamente correferenciais porque há uma estrita conexão entre o significado das unidades e os referentes no mundo externo a que eles referem) e a *correferência do ponto de vista do falante* (os significados das unidades não são semelhantes, no entanto, a intenção do falante faz com que as unidades possuam o mesmo referente extralingüístico).

²⁵ De acordo com Wittgestein (1945, *apud* Taylor 1992 e Givón 1995), uma categoria apresenta fronteiras vagas, imprecisas, sem que, por isso, diminua sua utilidade comunicativa. Há realmente atributos tipicamente associados à categoria. Alguns membros compartilham desses atributos, outros compartilham outros atributos. O que parece caracterizar uma abordagem de categorização com base nas cadeias de semelhança de família propostas por Wittgestein é o fato de não haver nenhum atributo comum a todos os membros, e a cada um isoladamente, podendo acontecer de alguns membros não terem nada em comum com os outros. (Nogueira 1999:50)

²⁶ Reconhecemos que Lyons (1977:147) “atribui como referência aos enunciados que se destinam a dizer-nos alguma coisa sobre uma entidade (ou entidades) ou grupo (grupos) de entidades particulares”. No entanto, adotamos como base para nosso trabalho a proposta de relações referenciais e não-referenciais de Meyer (1992).

Meyer (1992:61) argumenta que em aposições cujas unidades são correferenciais existe uma exata correspondência entre as unidades e seus referentes, no entanto, *em outras aposições não há exata correspondência entre as unidades e seus referentes*. É o que ocorre em aposições que apresentam a relação semântica denominada por Lyons (1977:31 *apud* Meyer 1992:62) de *parte/todo*²⁷, *na qual a segunda unidade é incluída na referência da primeira unidade*.

Na análise dos dados, TODAS as ocorrências apositivas de *por exemplo* revelam a relação semântica geral-específico (parte/todo), por isso, presenciamos apenas a **correferencialidade parcial**.

Na literatura lingüística, a correferencialidade foi a relação semântica mais importante para a definição de aposição, porém, não se devem excluir as outras relações, tão importantes para o reconhecimento de construções apositivas: *todo/parte*, “a referência da segunda unidade é incluída dentro da referência da primeira” Meyer (1992:61,62), a relação *catafórica* se mostra presente quando a primeira unidade se refere cataforicamente a um termo da segunda unidade. Essas relações citadas são denominadas referenciais e são as que mais se repetem nos dados apresentados pelo autor. Porém, é necessário enfatizar que ainda há relações semânticas não-referenciais, menos recorrentes, como: a *sinonímia*, caracterizada pela identidade semântica entre elementos da aposição, as aposições *atributivas*, em que se encontram relações atributivas, uma das unidades possui um papel descritivo, classificatório em relação à outra unidade da aposição. E, por último, encontramos a relação não-referencial *hiponímica*, que pode se apresentar de duas formas: ou por inclusão de significado, em que a segunda unidade (positiva), caracterizada por apresentar traços específicos, é incluída na primeira unidade, mais geral. Ou, ainda, pela relação de significados superordenados/subordinados existentes entre as unidades.

²⁷ A relação *parte/todo* será identificada por nós como geral-específico.

Outro meio de classificar semanticamente as construções apositivas é por meio das *classes semânticas*. Meyer (1992:74) mostra que a *identificação*, a *apelação*, a *particularização* e a *exemplificação* apresentam maneiras de a segunda unidade da aposição ser mais específica do que a primeira unidade. A *caracterização* é o meio utilizado para mostrar que a segunda unidade é menos específica que a primeira e, ainda, o autor apresenta classes, como a *paráfrase*, a *reorientação* e a *auto-correção* para indicar que a primeira e a segunda unidades são semanticamente iguais.

As classes semânticas descritas também foram localizadas por Nogueira (1999), que as analisa como funções textual-discursivas, acrescentando também a avaliação e a reformulação.

Nogueira (1999:27) destaca um aspecto importante dentre as relações semânticas que são encontradas nas construções apositivas: a *correferencialidade* e a *sinonímia* caracterizam-se por apresentarem um ponto em comum, a *natureza centrípeta* (giro em torno de um centro).

“Para Câmara Jr. (1986:47), por exemplo, a aposição é uma “seqüência centrípeta”, isto é, que gira em torno de um centro, distinta de seqüência de caráter centrífugo, em que cada elemento tem seu próprio ponto de referência”. (*apud* Nogueira 1999:27).

Por fim, os estudos realizados por Dias (2004), em pesquisa sobre construções apositivas, revelam que a unidade apositiva pode ser introduzida por conector \emptyset ou por conectores, que são geralmente oriundos de verbos. Quando introduzida por conector \emptyset , podemos encontrar *ambigüidade* entre aposição e coordenação se a unidade B funcionar numa relação sinonímica com a unidade A. Tal ambigüidade desaparece quando a unidade apositiva é introduzida por um dos conectores: *ou seja*, *quer dizer*, *isto é*, *vale dizer* e *por exemplo*.

1.4 Marcador e Conector

1.4.1 Marcador:

Segundo Koch e Vilela (2001: 272), os marcadores constituem, ao lado dos pronomes, dos processos de repetição, da sinonímia, da antonímia e da hiponímia, e, ainda da anáfora associativa, etc., um dos meios privilegiados para ordenar, hierarquizar, ligar, tornar mais fluido *o movimento fórico construtor do discurso*.

Em Schiffrin (1987), vimos que os marcadores são elementos seqüencialmente dependentes que apóiam as unidades de fala. Tal apoio é definido com aparato catafórico e anafórico, dependendo da posição do marcador.

Segundo essa autora, reconhecemos um *marcador discursivo* porque certas características fazem com que ele se torne disponível como apoio, seqüencialmente dependente de unidades de discurso²⁸.

A partir dos dados analisados, chamamos de *marcador discursivo* as ocorrências em que *por exemplo* é FOCALIZADOR. Estabelecemos esse critério, pois, sendo focalizador, *por exemplo* se encontra em *fronteiras de constituintes* e, devido a essa condição, podemos observar, de modo satisfatório, a hierarquização, a ordenação discursiva. Isto é, dependendo da fronteira de constituinte em que *por exemplo* se encontre, além da *função exemplificadora*, obrigatoriamente, o marcador tende a *ordenar os constituintes de modo a focalizar* um determinado elemento, seja anafórica ou cataforicamente, oferecendo *apoio às unidades de fala*. As fronteiras de constituintes que ocorrem nos dados são: “...-sujeito”²⁹, *sujeito-verbo*,

²⁸ “É importante notar que “apoio” olha simultaneamente para frente e para trás – que o começo de uma unidade é o final de outra e vice-versa. É o caráter anafórico e catafórico dos marcadores que eu quero capturar”. (Schiffrin 1987:31) – tradução nossa.

²⁹ Por exemplo não-apositivo em fronteira “...-sujeito” será exemplificado apenas em nota de rodapé, devido as poucas ocorrências encontradas nos dados:

L1 de São Geraldo a Belo Horizonte cê andava uns trezentos

L2 duzentos

L3 é achei que era mais perto

verbo-complemento e fronteira final. Quando entre a fronteira “...-sujeito”, sujeito-verbo, *por exemplo* focaliza a informação de modo anafórico (foco em um item expresso anteriormente ao marcador), quando em fronteira verbo-complemento, *por exemplo* focaliza a informação de modo catafórico (ocorre a focalização em um item expresso posteriormente ao marcador) e, quando em fronteira final, a focalização também se dá de modo anafórico.

Observemos o exemplo retirado do *corpus* da pesquisa:

(2) A analogia funciona esquematicamente, ligando X e Y por meio de uma imagem em que seus equivalentes Z e W são ligados. Maquiavel, *por exemplo*, fala dos gauleses como guerreiros que começavam bem o combate, mas abandonavam facilmente o campo de batalha, o que, por analogia, sugeria que os franceses agiam da mesma maneira como aliados de Florença. (Raul Francisco Magalhães *A reconstrução da racionalidade no paradigma da linguagem: a contribuição da retórica – Veredas*, vol 8).

O *por exemplo* destacado é denominado marcador discursivo por apresentar como principal característica o elemento ordenador, hierarquizador do discurso. Nesse momento, a função do marcador *por exemplo* é exemplificar e ordenar o discurso de maneira que o elemento a ser focalizado seja o sujeito “Maquiavel”. Por isso, através da fronteira de constituinte **sujeito-verbo**, ocorre a *focalização anafórica do sujeito*.

Ainda, nesse exemplo, podemos perceber que o item lingüístico analisado realiza uma função pragmática. Isto é, nessa situação comunicativa (situação de uso), *por exemplo* ocorreu porque a intenção do falante é marcar, focalizar uma determinada informação. Se retirarmos o sintagma preposicionado, com certeza alteraremos a intenção comunicativa.

L1 não

L3 achei que era mais perto que Juiz de Fora

L1 ainda hoje **por exemplo** se você sair de São Geraldo e subir aqui por Ponte Nova que é o caminho mais perto pra você chegar a Belo Horizonte cê vai andar uns duzentos e cinquenta quilômetros

L3 é realmente é o dobro praticamente.

Aqui, *por exemplo* é apositivo, por apresentar as características peculiares da aposição como a correferencialidade parcial, a relação semântica de todo-parte e a questão argumentativa. E, ainda, apresenta a focalização por estar em fronteira de constituinte “...- sujeito”. Nesse caso, *por exemplo* focaliza o termo antecedente, representado por “ainda hoje”.

Assim, a partir das análises realizadas nos *corpora*, podemos afirmar que, além de ordenar, hierarquizar, ligar, os marcadores discursivos (inclusive *por exemplo*), apresentam a condição pragmática bem delineada no funcionamento da linguagem e, também, manifestam importantes aspectos que definem a sua construção textual-interativa (KOCH 1996:21), contribuindo, dessa forma, para a coesão e coerência textuais.

1.4.2 Conector:

Segundo Koch (2001:273), os conectores são elementos lexicais usados para *estabelecer conexões entre aquilo que precede ao que segue*, formando *movimentos fóricos que asseguram a função conectora*, sem qualquer desempenho no conteúdo proposicional e sem autêntico valor semântico (perda do valor semântico original).

A partir dos dados analisados, *denominamos conector textual as ocorrências em que por exemplo é APOSITIVO*. Acreditamos nesse critério, pois, sendo apositivo, *por exemplo é capaz de conectar a unidade base à unidade apositiva, exercendo a função básica de um conector (a conexão de unidades)*.

Outro critério adotado nessa classificação é baseado nos trabalhos de Koch e Vilela (2001:275), em que há conectores situados diretamente no plano nocional. É o caso do conector *por exemplo*, que possui *um pendor argumentativo*. Geralmente, quando argumentativo, esse item lingüístico encontra-se em *posição inicial*³⁰. Vejamos o exemplo abaixo, selecionado a partir do *corpus*:

(3) Ninguém nos Estados Unidos percebeu que o programa não é 100% real, tem algumas coisas que são inventadas, sim. *Por exemplo*, no segundo episódio em plena festa de aniversário da minha filha eu saio pra falar ao telefone com pacientes. Aquelas conversas não são de verdade. (Robert Rey - 10 de novembro de 2004, Revista *Veja*, páginas amarelas.)

Aplicando os pressupostos de Koch e Vilela (2001), percebemos que *por exemplo* conecta duas unidades: unidade A, ou unidade base, composta por “Ninguém nos Estados Unidos percebeu que o programa não é 100% real, tem algumas coisas que são inventadas, sim”. E a unidade B, apositiva, composta por “*Por exemplo*, no segundo episódio em plena festa de aniversário da minha filha eu saio pra falar ao telefone com pacientes. Aquelas conversas não são de verdade”. O plano argumentativo ocupado por *por exemplo* pode ser

³⁰ Não podemos deixar de comentar que em posição inicial, *por exemplo* também está entre fronteira de constituintes: “...tópico”.

visto a partir da sustentação de um ponto de vista. Assim, a unidade B, **introduzida** (posição inicial) por *por exemplo* sustenta o ponto de vista, a tese assegurada, de que o programa não é 100% real.

Consideramos também como conector as ocorrências de *por exemplo* apositivo em *posição medial*. Esse tipo de ocorrência incide após sintagma nominal (adverbial ou preposicionado) introdutor de unidade apositiva e, é a partir de sua posição, que percebemos o acúmulo de funções: é **apositivo**, por apresentar-se em uma construção apositiva e por constituir as relações semânticas de correferencialidade parcial e geral-específico. E, é também **focalizador**, pois o encontramos entre fronteira de constituinte “...-sujeito” e *sujeito-verbo*.

(4) L1 e quando eu comprei pro senhor o o primero eu dei uma lida nele antes [de manda

L2 ah::]

L1 é bom sim

L2 é muito bom... e tem coisas instrutivas também... né

L1 tem... tem sim

L2 a história do mês *por exemplo* o mês de maio... se chega (até o dia do trabalho) eles vão te explica quando foi instituído... decretado o dia do trabalho de feriado

L1 uhum ((ruídos))

L2 e (ainda tem parte)... instrutiva memo... e tem ess/essa p/parte assim de humor de brincadeira lá... (Dados *Mineira* - Tocantins)

O *por exemplo* se encontra após um sintagma nominal introdutor de construção apositiva, estabelecendo funções importantes, como:

A *função apositiva*, pois há duas unidades (A) e (B) representando uma construção e constituindo as relações semânticas de **correferencialidade parcial**, em que, “a história do mês *por exemplo* o mês de maio... se chega (até o dia do trabalho) eles vão te explica quando foi instituído... decretado o dia do trabalho de feriado” retoma e expande o sentido de “tem coisas instrutivas também”. E, também, a relação semântica geral-específico, que, nesse exemplo pode ser identificada duplamente: a primeira pode ser localizada no instante em que

o sintagma introdutor da unidade apositiva, juntamente com *por exemplo* especifica o sentido da oração “tem coisas instrutivas também.” E, a segunda ocorre quando “o mês de maio” especifica o sentido de “ a história do mês”.

E a *função focalizadora*, em (4), ocorre quando *por exemplo* ressalta de modo anafórico a informação nova, que é representada por: “*a história do mês*”.

Como observamos em (4), *por exemplo* focaliza a informação de modo anafórico, isso ocorre pois o item lingüístico ocupa uma posição que antecede o sujeito. Isto é, a fronteira tópico-tópico, que aparece apenas nesse exemplo dentre os dados sincrônicos analisados é uma fronteira que incide antes da fronteira de sujeito, acarretando, dessa forma, a focalização anafórica da informação. (Quando *por exemplo* ocupar fronteiras do tipo: tópico-tópico; “...-sujeito e sujeito-verbo focalizará anaforicamente uma informação).

Utilizamos tal exemplo não para mostrar uma fronteira que é exceção nos dados, mas para ilustrar a intensidade que *por exemplo* possui de tornar específica uma determinada informação.

(5) Partimos do pressuposto de que um verbo psicológico possui os mesmos traços formais nas duas estruturas alternantes Expsuj e ExpObj. Isso é possível posto que se trata do mesmo item lexical, projetados em duas estruturas sintaticamente diferentes. O verbo *preocupar*, **por exemplo**, projeta a mesma rede lexical de traços formais tanto na estrutura Expsuj como na estrutura Expobj. (- *Considerações sobre a estrutura sintática das construções com verbos psicológicos*. Rozana Reigota Neves. Veredas, Vol.7).

Em (5), *por exemplo* também é denominado medial, no entanto, diferentemente do que ocorre em (4), *por exemplo* incide sobre fronteira de constituinte “sujeito-verbo” da unidade apositiva. Sendo assim, sua função é ressaltar a informação nova contida no sujeito: “o verbo preocupar”. Mas, é importante percebermos também a relação semântica apositiva geral-específico, na qual, a generalização ocorre em todo o primeiro e o segundo período e, a especificação, somente no último período, introduzido pelo verbo *preocupar*. E, ainda,

podemos notar a presença da relação de correferencialidade parcial no momento em que “O verbo *preocupar, por exemplo*” retoma e expande o elemento base de referência “um verbo psicológico”.

E, ainda, não podemos esquecer-nos *de por exemplo apositivo nas fronteiras de constituintes (verbo-complemento e fronteira final)* Nesse caso, o nosso item lingüístico é focalizador de informação nova, pois está em fronteira de constituintes. No entanto, é considerado **conector apositivo**, pois tem a função de conectar unidade (A) e a unidade (B), mantendo através da relação geral-específico e da correferencialidade parcial, a proposta de que a unidade apositiva expande o significado da outra, sugerida por Halliday (1985). Vejamos o exemplo abaixo:

(6) Gênero privilegiado na Península Ibérica, as cantigas são, do ponto de vista estritamente formal, textos em verso metrificado e rimado segundo padronização historicamente situada, como o comprovam, *por exemplo, os fragmentos da Arte de trovar, apensos ao Cancioneiro de Colocci-Brancuti, hoje, da Biblioteca Nacional de Lisboa.* (Celso Fraga da Fonseca - *Orações adjetivas nas Cantigas de Santa Maria: Aspectos textual-discursivos*, Vol 14/15).³¹

Em (6), encontramos *por exemplo* em fronteira de constituinte verbo-complemento da unidade apositiva. Sendo assim, sua função é ressaltar a informação nova contida no complemento: “os fragmentos da Arte de trovar (...)”. No entanto, é importante percebermos, também a presença das características simbólicas da aposição como a relação semântica apositiva geral-específico, na qual a generalização é representada pelo sintagma nominal “cantigas”, presente na unidade base e, a especificação, representada por “*por exemplo, os fragmentos da Arte de trovar (...)*”, presente na unidade apositiva.

³¹ No presente trabalho sobre *por exemplo*, as ocorrências que apresentaram a estrutura “*como por exemplo*” não fizeram parte da análise quantitativa, apenas da qualitativa. Isso ocorreu devido a sua construção (preposição + *por exemplo*), que manifesta uma leitura diferente daquela que propomos no trabalho. Isto é, nessas estruturas, “*como*” tem a função mais importante, a de exemplificar e *por exemplo* representa apenas um reforço da preposição. Já as estruturas “*como (... por exemplo)*” foram analisadas (qualitativamente e quantitativamente), pois a distância entre a preposição e *por exemplo* tende a favorecer o item lingüístico, fazendo com que esse já não exerça apenas função de reforço, mas que desempenhe também função de “*focalizador*” de informação nova. Observemos os exemplos (6) e (7) e alguns outros a seguir.

E, ainda, podemos notar a correferencialidade parcial já que a unidade introduzida por *por exemplo* retoma e, ao mesmo tempo, expande o significado de “cantigas”.

(7) Avançando um pouco mais nesse raciocínio, é possível afirmar, em consonância com MARCUSCHI (2002), que, enquanto os tipos textuais³ (argumentativo, descritivo, expositivo, injuntivo e narrativo – espécies mais comumente referidas pelos estudiosos) que participam da composição dos diferentes gêneros são definidos por propriedades lingüísticas intrínsecas e constituem estruturas contáveis, em número reduzido, diversamente, os gêneros textuais (de número, em princípio, ilimitado) remetem-nos às realizações lingüísticas efetivas, classificadas, principalmente, por seus traços sociocomunicativos, embora haja, naturalmente, determinados gêneros em que a estrutura formal seja mais facilmente detectável, como é o caso do texto legal, por exemplo. (Celso Fraga da Fonseca - *Orações adjetivas nas Cantigas de Santa Maria: Aspectos textual-discursivos*, Vol 14/15).

Em (7), encontramos *por exemplo* em fronteira de constituinte final da unidade apositiva. Sendo assim, sua função é ressaltar a informação nova imediatamente anterior ao item lingüístico: “como é o caso do texto legal”. Mas, é importante constatarmos também a presença das funções peculiares da aposição, como a relação semântica apositiva geral-específico, na qual a generalização ocorre em “determinados gêneros em que a estrutura formal seja mais facilmente detectável” e a especificação ocorre quando o autor delimita o gênero: “como é o caso do texto legal, *por exemplo*”. E a relação de correferencialidade parcial, que ocorre no momento em que a unidade finalizada por *por exemplo* retoma e expande o significado da unidade base de referência em destaque (grifada).

Chamamos conector, as realizações de *por exemplo* apositivo:

Quadro III: *por exemplo* conector

CONECTOR:

- a) *por exemplo* apositivo inicial
- b) *por exemplo* apositivo medial, nas fronteiras: "...- *sujeito*" e *sujeito-verbo*
- c) *por exemplo* apositivo nas fronteiras: *verbo-complemento* e *fronteira final*

A partir das análises dos dados, percebemos que em *por exemplo* ocorre a perda do conteúdo original (não há mais o sentido de *por exemplo* modelo), no entanto, diferentemente daquilo previsto por Koch e Vilela (2001), é possível perceber que esse conector atua sobre o conteúdo proposicional.

1.5 Argumentação:

O tema da argumentação remonta aos estudos realizados desde a Grécia antiga, *começando pela retórica*, disciplina fundamentada tanto nas técnicas da arte do bem falar quanto nas técnicas de persuasão e que passou a existir devido à demanda social daquela época: os discursos públicos.

A teoria da argumentação foi sendo desenvolvida inicialmente pelos sofistas. Esse grupo não descrevia nenhum modelo para uma boa argumentação, o que eles acreditavam era apenas no convencimento do outro, ou seja, se uma argumentação alcançasse seu objetivo de persuasão, então era considerada boa. Assim, os sofistas adquiriram certa popularidade depreciativa, já que argumentavam sobre qualquer tema e de qualquer forma.

Ainda, por algum tempo da Idade Moderna, a visão antiga da retórica gozou de algum prestígio, porém, após os estudos de Aristóteles, a arte do bem falar como artifício de argumentação começava a ficar desacreditada, enfraquecida, cedendo lugar à ciência, à razão e à verdade. Assim, ao longo do tempo, notava-se apreço pelas evidências e pela veracidade encontrada nos silogismos (argumentação baseada na verdade dos fatos) e o menosprezo pelos argumentos possíveis e imagináveis da retórica.

Atualmente o tema da argumentação é ainda tratado por diversos autores. Este estudo adota como ponto central as abordagens de Schiffrin em *Discourse markers* (1987), em que a autora faz um estudo significativo da argumentação, mostrando os tipos de argumentação e o papel dos marcadores nesse tema. E, ainda, utilizamos também os estudos de Vieira (2002).

Inicialmente, Schiffrin (1987:14) propõe uma questão sobre a argumentação: como o falante usa o argumento para persuadir outros de um ponto de vista?

Para responder a essa pergunta, a autora remete a Aristóteles, dizendo que ele é a base para estudos sobre persuasão, sugerindo que um elemento de persuasão é a prova ou aparente prova provida do discurso. Ou seja, *mostrando-se de acordo com o filósofo revolucionador, a*

autora afirma que o verdadeiro elemento de convencimento são as evidências. (Provando que as idéias do filósofo vigoram atualmente).

O estudo que Schiffrin (1987) realiza sobre argumentação, parte do princípio de que existem dois tipos de discurso argumentativo: o *monólogo*, que se caracteriza por traços de explicação (discurso expositivo) e o *diálogo*, caracterizado por traços que lembram a querela, discussão, disputa etc. A seguir, a autora afirma que o discurso argumentativo não é constituído somente por traços monológicos e nem somente por traços dialógicos e, por isso, propõe a análise discursiva da argumentação, na qual são selecionados tanto traços monológicos (as propriedades textuais e também a posição e a sustentação dos argumentos), quanto traços dialógicos (a função interativa do diálogo e a disputa travada na interação).

Afirmando que a argumentação é composta por traços textuais e interativos, Schiffrin (1987:18) indica três componentes fundamentais para esse fenômeno:

1) **Posição:** parte fundamental da posição é a idéia, ou seja, informação descritiva sobre uma situação, evento ou estado e ações no mundo. Outra parte de grande relevância é a questão do comprometimento³² do falante com aquela idéia: o falante adere ou não àquela idéia.

2) **Disputa:** disputa de uma dada posição/idéia: um determinado indivíduo pode lançar sua oposição/seu desacordo a qualquer uma das partes, ou seja, uma disputa pode ser centrada ao redor do conteúdo proposicional, da orientação do falante ou implicações pessoais e morais da performance verbal. No entanto, *a meta de uma estratégia argumentativa consiste em eliminar um desacordo, estabelecendo um acordo.* (Vieira 2002:94)

³² O compromisso será tratado no presente trabalho como grau de adesão (ou alinhamento, cf. Goffman, 1981) que o falante assume em relação a uma posição. (Apud Vieira 2002:17)

3) **Suporte/sustentação**: é o componente final e *núcleo da argumentação*, na qual o falante pode sustentar uma determinada posição em qualquer nível em que ela possa ser disputada – alguém a *exemplifica* a partir de fatos, dados estatísticos, testemunhos, *justifica-a* por meio de razões ou causas, ou seja, o falante possui esses recursos que levam o outro a concluir sobre a credibilidade da posição ali defendida.

É importante dizer que o exame do suporte no argumento abrange não somente os atos de fala, mas também as relações inferenciais entre as idéias.

Schiffrin (1987:50) mostra que o elemento mais importante de um discurso argumentativo é a posição, já que é nesse momento que o falante se compromete com uma determinada idéia. Além da posição, outro elemento de grande relevância é o suporte, já que as evidências, testemunhos apresentados justificam a declaração pela qual o falante está comprometido.

“A posição é o principal ponto do argumento e o argumento apóia experiências específicas servindo como suporte”. (Schiffrin 1987:50).

Vieira (2002:68) retoma a proposta de elementos argumentativos de Schiffrin (1987) – posição, disputa e suporte/sustentação associados aos movimentos argumentativos de Gille (2001) – Posin (posição inicial), Posas (posições associadas, relacionadas com outras já abordadas), Posre (Posição retomada), Rech (movimento de rechaçar uma posição sem argumentação), Refu (movimento de refutar uma posição, isto é, um contra-argumento), justificação e evidência.

“A argumentação é um discurso através do qual o falante sustenta uma posição contestável”
(Schiffrin, 1987:18).

Observemos o esquema proposto por Vieira (2002)

Quadro IV – esquema argumentativo de Vieira (2002)

COMPONENTES DA ARGUMENTAÇÃO	MOVIMENTOS ARGUMENTATIVOS
<p>POSIÇÃO</p> <p>“Idéia” (conteúdo proposicional) + compromisso (adesão do falante à idéia)</p>	<p>POSIN</p> <p>POSAS</p> <p>POSRE</p>
<p>DISPUTA</p>	<p>RECH</p> <p>REFU</p>
<p>SUSTENTAÇÃO</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Justificação ● Evidência empírica (exemplos/dados/testemunhos) ● Explicações (justificativa e escusa)

Baseando-se no modelo de argumentação de Schiffrin (1987), Vieira (2002) considera como seqüência argumentativa quando há, em primeira posição, um participante que apresenta uma determinada idéia, e, em segunda posição, outro participante, que questiona e disputa aquela idéia.

Nos dados sincrônicos falados e escritos analisados, notamos que a nossa seqüência de argumentos não ocorre da mesma forma. Na verdade, o *por exemplo*, na maioria das vezes, aparece como introdutor de SUSTENTAÇÃO/SUPORTE de alguma idéia (posição) exibida anteriormente. Porém, diferentemente do trabalho de Vieira (2002), nós não encontramos nos dados investigados traços de um segundo participante, **do interlocutor**, fazendo papel daquele que questiona, que entra em desacordo com a idéia exposta.

O que notamos é que um mesmo participante exibe uma determinada idéia/posição e logo, por meio de atos de fala (exemplificação, justificação) a sustenta, levando, na maioria das vezes o leitor ou ao ouvinte a ser persuadido. No entanto, reconhecemos que,

principalmente, em dados de entrevistas, pode haver a presença de um interlocutor virtual, atuando como questionador de ponto de vista.

Dessa forma, baseado no modelo de Vieira (2002), propomos para o uso de *por exemplo*:

Quadro V – Esquema argumentativo de *por exemplo*

Posição – idéia a ser exibida
Sustentação – (evidência que sustenta o ponto de vista) a) <u>Evidência formal/empírica</u> – a exemplificação, os dados estatísticos, os testemunhos e os fatos encontrados na unidade apositiva sustentam o ponto de vista defendido na unidade base. b) <u>Evidência “narrativa”</u> – a narrativa encontrada na unidade apositiva sustenta o ponto de vista representado na unidade base. Os relatos também podem ser percebidos. c) <u>Avaliação</u> - a apreciação (do avaliador em relação ao objeto avaliado) e o julgamento (segundo normas de comportamentos éticos e sociais) marcam a atitude do falante e contituem a sustentação do ponto de vista defendido e representado na unidade base.

Como se pode perceber, em nosso esquema, aparecem apenas a *posição* e a *sustentação*, não ocorrendo a *disputa*.

“De acordo com Schiffrin, a argumentação é constituída essencialmente por dois componentes: a posição a ser defendida e a sua sustentação, esta última podendo corresponder a explanação, justificação, defesa e modo de apresentação” (Gryner, Revista Veredas, páginas 98-99, n° 2- Vol. 4, 2000).

Outro ponto a ser notado é a questão dos movimentos argumentativos adotados por Vieira (2002). Percebemos, em seu esquema, três tipos de posição: POSIN (posição inicial – introduz tópico novo); POSAS (associadas, posições relacionadas com outras já abordadas) e

POSRE (retomada de temas prévios). E também são adotados MA³³ para a sustentação: a justificação e a apresentação de evidências (exemplos, dados estatísticos ou testemunhos).

O esquema, como visto anteriormente, apresenta apenas MA de sustentação, já que a nossa **hipótese de pesquisa** considera que *por exemplo*, em unidade apositiva, é considerado um **SUSTENTADOR DE POSIÇÃO**.

1.5.1 O papel dos conectores³⁴ na argumentação:

Os conectores possuem um papel fundamental na argumentação. “E, sempre, ocorrem dentro da *posição* e do *suporte*”³⁵. (Schiffrin 1987:50).

Como dissemos anteriormente, a nossa pesquisa revela que *o conector por exemplo*, isto é, que *por exemplo* apositivo (*inicial, medial e em fronteiras*) *aparece como introdutor de suporte, isto é, introduz a unidade apositiva que possui a função de sustentar, a partir de exemplos, dados estatísticos e testemunhos uma determinada posição (idéia), contida na unidade base.*

Observemos os exemplos abaixo retirados do nosso *corpus* de pesquisa:

(8) “...abriu um leque de opções para as mulheres que se encontram no que eu chamo de segunda vida adulta. Elas passaram a escolher sem culpa. Por exemplo, as que estão em casamentos infelizes e sexualmente vazios tendem a tomar a iniciativa de pedir a separação e o divórcio na meia-idade”. (Gail Sheehy 07/2006- Revista *Claudia*)

O exemplo (8) apresenta o *por exemplo* apositivo. Assim, sabemos que, ao introduzir enunciado apositivo, traz consigo as relações semânticas de geral-específico, compreendida como uma relação referencial existente entre um sintagma mais geral e um sintagma mais específico e a relação semântica de *correferencialidade parcial* (denominamos parcial porque,

³³ MA = Movimentos argumentativos

³⁴ No presente trabalho, apenas os conectores (*por exemplo* que ocorre nas diversas posições da unidade apositiva e estabelecem as relações semânticas características da aposição: correferencialidade parcial, geral-específico e argumentação) são capazes de exercer função argumentativa. Os marcadores discursivos (focalizadores em fronteiras de constituintes não-apositivas) não exercem tal função. No entanto, o trabalho de Schiffrin (1987) propõe a utilização apenas da nomenclatura de marcador discursivo para questões argumentativas.

³⁵ Tradução nossa

por serem dotadas da relação geral-específico, as unidades não apresentam exata correspondência com seus referentes) em que um item (ou mais itens) na unidade apositiva (introduzida por *por exemplo*) retoma um referente (ou mais referentes): sintagma nominal, oração (ões), ou ainda, todo o período anterior. Além dessas relações, *obrigatoriamente, por exemplo* insere a função *argumentativa*: “Elas passaram a escolher sem culpa” é a *posição* tomada pelo locutor. Em: “*Por exemplo, as que estão em casamentos infelizes e sexualmente vazios tendem a tomar a iniciativa de pedir a separação e o divórcio na meia-idade*”, vemos que *por exemplo* participa da função de sustentar a posição defendida. Tal sustentação é feita a partir de uma exemplificação/especificação (evidência formal/empírica) da situação. O “desgarramento” da unidade apositiva põe em evidência a informação.

Encontramos a sustentação de argumentos também quando *por exemplo* é apositivo medial³⁶, ocorrendo entre fronteira de constituinte *sujeito-verbo*. Vejamos o exemplo abaixo:

(9) Mas, os homens estão meio perdidos, sem saber como agir. Eu, por exemplo, ando meio perplexo. (Entrevista: Arnaldo Jabor 10/2006 – *Claudia*)

Esse exemplo nos mostra o *por exemplo apositivo medial* em fronteira de constituinte *sujeito-verbo*. Denominamo-lo apositivo devido a sua função *argumentativa*, que apresenta em um primeiro momento a posição tomada pelo locutor: os homens estão meio perdidos, sem saber como agir e, logo, a **sustentação** dessa posição realizada pelo próprio locutor: “Eu, *por exemplo*, ando meio perplexo. Ainda no plano apositivo, é possível notarmos a presença da relação geral-específico, na qual o *geral* é representado por “homens” e o *específico*, representado por “eu”. Aqui, a correferencialidade parcial pode ser notada, pois o termo

³⁶ Deixemos claro que quando *por exemplo* apositivo em fronteira de constituintes (*apositivo + focalizador*), a função *argumentativa não é obrigatória*. No entanto, é possível encontrarmos tal função em posição medial (mais recorrente) e também, nas fronteiras de constituintes *verbo-complemento* e *fronteira final* (menos recorrentes).

destacado na unidade apositiva “eu” retoma (e expande) parte do elemento base de referência “homens”.

Além das funções apositivas descritas, *por exemplo*, por estar em fronteira de constituinte sujeito-verbo, apresenta também a função focalizadora, que promove a ênfase de informação nova contida no sujeito: “eu”.

É significativo notarmos a multifuncionalidade de *por exemplo* (realiza muitas tarefas concomitantemente): quando **apositivo** além das funções semânticas de correferencialidade parcial e de geral-específico, *por exemplo*, muitas vezes, apresenta a função argumentativa. E, quando **não-apositivo** apresenta a função de focalização de informação nova em fronteiras de constituintes. “*A multifuncionalidade é característica dos marcadores discursivos*”. (Schiffrin 1987:64)

Não podemos deixar de fazer referência a um dado muito importante ressaltado pela autora: OS MARCADORES DISCURSIVOS NÃO SÃO OBRIGATÓRIOS. O que isso quer dizer é que, se em um determinado discurso há um marcador, então, ocorre um determinado sentido, no entanto, se nessa declaração o marcador discursivo for retirado, o sentido não alterará.

Embora os marcadores adicionem estrutura e interpretação em toda a extensão, eles dificilmente são únicos suportes que formam o argumento ou conduzem seu significado. Uma breve olhada em diversos outros argumentos mostrou que sua estrutura e significado é certamente NÃO DEPENDENTE daqueles marcadores; de fato a estrutura e significado de argumentos podem ser preservados mesmo sem marcadores (conectores). (Schiffrin 1987:50)

Concluimos, dessa forma, que os conectores possuem a função de estruturar (estruturam os argumentos, aparecendo em “posição” ou “suporte”), de dar devida interpretação a uma declaração. Porém, a falta do conector em uma determinada declaração não compromete o sentido e a estrutura dessa.

Porém, se observarmos o exemplo (9) reescrito como (10), veremos que a teoria da autora *não se aplica*. Pois é possível notarmos que o sentido da frase é alterado, se lida sem a presença de *por exemplo*. Vejamos:

(10) Mas, os homens estão meio perdidos, sem saber como agir. Eu ando meio perplexo.
(Entrevista: Arnaldo Jabor 10/2006 – *Claudia*)

Ao retirarmos o conector entre fronteira sujeito-verbo (*por exemplo* medial), danificamos não só a sua estrutura como também o sentido pragmático intencionado pelo falante. Isto é, sem *por exemplo*, perdemos a focalização (intenção do locutor) dada ao “eu” e os valores semânticos de exemplificação e de geral-específico, restando apenas um tom opinativo, avaliativo daquela situação (“eu ando meio perplexo”). Dessa forma, acreditamos que, quando em fronteira de constituintes, *por exemplo* exerce maior força no conteúdo proposicional.

1.6 Focalização:

Em uma dada interação, existem dois tipos de informações: a informação dada e a informação nova. Segundo Braga (1995: 5)³⁷, um falante inicia tal interação a partir de uma informação dada, pois acredita que essa faça parte do conhecimento informacional do ouvinte. Se o falante iniciasse a sua interação com uma informação nova, haveria desentendimento, já que essa não faz parte do arcabouço informacional do ouvinte. Assim, primeiramente inicia-se com uma informação dada para depois acrescentar a informação nova (que poderá modificar a informação pragmática da informação dada).

A questão do *status* informacional relaciona-se com duas outras noções: **tópico e foco**.

Para Braga (1997:281) o tópico tem a ver com as coisas a respeito das quais falamos e o foco, com a *saliência e importância* do que dizemos a respeito das coisas tópicas. A autora possui a mesma visão de Halliday (1967, *apud* Lambrecht 1994) que compreende o *foco* como um tipo de proeminência em que o falante marca aquilo que deseja ser interpretado como informacional.

Segundo Lambrecht (1994:206) o *foco* é visto como *status* de certos constituintes que diferem das expressões de *tópico*, no sentido de que as expressões de *tópico* carregam a informação já conhecida, pressuposta, enquanto o *foco* carrega a informação nova.

Quando falamos em foco, lembramo-nos de que uma dada sentença pode estar ordenada a partir da estrutura “foco-pressuposição”. O foco é o componente que contém a informação não pressuposta, não hipotetizada pelos participantes, enquanto a pressuposição contém a informação conhecida, compartilhada. Em um contexto neutro (*não-contrastivo*), não conseguimos distinguir aquilo que é focal daquilo que é pressuposição, por isso, utilizamos uma pergunta para encontrar o elemento focal (o foco será a resposta da pergunta).

³⁷ O texto de que retiramos tal afirmativa é: A INFORMAÇÃO: SEU FLUXO E TRATAMENTO (AULA INAUGURAL/MESTRADO EM LINGÜÍSTICA)

Observemos um exemplo formulado por nós, baseado naqueles fornecidos por Lambrecht (1994: 284):

Q: Quem fez o bolo?

R: [Maria (F)] fez o bolo³⁸.

Nesse exemplo, podemos perceber que, primeiramente, não se conhece quem fez o bolo e não há no texto meios (referentes) que nos levem a recuperar e identificar tal constituinte. Dessa forma, notamos que existe uma informação não-compartilhada (a pessoa que fez o bolo). Somente a pessoa que responde (R) é que sabe quem é o fabricante do bolo: MARIA, considerada a informação nova, não compartilhada.

“O que é focal é informação nova, nova no sentido de que não é possível recuperar a informação no discurso precedente”. (Halliday 1967, *apud* Lambrecht 1994)

O tópico é um constituinte que deve ter um *referente identificável* (no caso do exemplo fornecido por Lambrecht (1994: 284), “bolo” é a informação dada, o tópico) e deve ter uma saliência pragmática no discurso. Ou seja, a partir do discurso, é possível aplicarmos o princípio da identificabilidade (como afirmamos antes, o tópico possui um referente identificável no discurso) e da ativação (está ativo no discurso). Ao contrário do tópico, é impossível aplicarmos esses dois recursos no foco, já que não possui referente identificável no discurso e não é ativo.

Na análise de dados, encontramos amostras em que o *por exemplo* é um **focalizador**. *Por exemplo* focalizador ocorre quando o marcador discursivo se apresenta em **fronteiras de constituintes**. Nessas ocorrências, o item, **geralmente**, perde as características apositivas, como a correferencialidade parcial, a relação geral-específico e o seu pendor argumentativo,

³⁸ Lambrecht (1994:285) nos mostra que a partir de um contexto apropriado, as perguntas (Wh?) podem aparecer por elas mesmas como em: I’m going somewhere. Where? Assim, o que será respondido é focal, a informação nova, não compartilhada.

tornando-se *não-apositivo*, sendo apenas um *focalizador (marcador)*, um *exemplificador e ressaltador de informação nova* que se localiza anteriormente ou posteriormente ao marcador discursivo *por exemplo*.

(11) Pergunta: Sonhar com o impossível é maneira de se boicotar?
“claro, Michael Jackson, *por exemplo*, é negro e quis ser branco”. Mais que boicote, é autodestruição, uma negação profunda de si mesmo. (Dulce Critelli 12/2004 - *Claudia*)

Assumindo os conceitos de Lambrecht (1994), o *por exemplo focalizador* possui a função de enfatizar uma informação. Nesse exemplo, retirado do corpus de investigação, a fronteira ocupada por tal marcador discursivo é sujeito-verbo, assim, a informação focalizada é o sujeito “Michael Jackson”, que obrigatoriamente assume o papel de *informação nova*, não recuperável no contexto anterior.

Os pressupostos de Braga (1997: 281) também se encaixam satisfatoriamente nesse exemplo, pois devido à fronteira de constituinte sujeito-verbo mostra-se que a intenção comunicativa é focalizar, salientar como informacional o sujeito “Michael Jackson”.

CAPÍTULO II - FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA

2.1 Constituição dos *corpora*:

2.1.1 Os dados sincrônicos:

O caminho percorrido pela pesquisa de *por exemplo* ocorre da sincronia para a diacronia. Isto é, os estudos em torno desse objeto iniciaram-se no plano sincrônico e, entusiasmados com os resultados obtidos, fomos incentivados a pesquisar também, em âmbito diacrônico.

O objetivo da investigação sincrônica foi encontrar e examinar os variados usos de *por exemplo*, conhecendo e explicando suas propriedades. O *corpus*³⁹ sincrônico contou com dados do **português falado**⁴⁰: Amostra do Projeto de Conceição de Ibitipoca, cuja organizadora é a professora Terezinha Resende; amostra do Projeto da Fala Mineira, que tem como coordenadora a Professora Doutora Nilza Barrozo Dias; amostras do Procon Juiz de Fora, coordenado pela Professora Doutora Sônia Bittencourt. E, contamos ainda, com amostras de **dados escritos**: Revista Veja (páginas amarelas e artigo de Roberto Pompeu); seção de entrevista da Revista Claudia e artigos da Revista Veredas.

Quadro VI: Dados Sincrônicos escritos - *Claudia*

REVISTA CLAUDIA

Entrevista 1 – Gail Sheehy - “*Sexo até os 90*” (número 7, ano 45 - 07/2006)

Entrevista 2 – Anna Sharp “*Ela acredita em milagres (e ainda ensina a fazê-los)*” - (número 6, ano 45 – 06/2006)

Entrevista 3 – Arnaldo Jabor “*Eu ando perplexo diante das mulheres*” (número 10, ano 45 – 10/2006)

³⁹ O nosso objetivo, quanto aos dados falados, foi trabalhar com a variante mineira. Já nos dados escritos, procuramos dados argumentativos (Procon, entrevistas), poise *por exemplo* revelou-se como sustentador de ponto de vista.

⁴⁰ *As ocorrências faladas analisadas somam um total de 256.775 palavras e as ocorrências escritas totalizam 214.564 palavras. Dentre tantas amostras analisadas, encontramos apenas 160 ocorrências de por exemplo (entre dados falados e escritos).*

Entrevista 4 – Mary Del Priore “*Os arquivos do coração*” (número 1, ano 45 – 01/2006)

Entrevista 5 - Marlene Bregman ”*Poderosa: é assim que a mulher gosta de ser retratada na publicidade. Ela quer respeito, além de humor, emoção, sexo...*” (número 1, ano 44 – 01/2005)

Entrevista 6: Papo de homem: Miguel Paiva e Alexandre Borges - “*Balaio de gatos*” (número 4, ano 45 – 04/2006)

Entrevista 7 – Edson Borges Júnior “*A maternidade no freezer*” (número 12, ano 41 – 12/2002)

Entrevista 8 – Dulce Critelli” “*Ano novo vida nova* (número 12, ano 43 – 12/2004)

Entrevista 9 – Amyr Klink “*O fantástico navegador é de carne e osso*” (número 6, ano 44 – 06/2005)

Entrevista 10 – Cássia D’Aquino - “*Quem tem projeto de vida não sai gastando feito louca*” (número 7, ano 43 – 07/2004)

Quadro VII: Dados Sincrônicos escritos - *Veja*

REVISTA VEJA - PÁGINAS AMARELAS

Entrevista 1 - “*É cedo para festejar*” (15 de setembro de 2004)

Entrevista 2 - “*O Islã é fascista*” (22 de junho de 2005)

Entrevista 3 - “*As duas faces do PT*” (22 de setembro de 2004)

Entrevista 4 - “*Podemos viver juntos*” (07 de setembro de 2005)

Entrevista 5 - “*O peso das ilusões*” (23 de novembro de 2005)

Entrevista 6 - “*Senhor, tenha piedade*” (02 de março de 2005)

Entrevista 7 – “*A ditadura dos jovens*” (18 de agosto de 2004)

Entrevista 8 – “*Tudo foi uma farsa*” (21 de abril de 2004)

Entrevista 9 – “*O doutor da alegria*” (10 de novembro de 2004)

Entrevista 10 - “*Operação simpatia*” (04 de maio de 2005)

REVISTA VEJA - ARTIGO ROBERTO POMPEU

Entrevista 1 – “*Terror e manipulação do terror*” (15 de setembro de 2004)

Entrevista 2 – “*Roteiro da ópera, até agora*” (22 de junho de 2005)

Entrevista 3 – “*Em torno de um abraço*” (22 de setembro de 2004)

Entrevista 4 - “*Uma bela cena num filme ruim*” (07 de setembro de 2005)

Entrevista 5 – “*Sobre causas, efeitos e trepar em árvores*” (23 de novembro de 2005)

Entrevista 6 – “*Olhares estrangeiros*” (02 de março de 2005)

Entrevista 7 - “*Olhos no mar, areia nas mãos*” (18 de agosto de 2004)

Entrevista 8 - “*Na Rocinha, como em Falluja*” (21 de abril de 2004)

Entrevista 9 – “*O avanço da nau dos insensatos*” (10 de novembro de 2004)

Entrevista 10 - “*A jóia da coroa*” (04 de maio de 2005)

Quadro VIII: Dados Sincrônicos escritos - *Veredas*

REVISTA VEREDAS

REVISTA Nº 7

Artigo 1 – “*Em torno da palavra como unidade lexical: Palavras e composições*” (Margarida Basílio).

Artigo 2 – “*Sobre a estabilidade do significado em Wittgenstein*” (Helena Martins)

Artigo 3 – “*Construções do tipo QU em Karajá*” - (Marcus Maia)

Artigo 4 – “*Considerações sobre a estrutura sintática das construções com verbos psicológicos*” (Rozana Reigota Neves)

Artigo 5 – “*Movimentos de constituintes na língua Tembé*” (Fábio Bonfim Duarte)

Artigo 6 – “*Dinâmica do específico e do genérico: artigo definido e construções existenciais*” (Dinah Callou, Kate Portela, Juanito Avelar, Carolina Serra)

Artigo 7 – “*Processos de discursivização: da língua ao discurso caracterizações genéricas e específicas de um texto argumentativo*” (Maria Aparecida Lino Pauliukonis)

Artigo 8 – “*A seqüência Argumentativa*” (Helena Gryner)

Artigo 9 – “*A introdução do tópico em encontros de serviço via telefone: do específico ao genérico?*” (Maria das Graças Dias Pereira)

REVISTA Nº 8

Artigo 1 – “*Enfoques de pesquisa sobre a relação língua e sociedade*” (Maria Cecília Mollica)

Artigo 2 – “*Metamensagens no discurso de um paciente psiquiátrico*” (Branca Telles Ribeiro;

Diana Pinto; Cristina Costa Lima)

Artigo 3 – “A reconstrução da racionalidade no paradigma da linguagem: a contribuição da retórica” (Raul Francisco Magalhães)

Artigo 4 – “O caráter partilhado da construção da significação” (Neusa Salim Miranda)

Artigo 5 – “O desenvolvimento do conhecimento lingüístico-discursivo: o que se aprende quando se aprende a escrever?” (Maria da Graça Costa Val)

Artigo 6 – “Locução para quê?” (Maria Carmelita Dias)

Artigo 7 – “Piadas adolescentes: jogos da e na língua” (Elizabeth dos Santos Braga)

Artigo 8 – “A representação semântica dos multinomes jurídicos em inglês” (Celina Frade)

REVISTA Nº 14/15

Artigo 1 – “Processos sintáticos de articulação de orações: algumas abordagens funcionalistas” (Cristina dos Santos Carvalho)

Artigo 2 - “Eu peguei e saí”: uma construção nos limites da coordenação” (Angélica T. C. Rodrigues)

Artigo 3 – “Orações hipotáticas adverbiais e mudança de tópico em narrativas orais e em narrativas escritas do português” (Juliano Desiderato Antonio)

Artigo 4 – “Cláusulas apositivas “desgarradas” em português: estatuto sintático-discursivo” (Nilza Barrozo Dias)

Artigo 5 – “Orações relativas apositivas: SNs ‘soltos’ como estratégia de focalização e argumentação” (Maria Beatriz Nascimento Decat)

Artigo 6 – “Orações adjetivas nas Cantigas de Santa Maria: Aspectos textual-discursivos” (Celso Fraga da Fonseca)

Artigo 7 – “As cláusulas relativas reduzidas de gerúndio no português escrito e falado do Brasil” (Nilza Barrozo Dias e Andreia Rezende Garcia Reis)

Artigo 8 – “A oração substantiva apositiva: aspectos textual-discursivos” (Márcia Teixeira Nogueira
Renata Jorge Leitão)

Artigo 9 – “Contextos de encaixamento: verbo ter na matriz” (Vanda Cardozo Menezes)

Artigo 10 – “Gramaticalização de construções com o verbo “parecer” no português brasileiro: de verbo pleno a satélite atitudinal” (Sebastião Carlos Leite Gonçalves)

Quadro IX: Dados Sincrônicos orais – Conceição de *Ibitipoca*

DADOS *IBITIPOCA*

Entrevista 1 – Dona Aparecida

Entrevista 2 - Fabiano

Entrevista 3 - Raquel

Entrevista 4 – Waltembergue

Quadro XX: Dados Sincrônicos orais – *Mineira*

DADOS *MINEIRA*

1) *Marcela e Cia*

2) *Tocantins*

3) *Ponte Nova*

Quadro XI: Dados Sincrônicos orais: *PROCON*

DADOS *PROCON*

1) Audiência Yamamoto Veículos

2) Audiência Gesso Teto

3) Audiência CASA

4) Audiência Banco Leste

5) Audiência Banco Norte

6) Audiência Ok Veículos

7) Audiência Saudeplan

8) Audiência Gesso Leve

9) Audiência Banco White

10) Audiência Banco Green

11) Audiência Banco Griz

12) Audiência LAR

13) Audiência Rui

2.1.2 Os dados diacrônicos:

O objetivo na análise diacrônica é desvendar a trajetória de *por exemplo*, o seu percurso de gramaticalização. Pois, além de ser necessário saber onde surgiram os processos de aposição, focalização etc. para a posterior explicação, precisamos identificar o início do processo de gramaticalização, para que apliquemos, satisfatoriamente, o pressuposto de Dias (2004) de que, diferentemente dos outros conectores/ marcadores discursivos (*quer dizer, ou seja, isto é e vale dizer*), *por exemplo* não é originário de verbo e sim de (*per*) mais substantivo.

A constituição do *corpus* diacrônico conta, somente, com dados de escrita: O *Corpus Informatizado do Português Medieval* – séculos XIV, XV, XVI, XVII, XVIII, XIX e XX; *Corpus Diacrônico do Português*: séculos XIII, XIV, XV, XVII e XX e, ainda, alguns textos avulsos dos séculos XVI, XVIII e XIX.

Os dados analisados somou 145 (cento e quarenta e cinco) ocorrências de construções em que foram encontrados o substantivo *exemplo* e o conector/ marcador discursivo *por exemplo*.

O *Corpus Informatizado do Português Medieval* – séculos XIV, XV, XVI, XVII, XVIII, XIX e XX, como podemos ver abaixo.

Quadro XII – Dados do *Corpus Informatizado do Português Medieval*

Século	Referência Completa
XIV	Crônica Geral de Espanha 1344 (1300-1400).
XV	Evangelhos e Epístolas com suas Exposições em Romance (1497); Livro da Virtuoso Bemfeitoria do Infante Dom Pedro (1430-1443); Boosco Deleitoso (1400-1451); Livro da Vita Christi (1446); Orto do Esposo(1400-1500).
XVI	Flos Sanctorum (Flores de Direito) 1513; Consolação às Tribulações de Israel (1553); Diálogos (1589); Rópica Pnefma (1532); Historia do Jampam1 (1560-1580); Historia da Vida do Padre S. Francisco Xavier (1600).
XVII	Cartas (1690-1700); Crônica da Companhia de Jesus (1663); Anais de D. João III (1631); Tratado da Sciencia Cabala

XVIII	Notícia da arte Cabalística (1724); Aves Ilustrados (1738); Obras Econômicas (1790); Cartas sobre a educação da Mocidade (1760)
XIX/XX	Obras Seletas (1849-1923); Uma Família Inglesa (1839-1871); Os Fidalgos da Casa Mourisca (1839-1871); A Morgadinha dos Canaviais (1839-1871); As Pupilas do Senhor Reitor (1839-1871); Cartas a Emília (1888); As Doutoradas (1838-1890); Eu (1884-1914); Mattos Malta ou Matta? (1857-1913); O moço loiro (1820-1882).

Contamos com os dados disponíveis do *Corpus Diacrônico do Português: séculos XIII, XIV, XV, XVII e XX* (cujo organizador é Fernando Tarallo) e para complementar os séculos faltosos do *corpus* Diacrônico do Português, *consultamos alguns textos avulsos*⁴¹ dos séculos XVI, XVIII e XIX.

Os textos avulsos consultados do século XVI são:

Quadro XIII – Textos avulsos do século XVI

Século	Código	Referência Completa
XVI	16 CSD	“Colóquios dos simples e drogas e cousas medicinais da Índia”
XVI	16 HSC	“Pero de Magalhães. Historia da prouincia de Sãcta Cruz a que vulgarme[n]te chamamos Brasil...”
XVI	16 CDA	“Crônica del-Rei D. António. Estudo e leitura de Mário Alberto Nunes Costa”
XVI	16 CPJ	“Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil (1538-1553) Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, vol. I e II, s.d.”
XVI	16 CDM	“Crônica do Felicíssimo Rei D. Manuel, Nova edição conforme a primeira de 1566. Parte I”
XVI	16 MNS	Um manuscrito náutico seiscentista reencontrado”

Os textos avulsos do século XVIII são:

Quadro XIV – textos avulsos do século XVIII

Século	Código	Referência Completa
XVIII	18D	Directório, que se deve observar nas Povoações dos Índios do Pará, e Maranhão em quanto Sua Magestade não mandar o contrario. Lisboa, Na Officina de Miguel Rodrigues, Impressor do Eminentíssimo Senhor Cardial Patriarca. MDCCLVIII.
XVIII	18NA	Necessario Aviso acerca da Igreja e Doutrina dos Papas em Roma.

⁴¹ Tivemos uma grande colaboração da Professora Doutora Sanderléia Roberta Loghin-Thomazi (Unesp/ São José do Rio Preto) que nos cedeu a maioria dos textos avulsos analisados.

		Amorosa e fielmente dado para a advertência dos que estão na Ditta Igreja. Pelos Missionários Inglezes em Madras. Calcutta, Impressa na Officina da Missão. Ano MDCCLXXXV.
XVIII	18OS	A Ordem da Salvação ou A Doutrina Christã brevemente em perguntas e respostas declarada e provada com principaes testemunhos da escritura sagrada. Tranquebar. Em Índia Oriental na Costa de Coromandei. Na Estampa dos Missionários delRey de Dennemarck. Anno 1712.
XVIII	18REF	Reflexoens sobre a questãõ entre os Estados Unidos, e a França. Offerecidas por Roberto Goodloe Harper hum dos Delegados da Carolina Meridinal. Philadelphia, maio de 1797. Traduzidas em Portuguez em Londres, 1798
XVIII	18UA	Do Uso, e Abuso das minhas Agoas de Inglaterra, pello inventor das mesmas Agoas, J. de Castro Sarmento, doutor em Medicina, do Collegio Real dos Médicos de Londres, e Sócio da Sociedade Real. Impresso em Londres, Em Caza de Guilherme Strahan, anno MDCCLVI.
XVIII	18TM	Theorica verdadeira das Mares, conforme a philosophia do incomparável cavalheiro Issac Newton, pello Dr. Jacob de Casto Sarmento. Impressa em Londres, anno MDCCXXXVII.

Os textos avulsos do século XIX são:

Quadro XV – textos avulsos do século XIX

Século	Código	Referência Completa
XIX	19IRP	A Idéia Republicana no Pará. Coletânea de artigos publicados no <i>Diário de Notícias</i> , do Pará, em 1988. Organizados por Lauro Sodré in: <i>Crenças e Opiniões</i> . Belém: Typographia do Diário Oficial, 1896.
XIX	19RV	Relatório de viagem exploradora de Matto-Grosso ao Pará pelo rio Xingu, apresentado ao Ministro da Guerra – em 1885 – pelo então Capitão Francisco de Paula Castro. Revista “O Arquivo”, vol. I. Cuiabá: Fundação Júlio Campos, 1904.
XIX	19CGM	Chrónica Geral e Minuciosa do Império do Brazil. Desde a descoberta do Novo Mundo ou América até o anno de 1879. Pelo Dr. Mello Moraes (A.J. de). Rio de Janeiro: Dias da Silva Júnior, Typographo-editor, 1879.
XIX	19CAQ	Cartas de Antero de Quental com um prólogo de Teixeira de Carvalho. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1921
XIX	19RNG	Relatório da Repartição dos Negócios da Guerra, apresentado à Assembléa Geral Legislativa, em 14 de janeiro de 1843, pelo respectivo Ministro e Secretário d’Estado José Clemente Pereira. Rio de Janeiro: Na Typographia Nacional, 1845.
XIX	19DMA	Discurso recitado pelo Exmo Presidente Miguel de Souza Mello e Alvim, no dia 07 de janeiro de 1842, por ocasião da abertura da Assembléa Legislativa da Província de São Paulo. São Paulo: Typographia Imperial de Silva Sobral, 1812.

2.2 Grupos de Fatores

Logo após a análise dos dados sincrônicos e diacrônicos, partimos para a seleção dos grupos de fatores com objetivo de investigar qualitativa e quantitativamente os dados, através de parte do programa estatístico GOLDVARB 2001. É por meio desse programa estatístico que conseguimos, de fato, instituir credibilidade aos nossos estudos, pois esse é capaz de provar (cálculos, estimativas, porcentagens) se as hipóteses formuladas por nós durante a realização das investigações são cabíveis.

Os grupos de fatores foram selecionados devido a sua importância perante o objeto de estudo, assim temos:

- Grupos de fatores sincrônicos:

Posição de *por exemplo* (Variável dependente)

Inicial

Medial (“...-sujeito” e sujeito-verbo)

Final

Fronteiras (verbo-complemento e fronteira final)

Elemento base de referência:⁴²

Sintagma Nominal

Oração

Período

Não se aplica

Classificação de *por exemplo*:

⁴² Em exame qualitativo e quantitativo, analisamos o elemento base de referência e não toda a unidade matriz.

Conector
Marcador
Conector/Marcador discursivo

Função semântico-pragmática

Focalização/Exemplificação
Exemplificação/Especificação
Focalização/Exemplificação/Especificação

Realização sintática da aposição

Sintagma Nominal
Oração
Período
Não se aplica

-Grupos de fatores diacrônicos:

Classificação de *por exemplo*:

Conector
Marcador discursivo
Conector/Marcador discursivo

Função semântico-pragmática

Focalização/Exemplificação
Exemplificação/Especificação
Focalização/Exemplificação/Especificação

Séculos analisados

XIII/XIV

XV

XVI

XVII

XVIII

XIX

XX

XXI

2.3 Objetivos da pesquisa:

Antes mesmo da realização do presente trabalho, pesquisas em torno de *por exemplo* revelaram a sua função de conector apositivo. Assim, a partir dessa revelação inicial, principiamos uma investigação mais profunda visando, principalmente a: a) analisar os diversos usos e funções de *por exemplo*; b) verificar a mobilidade e função desse item lingüístico nas construções apositivas; e c) verificar a mobilidade e função de *por exemplo* em unidades não-apositivas.

Entusiasmados com os resultados revelados pelos dados sincrônicos, os objetivos intensificaram-se, por isso, partimos para a análise diacrônica, buscando encontrar a procedência e a trajetória realizada por esse fenômeno.

2.4 Hipótese da pesquisa

Como dissemos anteriormente, *por exemplo* caracteriza-se por ser um elemento móvel, podendo apresentar-se em diferentes pontos de uma construção. Assim, quando *por exemplo* é apositivo, é possível encontrá-lo em posição inicial, em posição medial (nas fronteiras de constituintes: "...-sujeito" e sujeito-verbo) e também em outros tipos de fronteira de

constituintes (verbo-complemento e fronteira final). Em construções não-apositivas, o objeto lingüístico apresenta-se nas fronteiras "...-sujeito", sujeito-verbo, verbo-complemento e fronteira final. Dessa forma, trabalhamos com a *hipótese* de que essas diversas posições estão intimamente conectadas com as funções que o item lingüístico desempenha (isto é, que a multifuncionalidade de *por exemplo* é consequência das posições ocupadas por ele).

Em plano diacrônico, a unidirecionalidade, segundo Heine et al. (1991), é um princípio que rege a gramaticalização e o seu pressuposto fundamental é que os itens lexicais básicos se gramaticalizam, por meio de processos metafóricos-metonímicos, tornando-se gramaticais, abstratos e que o processo inverso é extremamente incomum. No entanto, no estudo sobre *por exemplo*, hipotetizamos que, por não pertencer à categoria dos verbos (até então estudada por Heine et al (1991)) e sim, a dos substantivos, esse objeto participasse de um outro processo de gramaticalização. Isto é, que não acompanhasse o fluxo de gramaticalização (unidirecional) encontrada nos verbos.

Dessa forma, em estágio mais avançado de pesquisa, mostramos que, categorialmente a gramaticalização de *por exemplo* segue àquele fluxo proposto por Heine et al (1991), enquanto, semanticamente, tal processo ocorre de modo inverso (de abstrato para concreto), contrariando à proposta formulada por esse autor.

CAPÍTULO III - O *POR EXEMPLO* DIACRÔNICO

Para que pudéssemos compreender as várias facetas de *por exemplo* nos dados atuais, fomos instigados a procurar e, conseqüentemente, explicar sua trajetória a partir de um estudo diacrônico minucioso.

A busca incessante pela trajetória de *por exemplo* nos mostrou um caminho de que não pudemos desviar. A pesquisa em textos dos séculos XIII/ XIV indicam a falta de ocorrências de *por exemplo*⁴³ e a recorrência do substantivo *exemplo*, indicando que a tão almejada trajetória de *por exemplo* estava, primeiramente, na análise do **substantivo exemplo**⁴⁴.

Dessa forma, a verificação de ocorrências de *por exemplo* se inicia no substantivo *exemplo*, autenticando o pressuposto de Dias (2004) de que tal fenômeno, diferentemente dos outros marcadores (isto é quer dizer, vale dizer, ou seja) não é oriundo de verbo e sim, de um substantivo ou locução.

A partir dos dados diacrônicos investigados⁴⁵ (especificados na metodologia), a primeira utilização do substantivo *exemplo* foi encontrada no século XIV, cujo significado era **MODELO** de algo *honrado, virtuoso*. Assim, temos:

(12) Escrituras Sanctas e dos dizeres e autoridades dos doutores catholicos e de outros sabedores e das façanhas e dos **exemplos** dos sanctos homees.
(- Titolo VI: da Peendeça que he o III Sagrameto e por que há // nome e ssom XLI leys/ pg 51 século XIV)

No exemplo (12), temos “e dos exenplos dos sanctos homees”. A expressão que sucede o substantivo exemplo “sanctos homees” nos mostra que “exemplo” representa algo de honrado, virtuoso. Percebemos isso porque se os homens eram santos, então, os exemplos que eles davam serviam de modelo, de padrão de virtude.

⁴³ A falta de ocorrência de *por exemplo* se destaca somente nos séculos XIV e XVIII. No séculos seguintes (XV), já é possível observar o início do processo de formação de *por exemplo*.

⁴⁴ Nosso trabalho buscou, a partir de uma análise diacrônica, investigar as origens de *por exemplo* e, para isso, tivemos que penetrar e investigar o substantivo *exemplo*, porém, **nosso estudo não engloba tal substantivo exemplo, mas apenas o *POR EXEMPLO***.

⁴⁵ Não encontramos recorrência nem de *exemplo* e nem de *por exemplo*, no século XIII.

(13) “...ca sse esforça e s’aviva para fazer sempre bê e pêra dar bõõ **exemplo** de ssy sempre aaqueles a que preega. (- Titulo VI: da Peendeça que he o III Sagrameto e por que há // nome e ssom XLI leys pg 74 século XIV).

Mais uma vez, no exemplo (13), o homem serve como um exemplo de virtude (pêra dar bõõ **exemplo** de ssy). Porém, só podemos perceber que exemplo é representante de virtude se as ações do homem também forem.

A partir do século XV, tanto no *Corpus* Diacrônico do Português como no *Corpus* Informatizado do Português Medieval, encontramos *por exemplo*, porém apenas como FORMA, ou seja, a preposição “por” atrelada ao substantivo “exemplo”, que resulta no mesmo sentido já encontrado nos séculos anteriores: **modelo (exemplo), protótipo** de algo honrado, virtuoso.

(14) aa contemplaçom, nem morara em corpo subjecto a pecados quanto aa vida activa, a qual se faz e usa per o ministerio ou servidom do corpo. Des hi, confirma esto meesmo Cristo per exemplo da arvor: "Porque toda boõa arvor, enquanto he boõa, faz boos fructos, e a maa arvor faz maaos fructos", enquanto he maa. E esto se entende compostamente. E porem se o boõ homem maaos fructos faz (*Corpus* Informatizado do Português Medieval- LIVRO DE VITA CHRISTI/1446).

O trecho “Cristo per exemplo da arvor”, retirado do exemplo (14), constata a aparição de *por exemplo* no século XV, mas apenas como FORMA. Ou seja, a preposição “per” atrelada ao substantivo *exemplo* gerando o mesmo significado já anteriormente conhecido: “modelo”, exemplo de algo virtuoso: “Cristo *por exemplo* (por modelo virtuoso) da árvore: porque toda boa árvore, enquanto é boa, faz bons frutos, e a má árvore faz maus frutos”.

Em (14), é notável a ausência tanto das relações semânticas de correferencialidade parcial e geral-específico quanto da classe semântica de particularização, específica da aposição. A *classe semântica de exemplificação* é percebida, pois a maioria dos dados que envolvem *por exemplo* apresenta tal classe semântica.

(15) a sua alma he segura e ha recebido saude, entom deve proveitar aos outros e curar deles. Mas se ele he enfermo e viver apartado dos outros, podera fazer a eles mais bem **per exemplo** de boas obras que por doutrina nem por palavra, porque o cego que guia outro cego, ambos caaem em a cova. Ca aaqueles he dado que governem e doutrinem os outros, que ham si meemos bem provados e espertados (*Corpus Informatizado do Português Medieval - BOOSCO DELEITOSO/1400-1451*)

Nesse exemplo, mais uma vez, *por exemplo* representa apenas a forma, em que a preposição *per* está associada ao substantivo *exemplo*, resultando no mesmo sentido do substantivo *exemplo* já conhecido, modelo de virtude, exemplo de algo honrado: “...podera fazer a eles mais bem **per exemplo** de boas obras que por doutrina nem por palavra...” = A partir dos exemplos das boas obras (exemplo de algo honrado, virtuoso), é possível fazer bem a eles.

Mais uma vez em (15), notamos a ausência tanto das relações semânticas como a correferencialidade parcial e geral-específico, quanto da classe semântica de particularização. A *classe semântica de exemplificação* é percebida, pois a maioria dos dados que envolvem *por exemplo* apresentam tal classe semântica.

Como dissemos anteriormente, a ausência de relações semânticas (correferencialidade parcial e geral-específico), típicas das construções apositivas, nos leva a hipotetizar que o *por exemplo* “modelo”, a partir de certa frequência de uso, tenha passado a um novo tipo **não-apositivo**, encontrado também no mesmo século (XV), denominado *por exemplo híbrido*.

O *por exemplo híbrido* é consequência do acarretamento do traço [virtude] de *por exemplo* “modelo” e o traço [focalização em fronteira de constituinte] de *por exemplo focalizador*⁴⁶ (não-apositivo).

Na verdade, o tipo *híbrido* apresenta aspectos que nos fazem perceber o resquício do traço virtuoso, honrado de *por exemplo modelo*. E, ainda apresenta a característica relativa ao *por exemplo focalizador*: a focalização de informação em fronteira de constituinte. Vejamos abaixo:

⁴⁶ Como dissemos no capítulo referente ao marcador discursivo, *por exemplo focalizador* focaliza informações através de fronteira de constituintes.

(16) A cobiiça do mundo promete avondança, e paga final e postumeira pobreza e mingua. O diaboo promete exalçamento, e paga no tempo vindoiro abaixamento e desprezo. Des hi, o Senhor prova **per exemplo** aquilo que proposerá, porque as silvas e os cardos e a vide e a figueira se conhecem stremadamente per os desvairados fructos seus; ergo, assi se conheceram os homees: "Nom se colhem das spinhas uvas, ou dos cardos (*Corpus* do Português Medieval - LÍVRO DE VITA CHRISTI/1446)

Em (16), vemos o uso *híbrido* de *por exemplo*, pois ainda é possível resgatarmos em “o Senhor prova **per exemplo** aquilo que proposerá” o sentido de modelo, exemplo de algo virtuoso. *Percebemos que o sentido ainda não se perdeu completamente nesse processo de mudança* (“O Senhor prova a partir do modelo, do exemplo aquilo que propuserá”). Na verdade, recuperando os termos utilizados pelos estudiosos da gramaticalização, o item ainda não sofreu um *bleaching* total, ou seja, não houve o apagamento de seu sentido original. Assim, entendemos que a mudança está ocorrendo de forma gradual.

E, ainda, no mesmo trecho, encontramos a *focalização catafórica* de informação, já que *por exemplo* se encontra em *fronteira de constituinte verbo-complemento*. Então, a partir da mescla das dessas funções, de fato, ocorre o *por exemplo híbrido*.

A ausência de traços apositivos (a correferencialidade parcial a relação geral-específico e a particularização) e a provável freqüência do uso *híbrido* de *por exemplo* proporcionou um processo de mudança, gerando o *por exemplo* focalizador – não apositivo - (nos séculos XVI e XVII), cuja função é focalizar informações através das fronteiras de constituintes.

A primeira manifestação de *por exemplo* focalizador ocorre no século XVI (*Corpus Informatizado do Português Medieval*) em *fronteira de constituinte verbo-complemento*, a mesma fronteira ocorrida em *por exemplo* híbrido. Isso corrobora a hipótese de que *por exemplo híbrido*, através de um processo de mudança, passou a *por exemplo* focalizador.

Observemos a primeira manifestação de *por exemplo* encontrada no século XVI no *Corpus* do Português Informatizado:

(17) ou quantidade das couzas, haver ou cauzar alguma duvida em seos conceitos - que o podem attribuir à falta de se não terem as taes palavras bem declaradas, como para isto se podem trazer *por exemplo* as couzas em que apontaremos. 1. Primeiramente, escrevendo-se de cá que tal rey ou senhor levava tres contos de gente comsigo para a guerra, fallou a tal pessoa, quem quer que foi, ao modo japonico, mas (Corpus Informatizado do Português Medieval Historia do Japam/1560-1580 FROIS - século XVI).

Como dissemos anteriormente, em fronteira de constituinte verbo-complemento, a função de *por exemplo* é **focalizar de modo catafórico a informação nova** (corroborando à proposta de Lambrecht). Por isso, nesse caso, o complemento “*as couzas em que apontaremos*” é a informação enfatizada.

Há uma diferença entre os *corpora* analisados. Como dissemos anteriormente, no *Corpus Informatizado do Português Medieval*, encontramos a primeira manifestação de *por exemplo* no século XVI. Já no *Corpus Diacrônico do Português*, a primeira ocorrência de *por exemplo* se dá um século mais tarde (XVII). Mas, o mais interessante é que em ambos os *corpora*, o *por exemplo* é o mesmo, ou seja, **focalizador em fronteira de constituinte verbo-complemento**.

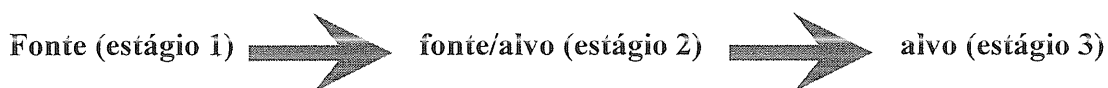
O exemplo abaixo mostra a primeira ocorrência de *por exemplo* no *Corpus Diacrônico do Português*, no século XVII:

(18) e por eles minha presensa foi aeresentada a pautta e dado o preso as cousas ~q nella faltauaõ ao mesmo respeito por~q as demais estauaõ avaliadas em ~q não alterou nem inmottou nada ~q das os presos as cousas ~q faltauaõ ao mesmo respeito das ~q estauaõ aualiadas ~q vem ser outro tamtto mais como ditto he a ~q dou *por exemplo* ~q estamenhas valem outo uinteis por uara e estão aualiadas na pauta antiga por dezaseis. (Corpus do Português Diacrônico Tarallo- século XVII)⁴⁷

É interessante notar que, mesmo um século mais tarde, a fronteira de constituinte ainda predominante é a fronteira verbo-complemento, por isso, o elemento focalizado é o complemento: “~q estamenhas valem outo uinteis por uara e estão aualiadas na pauta antiga por dezaseis”.

⁴⁷ Existe diferença entre os *corpora* analisado: no Corpus Informatizado do Português Medieval, o *por exemplo* surge no século XVI, enquanto no Corpus do Português Diacrônico surge somente no século XVII.

A trajetória de *por exemplo* explicitada se adapta muito bem ao esquema proposto por Heine (1991):



O estágio 1 se refere ao item lexical em sua forma mais plena, o estágio 2 é marcado pela ambigüidade, ou seja, envolvem os conceitos fonte e alvo e no estágio 3, apenas o conceito alvo é possível.

Como sabemos, os conceitos gramaticais são derivados dos conceitos básicos a partir da passagem de traços do domínio-fonte para o domínio-alvo. Quando uma expressão lexical, pertencente ao conceito-fonte é transferida para designar um conceito gramatical gera *ambigüidade*, já que uma mesma expressão serve, simultaneamente para se referir aos dois diferentes conceitos.

O mesmo acontece com o fenômeno de *por exemplo*. Primeiramente, no estágio 1, encontramos a forma plena (domínio), original, representada pelo substantivo *exemplo*, logo, no estágio 2, aparece a forma *híbrida 1*, ou seja, a mescla da função de *por exemplo* “modelo” do século XV e a função de *por exemplo* focalizador, do século XVI. Finalmente, o *por exemplo* focalizador, a forma alvo, representante do estágio 3.

Foi somente a partir do século XVIII que encontramos ocorrências de *por exemplo* **apositivo**.

(19) Alem disso (3) he tambem muy certo e claro de outros diversos lugares da Escritura sagrada, que S. Pedro naõ tinha nem pretendia ter primazia alguma entre os outros Apostolos, nem alguma mayor autoridade sobre as Igrejas do que elles tinhaõ. Por Exemplo: Os Apostolos, que estavaõ em Jerusalem, enviavão a Pedro para Samaria, Act. 8, 14. o que não puderaõ fazer. _e elle fõra seu Superior. Hua vez os na Igreja, que eraõ da circunciaõ, tinhaõ contenda contra elle, porque em Cefarea tivèra entrado a os Gentios, Act. 11 1-3. Em o Concilio de Jerusalem naõ Pedro mas Jacobo fez a decisaõ. (Texto avulso do século XVIII - SEC XVIII (NA))

O exemplo (19) é denominado apositivo por haver uma unidade (A), funcionando como unidade base e outra (B), funcionando como unidade apositiva (nesse caso, *por exemplo* introduz a unidade apositiva). A relação semântica geral-específico, peculiar de *por exemplo* apositivo, pode ser notada quando, na unidade base fala-se aquilo que é geral: “... outros diversos lugares da Escritura sagrada, que S. Pedro não tinha nem pretendia ter primazia alguma entre os outros Apóstolos, nem alguma maior autoridade sobre as Igrejas do que elles tinhaõ. Logo, com a introdução de *por exemplo*, especifica-se as informações, explicitando os lugares das escrituras sagradas (os atos foram especificados) e também especificando (“*Por Exemplo: Os Apóstolos, que estavaõ em Jerusalem, enviavão a Pedro para Samaria, Act. 8, 14. o que não puderaõ fazer. _e elle fõra seu Superior. Hua vez os na Igreja, que eraõ da circunciação, tinhaõ contenda contra elle, porque em Cefarea tivèra entrado a os Gentios, Act. 11 1-3. Em o Concilio de Jerusalem não Pedro mas Jacobo fez a decisão*”) o porque de o Apóstolo Pedro não ter primazia entre os outros Apóstolos.

A relação semântica de *correferencialidade parcial* (*parcial porque não há exata correspondência entre as unidades e seus referentes*) confirma o caráter apositivo, pois o enunciado introduzido por *por exemplo* “*Por Exemplo: Os Apóstolos, que estavaõ em Jerusalem, enviavão a Pedro para Samaria (...)*” retoma e expande: *Pedro não tinha nem pretendia ter primazia alguma entre os outros Apóstolos, nem alguma maior autoridade sobre as Igrejas do que elles tinhaõ*”).

Aqui, também é possível percebermos a função argumentativa de *por exemplo* apositivo. A posição *S. Pedro não tinha nem pretendia ter primazia alguma entre os outros Apóstolos, nem alguma maior autoridade _sobre as Igrejas do que elles tinhaõ* é devidamente sustentado pelas evidências formais introduzidas por *por exemplo* (em negrito).

Esse exemplo ainda apresenta uma característica que Decat (1999) chama de “desgarrada”. Ou seja, é desgarrada porque inicia uma nova unidade depois de um ponto final.

Segundo esta autora, utilizamos a técnica do “desgarramento” para colocar em destaque, em evidência, o assunto que queremos tratar, a partir da nossa intenção comunicativa. No exemplo (19), a informação destacada é tudo aquilo que sucede *por exemplo*, as evidências que sustentam o ponto de vista defendido. O desgarramento dá ênfase à informação com vistas ao convencimento do outro na cadeia temática.

“quanto maior a intenção comunicativa de ênfase, de foco, maior a tendência ao desgarramento da oração, que se torna uma frase autônoma, tendo, assim, maior peso no fluxo informacional e na cadeia temática, do que estar ainda atrelada formalmente a outra. É a ênfase com vistas ao convencimento”. (DECAT, 1999)

Se, *por exemplo* focalizador ressalta uma determinada informação por meio das fronteiras de constituintes, muitas vezes, o *por exemplo* apositivo utiliza a técnica do “desgarramento” como artifício para ressaltar informação.

Se em séculos anteriores XIII, XIV, XV, XVI e XVII era raro, ou mesmo impossível encontrarmos “*por exemplo*”, nos séculos XVIII, principalmente nos séculos XIX e XX observamos a ampliação desses usos em diversos contextos, isto é, a generalização, nos termos de Bybee, Pagliuca & Perkins (1994:6).

A trajetória de *por exemplo* pode ser esquematizada da seguinte forma:

Quadro XVI: A trajetória de *por exemplo*

EXEMPLO (XIV e XV) = modelo de virtude



(PER) EXEMPLO (XV) = preposição (per) + substantivo (exemplo) = modelo de virtude



POR EXEMPLO HÍBRIDO (XV) = Traços de modelo (virtude) + traços de focalizador



POR EXEMPLO NÃO-APOSITIVO (XVI/ XVII) = *por exemplo* focalizador de informação nova nas fronteiras de constituintes



POR EXEMPLO APOSITIVO (XVIII) (posição inicial/posição medial/ em fronteira de constituinte)

Um ponto importante a ser destacado é que com a sistematicidade dos usos de *por exemplo* apositivo e focalizador, essas formas tornaram-se *recorrentes* e *coexistentes* por algum tempo (novas formas surgem dentro do sistema lingüístico que passam a *coexistir* com as formas antigas. As formas antigas não desaparecem imediatamente e conseqüentemente passam a interagir com as emergentes)⁴⁸.

No entanto, a partir da nossa investigação nos dados atuais, as formas que eram comuns em séculos anteriores, como *por exemplo* “modelo” (modelo/exemplo de algo virtuoso) e também o *por exemplo* híbrido, passaram a não ser encontradas, sendo recorrente apenas as formas de *por exemplo* não-apositivo e *por exemplo* apositivo .

⁴⁸ Ver processo de gramaticalização de *por exemplo* (pg 16/17), baseado nos parâmetros de Hopper (1991).

3.1 Como *por exemplo*

No processo de investigação diacrônica sobre *por exemplo*, destacamos quatro funções principais deste fenômeno: *por exemplo* “*modelo*”, nesse caso, encontramos *por exemplo* apenas como FORMA, ou seja, a preposição “por” atrelada ao substantivo “exemplo”, que resulta em um sentido de **modelo (exemplo), protótipo de algo honrado, virtuoso**. O *por exemplo híbrido*, que pode ser compreendido como o acarretamento do traço de virtude de *por exemplo* “*modelo*” e o traço de focalização em fronteira de constituinte de *por exemplo focalizador*. Há ainda, o *por exemplo marcador discursivo*, cuja função principal é a exemplificação e focalização em variadas fronteiras de constituintes. E, por fim, *por exemplo conector*, que apresenta-se em construções apositivas estabelecendo relações e classes semânticas. No entanto, ainda encontramos nos dados uma quarta função de *por exemplo*: **COMO POR EXEMPLO**⁴⁹.

A análise de como *por exemplo* tem como base a tese de doutorado de Lima-Hernandes (2005). Em sua análise de usos de *tipo, feito, igual e como*, a autora nos mostra que é possível que *como* seja um introdutor de exemplificação:

Como (**preposição**) – este grupo inclui ocorrências prepositivas de dois tipos: **exemplificativa** propriamente dita e **pseudocomparativa**. No primeiro caso, *como* desempenha função de introduzir exemplos ou de enumerar elementos em cadeia exemplificativa. Antecede-o um SN indefinido, ou seja, de referência especificada. Pode ser parafraseado pela expressão “*por exemplo*” ou “qual seja”. (Lima-Hernandes 2005:88).

Vejamos o exemplo selecionado pela autora:

(a) É o mal do século. A televisão, por incrível que pareça, ela é uma faca de dois gumes: ao mesmo tempo que ela instrui a uma criança em programas bons **como** o (ruído) sítio do pica-pau amarelo, ela também passa, toda noite, um filme de violência. (E48- PEUL - Amostra 80)

⁴⁹ É necessário enfatizarmos que o nosso trabalho tem como prioridade o estudo de *por exemplo* e não de *como por exemplo*. Ao encontrarmos nos dados ocorrências de como *por exemplo* não pudemos deixar de comentá-las e fazer uma breve análise.

Nesse exemplo “como” possui uma função exemplificativa, pois enumera elementos em cadeia exemplificativa.

Segundo a autora, *como* possui uma função exemplificativa quando enumera elementos, assim, em *como por exemplo*, hipotetizamos que a função de *como* é exemplificar, enumerar elementos em cadeia exemplificativa (Lima-Hernandes 2005:88), enquanto *por exemplo* é **introjetado para fornecer apoio, reforço à preposição**. Esta leitura se aplica à maioria dos nossos dados analisados.

(20) he hum só, sem que pela multiplicação das unidades, a unidade de cada numero se componha, ou misture com outra unidade, porque naquelle numero, que consta de muytas unidades, **como por exemplo** o numero oyto consta de oyto unidades, não crescendo o valor de alguma dellas, nem incorporando-se hua com a outra, mas sendo realmente distintas, ou realmente huma só, cada huma; porque quem contar hum oyto vezes fará (TRATADO DA SCIENCIA CABALA, OU NOTICIA DA ARTE CABALISTICA - *Corpus* Informativo Medieval-1724)

O exemplo (20) pode ser tomado a partir da proposta de análise de Lima-Hernandes (2005): “como”, é um introdutor de exemplificação, já que podemos perceber a sua função exemplificativa (enumeração de exemplo, elemento) e *por exemplo* possui uma função de reforço, apoio à preposição.

Nesse exemplo, percebemos que, realmente, é **como** que exerce a principal função, já que é possível retirarmos o *por exemplo* sem danificar o sentido anteriormente construído: “... que consta de muytas unidades, **como** o numero oyto consta de oyto unidades...”. Constatamos, então, que *por exemplo*, nesse caso, serve exclusivamente para fornecer apoio, reforço à preposição.

Visto que as construções “*como por exemplo*” são, na maioria das vezes, regidas pela sobreposição semântica, nesse exemplo podemos notar ainda uma leitura que sugere traços de *conformidade*: o número oito está conforme, em consonância ao que foi dito anteriormente: “que consta de muitas unidades”.

Anteriormente, exemplificamos a partir de dados diacrônicos, mas é possível encontrarmos *como por exemplo* em dados atuais:

(21) Essas constatações permitem duas possibilidades de interpretação: ou o item se encontra nos estágios iniciais de um processo de GR, podendo vir a cumprir uma trajetória rumo a uma categoria mais gramatical ainda (*como, por exemplo*, a dos clíticos ou afixos, o que demandaria alterações morfológicas profundas em sua estrutura), ou pode ter seu processo de GR interrompido, possibilidade prevista nesse quadro teórico. (Gramaticalização de construções com o verbo “parecer” no português brasileiro: de verbo pleno a satélite atitudinal – Sebastião Carlos Leite Gonçalves. *Veredas*, vol. 14/15)

No exemplo (21) notamos que a proposta de análise de Lima-Hernandes (2005) mais uma vez se aplica: “como” possui a função exemplificativa, pois há uma enumeração de elementos, enquanto “*por exemplo*” é o reforço da preposição. Porém outra leitura é possível, a leitura da conformidade. Ou seja, os clíticos e os afixos estão conforme, de acordo com aquilo dito anteriormente: “item se encontra nos estágios iniciais de um processo de GR, podendo vir a cumprir uma trajetória rumo a uma categoria mais gramatical ainda”.

Através de uma breve análise de *como por exemplo*, podemos afirmar que, na maioria das ocorrências, tal fenômeno apresenta duas leituras concomitantes: a exemplificativa, a partir da enumeração de exemplos e elementos, bem como a conformativa (aquilo que está de acordo e em consonância).

CAPÍTULO IV - *POR EXEMPLO* SINCRÔNICO

Nos dados atuais de investigação, não encontramos ocorrências de *por exemplo* “modelo” ou mesmo *por exemplo híbrido*, etapas iniciais do processo de gramaticalização. Foram encontradas apenas ocorrências de *por exemplo apositivo* e *por exemplo não-apositivo*, que representam as etapas mais avançadas da gramaticalização desse fenômeno.

Acreditamos que *por exemplo* “modelo” e *por exemplo* híbrido não são encontrados porque já não expressam da melhor maneira as necessidades comunicativas do falante (e, por isso, desapareceram dos dados atuais). No entanto, o *por exemplo apositivo* e *por exemplo não-apositivo* são recorrentemente encontrados nos dados atuais por expressarem, satisfatoriamente, as intenções comunicativas de cada falante.

4.1 *Por exemplo*

A análise dos dados sincrônicos nos mostrou um traço extremamente peculiar de *por exemplo*: a sua *mobilidade*, traço compartilhado tanto por *por exemplo apositivo* quanto por *por exemplo não-apositivo*.

4.1.1 *Por exemplo apositivo*

Em uma construção apositiva, sendo composta por unidade base (A) e unidade apositiva (B), o *conector*⁵⁰ pode encontrar-se em posições distintas. Primeiramente, localizamos *por exemplo* em *posição inicial*, entre a unidade (A) e a unidade (B), encabeçando a unidade apositiva (a maior parte das ocorrências revela que *por exemplo* inicial é “*desgarrado*”, nos termos de Decat,(1999) e estabelece as relações semânticas próprias da aposição: a correferencialidade parcial e geral-específico.

⁵⁰ Como dissemos anteriormente (no item 1.4.2: *Conector*), as realizações de *por exemplo* apositivo são chamadas de conector.

(22) A limitação deste modelo adotado pela maioria dos dicionários e glossários jurídicos reside em não considerar outros fenômenos (pragmáticos, lingüísticos e cognitivos) tipicamente relacionados ao discurso. Por exemplo: o fenômeno da alta freqüência da co-ocorrência de termos padronizados como fator de coesão quando associados semanticamente a outros termos através dos vários tipos de sinonímia e da colocação, independentes da sua forma ou função gramatical. (A representação semântica dos multinomes jurídicos em inglês – Celina Frade. Veredas, Vol.8)

No exemplo (22) a relação semântica geral-específico pode ser notada, pois, na unidade base, encontramos o tema exposto de forma generalizada: “A limitação deste modelo adotado pela maioria dos dicionários e glossários jurídicos reside em não considerar *outros fenômenos*”. Logo, na unidade apositiva, com a introdução de *por exemplo*, ocorre a especificação do tema: “*Por exemplo: o fenômeno da alta freqüência da co-ocorrência de termos padronizados como fator de coesão (...)*”

Devido à relação semântica geral-específico apresentada anteriormente, a *correferencialidade é parcial* que pode ser observada através do seguinte fragmento da unidade apositiva: “*Por exemplo: o fenômeno da alta freqüência da co-ocorrência*” que retoma e expande o significado de: “*(...) reside em não considerar outros fenômenos(...)*”.

O conector *por exemplo* ainda apresenta uma característica que Decat (1999) chama de “*desgarrada*”. Ou seja, é “*desgarrada*” porque inicia uma nova unidade entonacional depois de uma pausa marcada. Segundo a autora, utilizamos a técnica do “*desgarramento*” para **focalizar, destacar** aquilo que queremos tratar, a *partir da nossa intenção comunicativa*.

Logo, encontramos as ocorrências de *por exemplo* em *posição medial*, que realizam-se após um sintagma nominal, preposicionado ou adverbial introdutor de aposição e, a partir dessa disposição, é possível percebermos o acúmulo de funções: é **apositivo** (por apresentar a relação geral-específico e a correferencialidade parcial) e **focalizador** (por apresentar-se entre fronteira de constituinte “...- sujeito” e sujeito-verbo”, focalizando um dos constituintes) ao mesmo tempo.

Assim, *por exemplo* medial em fronteira “...-sujeito”:

(23) Tal fato torna-se mais evidente ao atentarmos para algumas pistas de contextualização. No segmento acima, *por exemplo*, o emprego de um registro formal – o vocábulo “perfunctórias” – é a princípio inadequado para aquele tipo de encontro. (*Metamensagens no discurso de um paciente psiquiátrico* - Branca Telles Ribeiro. Veredas, Vol. 8)

O conector *por exemplo* se encontra após um sintagma adverbial introdutor de unidade apositiva, instituindo duas funções importantes: a função apositiva, pois há duas unidades (A) e (B) representando uma construção e constituindo as relações semânticas de *geral-específico*, em que a unidade (A) anuncia o tema de forma generalizada “pistas de contextualização” e a unidade (B) especifica esse tema a partir de um exemplo: “No segmento acima, *por exemplo*, o emprego de um registro formal – o vocábulo “perfunctórias” – é a princípio inadequado para aquele tipo de encontro”. E, de *correferencialidade parcial* (chamamos parcial, pois não há exata correspondência entre as unidades e seus referentes), que pode ser detectada no momento em que “(...) *por exemplo*, o emprego de um registro formal – o vocábulo “perfunctórias” retoma (indiretamente) e expande o sentido de “pistas de contextualização”.

Há no exemplo (23) a ocorrência da função focalizadora. Constatamos isso, pois o nosso item lingüístico localiza-se entre a fronteira de constituinte “...-sujeito”. E, devido a essa posição, a focalização recai sobre o item imediatamente anterior ao *por exemplo*.

Também há a estratégia utilizada nesse exemplo para evidenciar informação foi o “desgarramento”. Isto é, o autor, devido a sua intenção comunicativa, ressalta a unidade apositiva “desgarrando-a” da unidade base através de uma pausa marcada.

E, ainda, *por exemplo* medial em fronteira sujeito-verbo:

(24) Embora, aqui, não tenha explorado o aspecto da recorrência de usos, há evidências de que a alta recorrência de estruturas nem sempre pode ser correlacionada a estágios elevados de gramaticalização. **As hipotáticas, por exemplo, são as mais recorrentes e as encaixadas, as menos recorrentes.** Esses resultados, associados ao grau de gramaticalização, fariam com que fosse válida- equivocadamente - a afirmação de que hipotáticas são mais gramaticalizadas do que encaixadas. (*Estágios de gramaticalização da noção de tempo- processos de combinação de orações*-Maria Célia Lima-Hernandes. Veredas, Vol. 14/15)

Assim como no exemplo (23), em (24) é possível notarmos que o conector *por exemplo* acumula funções, isto é, é **apositivo** por apresentar as relações semânticas de geral-específico, o geral é representado por “estruturas” e o específico, representado por “As hipotáticas”, e a relação de correferencialidade parcial, já que o sintagma nominal “As hipotáticas”, pertencente à unidade apositiva, retoma e expande o sentido de “estrutura”, enfatizado na unidade base de referência. E, é também, **focalizador**, pois se encontra em fronteira de constituinte sujeito-verbo, destacando para o interlocutor a informação nova: “As hipotáticas”.

O “desgarramento” também acontece nesse exemplo, já que a intenção comunicativa de ressaltar a unidade apositiva ocorreu devido a pausa marcada inserida após a unidade base.

Por último, consideramos *apositivas*, estruturas que se apresentam entre as fronteiras de constituintes (*verbo-complemento e fronteira final*), mas que realizem funções apositivas como: a relação semântica geral-específico e a correferencialidade parcial (e, algumas vezes, a questão argumentativa). Assim temos:

(25) “O que é isso?” ou “Qual o nome disso?” e respondemos, **por exemplo**, “**um mapa**” ou “**uma cafeteira**”... (Em torno da palavra como unidade lexical: Palavras e composições - Margarida Basílio. *Veredas*, Vol.7).

Em (25), encontramos o conector *por exemplo* em fronteira de constituinte verbo-complemento da unidade apositiva. Sendo assim, sua função é ressaltar a informação nova contida no complemento: “um mapa ou uma cafeteira” (...). No entanto, é importante percebermos, também, a presença das características simbólicas da aposição como a relação semântica apositiva geral-específico, na qual a generalização é representada “O que é isso?” ou “Qual o nome disso?” e a especificação, representada por “*por exemplo*, “um mapa” ou “uma cafeteira, encabeçada pela locução *por exemplo*.”

E, ainda, podemos notar a correferencialidade parcial já que a unidade introduzida por *por exemplo* retoma e, ao mesmo tempo, expande o significado de “O que é isso?” ou “Qual o nome disso”.

E, por último, *por exemplo* apositivo em fronteira final:

(26) Como, em geral, o objetivo dos autores é delimitar as fronteiras entre certas classes de palavras, deixam de ser mencionados outros tipos de locuções, **como aquelas compostas por verbos, por exemplo.** (*Locução para quê?*- Maria Carmelita Dias. *Veredas*, Vol. 8)

Em (26), encontramos o conector *por exemplo* em fronteira de constituinte final da unidade apositiva. Sendo assim, sua função é ressaltar a informação nova imediatamente anterior ao item lingüístico: “como aquelas compostas por verbos”. Mas, é importante constatar também a presença das funções peculiares da aposição, como a relação semântica apositiva geral-específico, na qual, a generalização ocorre em “outros tipos de locuções” e, a especificação, quando o autor delimita essas locuções: “como aquelas compostas por verbos”. Já a relação de correferencialidade parcial ocorre no momento em que a unidade apositiva finalizada por *por exemplo* retoma e expande o significado da unidade base de referência, grifada.

4.1.2 *Por exemplo* não-apositivo

Quando em fronteira de constituintes, *por exemplo* perde as características apositivas (as relações semânticas) e apresenta-se como *focalizador*. Nesse caso, as posições ocupadas por ele são intra-oracionais e variam muito. Dessa forma, o *marcador discursivo* pode encontrar-se entre as fronteiras “...- *sujeito*” (*por exemplo* encontra-se em posição anterior ao *sujeito*); *sujeito-verbo*; *verbo-complemento* e *fronteira final*.

(27) L1 –mas cê sabe que assim...igual mas apesar de ser uma coisa assim...igual cês tão falano assim...num é um ritual natural pro ser humano...assim igual esse negócio de num entrá no cemitério que o vô Sidney (inint) igual quando cê falô que tava lá a viúva agarrada com a mão ...então assim...eu *por exemplo* tenho um problema sério com gente morta

((risos)) mais especificamente com a viúva do morto que fica passano a mão e vem te cumprimenta COM aquela mão ((risos)) (Dados *Mineira*)

O marcador discursivo *por exemplo* possui a função de colocar em evidência a informação *nova*. Em (27), a fronteira ocupada por *por exemplo* é sujeito-verbo, dessa forma, a focalização é anafórica e o elemento novo evidenciado é o sujeito “eu”.

(28) (...) a senhora não gostaria *por exemplo* de ir na loja e escolher um aparelho.(Brasimac Aval/Procon)

O marcador discursivo *por exemplo* possui a função de colocar em destaque a informação *nova*. Em (28), a fronteira ocupada por *por exemplo* é verbo-complemento, dessa forma, a focalização é catafórica e o elemento novo evidenciado é o complemento: “de ir na loja(...)”.

(29) Os nativos do português realizam padrões silábicos simples do tipo v e cv no início da aquisição da língua, tal como em estágios linguísticos pigdnizantes (cf. Hall, 1966; Valdman, 1977; Todd, 1974; Mühläusler, 1986; Holm, 1993, *por exemplo*) (*Enfoques de pesquisa sobre a relação língua e sociedade* – Maria Cecília Mollica. *Veredas*, Vol.8)

O marcador discursivo *por exemplo* coloca em destaque uma informação *nova*. Em (29), *por exemplo* está em fronteira final, destacando anaforicamente toda a informação nova entre parênteses. É interessante observarmos nesta ocorrência que o *por exemplo* evidencia, destaca a referência bibliográfica que constitui o suporte, a base para a assertiva proposta.

Agora, de modo mais detalhado, explicaremos caso a caso as realizações de *por exemplo* apositivo e *por exemplo* não-apositivo:

4.2 Construção Apositiva:

Recuperando o que havíamos dito, os dados atuais mostram que a aposição não pode ser considerada apenas como relação entre orações, pois esse conceito não supre as informações contidas nos *corpora*. É necessário que consideremos a aposição como uma *construção, composta de unidades lingüísticas menores*. Segundo o conceito da *Escola de Praga*, a noção de construção pode ser entendida como: “as unidades do plano inferior tenham por função “construir” as unidades do plano superior, e que as unidades do plano superior sejam compostas de unidades do plano inferior, podendo assim as unidades do plano inferior ser classificadas de acordo com a sua função nas unidades do plano superior”.

Assim, a *construção apositiva* é composta por **duas unidades**: unidade (A) base e unidade (B) apositiva, sendo que ambas, na maioria das ocorrências, são constituídas sintaticamente por *várias orações* (duas ou mais, daí o nome unidade).

O conector *por exemplo* é caracterizado por encontrar-se em posição *inicial, medial e final* da unidade apositiva, constituindo a relação semântica de **correferencialidade parcial** (parcial porque não há exata correspondência entre as unidades e seus referentes) em que a unidade apositiva, introduzida por *por exemplo* **retoma e expande** um elemento (sintagma nominal, oração(ões), ou todo o período) da unidade anterior. Simultaneamente à correferencialidade parcial, introduz-se a relação semântica **geral-específico**, compreendida como uma relação referencial existente entre um lexema mais geral e um lexema mais específico - Lyons (1980). Isto é, adaptando a proposta de Lyons (1980), em uma construção apositiva, a unidade base expressa o assunto de forma generalizada, enquanto na unidade apositiva, o assunto é especificado.

É importante constatar a dificuldade⁵¹ para designar uma relação entre duas unidades, em que primeiramente verifica-se um segmento mais geral (o “todo”), “superordenado” e, a seguir, na unidade apositiva, encontra-se um segmento mais específico (a “parte”), “subordinado”.

No entanto, Meyer (1992) concebe uma diferença básica entre tais relações: a relação semântica geral-específico é considerada *referencial* e a relação hiperonímica/hiponímica, *não-referencial*. Assim, baseando-nos nos estudos desse autor, encontramos a relação *geral-específico* como aquela que permeia o objeto de estudo. Isto é, nos dados analisados, constatamos que a relação estabelecida por *por exemplo*, quando em unidade apositiva, é *referencial*.

Quanto às classes semânticas identificadas por Meyer (1992:73-77) temos: aquelas em que a segunda unidade é mais específica do que a primeira: identificação, apelação, particularização e exemplificação. Classes semânticas em que a segunda unidade é menos específica do que a primeira, dentre elas encontramos somente a caracterização. E, ainda classes semânticas em que as segundas unidades são tão específicas quanto as primeiras unidades, dentre elas: paráfrase, reorientação auto-correção.

A partir da análise de dados, deparamo-nos com a *particularização e a exemplificação*, que estão dentre aquelas em que a *segunda unidade é mais específica que a primeira*.

A *particularização*, segundo o autor, é aquela em que a segunda unidade da aposição “focaliza” uma referência ou um significado da primeira unidade. Essa particularização pode ser realizada por meio de marcadores obrigatórios, que focalizam referentes da primeira

⁵¹ “Quando se trata de nomes abstratos e também nomes concretos massivos a distinção entre a relação geral/específico (todo-parte) e a relação hiperonímica/hiponímica fica extremamente difícil de ser estabelecida”. Lyons (1977:253).

unidade. Ou ainda, ser realizada por meio de uma relação hiponímica, em que a segunda unidade da aposição é incluída no significado da primeira unidade, mais geral.

Na *exemplificação*, a segunda unidade apresenta um exemplo da primeira unidade. Aposições que possuem essa classe contêm unidades que são geral-específico (todo/parte) e são ligadas a elementos dos tipos: “tais como, como e *por exemplo*”, ou seja, itens que indicam, explicitamente, que a segunda unidade é um exemplo da primeira.

“Appositions within the class of exemplification are like those within the class of particularization (...). Appositions within this class contain units that are part/whole⁵² relation to one another and that are joined by the obligatory markers of apposition such as, like, or for example”. (Meyer 1992:77)

Observemos o exemplo (8) reescrito como (30):

(30) “...abriu um leque de opções para *as mulheres* que se encontram no que eu chamo de segunda vida adulta. Elas passaram a escolher sem culpa. *Por exemplo, as que estão em casamentos infelizes e sexualmente vazios tendem a tomar a iniciativa de pedir a separação e o divórcio na meia-idade*”. (Gail Sheehy -07/2006. *Claudia*).

Em (30), *por exemplo* encabeça unidade apositiva (composta de duas orações) e, por isso, encontra-se em **posição inicial**, estabelecendo a relação *geral-específico*, em que o sintagma “as mulheres”, situada no primeiro período base e o anafórico “elas” situado na oração que constitui a unidade base representam a *generalização*, enquanto na unidade apositiva “as” adicionado à cláusula relativa “*que estão em casamentos infelizes (...)*” representa a especificação das mulheres. (A relação de referência pode ser notada, pois “as” se refere a “mulheres”, já expresso em unidade anterior). A *correferencialidade parcial*, traço peculiar da aposição, é sugerida por “as”, localizada na unidade apositiva que recupera “as mulheres” da primeira unidade base ou “elas”, da segunda unidade base.

As classes semânticas de particularização e exemplificação podem ser observadas conjuntamente. Isto é, ao introduzir o conector *por exemplo*, estabeleço a unidade apositiva e

⁵² O que Meyer (1992:77) chama de parte/todo, nós chamamos de geral-específico.

constato que na segunda unidade há elementos que fazem referência à primeira unidade: “as” focaliza/ particulariza “as mulheres”. A *exemplificação* também é constituída pelo auxílio do conector *por exemplo*, já que a segunda unidade possui a função básica de exemplificar a primeira unidade: as mulheres que estão em casamentos infelizes exemplificam as duas unidades bases anteriores.

O *por exemplo* ainda apresenta uma característica que Decat (1999) chama de “*desgarrada*”. Segundo a autora, utilizamos a técnica do “desgarramento” para **destacar** aquilo que queremos discutir, a *partir da nossa intenção comunicativa*. Nesse exemplo, a informação que está sendo focalizada é aquela unidade iniciada após a pausa marcada, representada por: “***Por exemplo***, as que estão em (...)”

(31) INQ.- Eh...agora vô te perguntá algumas coisas assim sobre: umas datas e uns lugares pra vê se você cunhece, pra...pra contá alguma história...qualqué coisa que passá, se ocê lembrá e eu não te perguntá você pode falá...por exemplo, o dia três de maio é o dia da Santa Cruz e::ainda é costume das pessoas daqui irem até o cruzero, nesse dia, pra rezá? (Entrevista Raquel/ *Corpus de Conceição de Ibitipoca*)

Na oralidade, a relação semântica geral-específico também pode ser notada, pois na unidade base, encontramos o assunto exposto de forma generalizada “umas datas e uns lugares pra vê se você cunhece, pra...pra contá alguma história...” e logo, na unidade apositiva (composta por várias orações), com a inserção de *por exemplo em posição inicial*, deparamo-nos com a especificação daquele assunto: “***por exemplo*** o dia três de maio é o dia da Santa Cruz e::ainda é costume das pessoas daqui irem até o cruzero, nesse dia, pra rezá?”. Ainda, é possível notarmos a referencialidade dessa relação semântica, pois o fragmento expresso na unidade apositiva se refere ao (s) elemento (s) da unidade base, ou seja, a *correferencialidade parcial* é indicada pelo fragmento da unidade apositiva “***por exemplo***, o dia três de maio é o dia da Santa Cruz (...)” *retoma e expande*, na unidade base, os referentes “umas datas (...) pra contá alguma história”.

A classe semântica de particularização é verificada no momento em que a segunda unidade faz referência ao significado ou uma informação contida na primeira unidade. Assim, “o dia três de maio é o dia da Santa Cruz e::ainda é costume das pessoas daqui irem até o cruzero, nesse dia, pra rezá?” faz referência/particulariza o significado de: umas datas e uns lugares pra vê se você cunhece, pra...pra contá alguma história.

A exemplificação, função desempenhada pelo conector *por exemplo*, ocorre quando a unidade apositiva em negrito exemplifica a unidade base de referência: “umas datas e uns lugares (...) alguma história”.

É possível encontrarmos a técnica do “desgarramento” em dados orais. Segundo Dias (Veredas 2005), “*na fala, estamos adaptando a proposta de Decat (1999), e considerando os casos em que haja pausa mais longa*”. Dessa forma, nesse exemplo será enfatizada a informação que se encontra após a pausa: “*...por exemplo o dia três de maio*”.

Observemos o exemplo (3) reescrito como (32):

(32) “Ninguém nos Estados Unidos percebeu que o programa não é 100% real, tem algumas coisas que são inventadas, sim. **Por exemplo, no segundo episódio em plena festa de aniversário da minha filha eu saio pra falar ao telefone com pacientes. Aquelas conversas não são de verdade.**” (Robert Rey 10 de novembro de 2004 - Revista Veja, *páginas amarelas*)

Em (32), vemos que a unidade apositiva (composta por duas orações), introduzida por *por exemplo* anuncia a **correferencialidade parcial**, já que “*Por exemplo, no segundo episódio em plena festa de aniversário da minha filha eu saio pra falar ao telefone com pacientes. Aquelas conversas não são de verdade.*” Retoma e expande os referentes “o programa não é 100% real, que algumas coisas são inventadas, sim”. Além da correferencialidade parcial, a relação semântica geral-específico pode ser constatada no momento em que na unidade apositiva especifica: “*por exemplo, no segundo episódio em*

plena festa...” o que está sendo assegurado na unidade base: “tem algumas coisas que são inventadas sim”.

Encontramos as classes semânticas de particularização e exemplificação. A particularização pode ser compreendida no momento em que “*Por exemplo*, no segundo episódio em plena festa de aniversário da minha filha eu saio pra falar ao telefone com pacientes. Aquelas conversas não são de verdade” particulariza a informação de que “o programa não é 100% real, tem algumas coisas que são inventadas, sim”.

Na exemplificação, verificamos a unidade apositiva: “*Por exemplo*, no segundo episódio (...) eu saio pra falar ao telefone com pacientes (...)” exemplificando que o programa não é 100% real.

Ainda, deparamo-nos, mais uma vez, com a técnica do “*desgarramento*”. O falante/escritor acredita ser necessário enfatizar a unidade apositiva, por isso, devido a sua intenção comunicativa, insere a pausa marcada após a unidade base.

Como dissemos anteriormente, os *corpora* investigados nos revelam que as unidades que compõem a construção apositiva são constituídas por várias orações. Porém, ainda que incomum, é possível encontrarmos tanto a unidade base (A) quanto a unidade apositiva (B) sendo constituídas por sintagmas nominais ou sintagmas preposicionados. Observemos o exemplo abaixo.

(33) INQ.- E::... sobre as lendas... sobre as lendas... eh::... *por exemplo* aquela árvore que cabe eh::... os cavaleros dentro dela... cê conhece alguma coisa?

INF.- Eu conheço a árvore.

INQ.- Cê conhece?

INF.- Conheço.

(Entrevista Vicente /*Corpus de Conceição de Ibtipoca*)

Em (33), podemos perceber que a unidade base sublinhada não é composta por diversas orações, como ocorre na maioria dos exemplos (*ver exemplos 17, 18 e 19*). No entanto, é representada por sintagmas preposicionados.

Além da relação geral-específico, em que “*por exemplo* aquela árvore que cabe eh:... os cavaleros dentro dela...? ” especifica “sobre as lendas... sobre as lendas... eh...”. A *correferencialidade* parcial também é traço marcante da aposição em dados de fala. Por isso, a unidade apositiva (composta por duas orações) em negrito *retoma e expande* a informação sobre as lendas, localizada na unidade base de referência.

Novamente as classes semânticas de particularização e exemplificação ocorreram. A unidade apositiva, introduzida pelo conector *por exemplo*, particulariza/evidencia e também exemplifica o significado da unidade base de referência: “sobre as lendas... sobre as lendas...”

Aqui, também, podemos observar a *saliência da informação*, no entanto, acreditamos que a informação foi ressaltada não pela técnica de “desgarramento”, mas pela **dificuldade de processamento**. Assim, a pausa “...”, localizada anteriormente ao *por exemplo* é o indício da dificuldade de processamento que resulta na ênfase da seguinte informação: “... *por exemplo* aquela árvore que cabe eh:... os cavaleros dentro dela... cê conhece alguma coisa?”

(34) INQ.- Oh FAB, eh eu vejo que vocês tem uma convivência, um grupo de amigos muito...interessante...muito unido...comé que...comé que cê vê isso, cumé que funciona isso...por exemplo a obra, do...do ROD? (Entrevista Fabiano/ *Corpus de Conceição de Ibitipoca*)

Em (34), a unidade apositiva, em negrito, não é composta por orações, como ocorre na maioria dos exemplos, mas constituída por sintagmas nominais.

Além da relação geral-específico, em que “*por exemplo* a obra, do...do ROD?” especifica a unidade base de referência sublinhada, com destaque para o sintagma nominal “isso”, a *correferencialidade* parcial também pode ser notada, já que a unidade apositiva, em negrito,

retoma e expande a informação sobre “...comé que cê vê isso, cumé que funciona isso”, localizada na unidade base.

As classes semânticas de particularização e exemplificação também são encontradas. A unidade apositiva, introduzida pelo conector *por exemplo*, particulariza/evidencia e também exemplifica o significado de “isso”: “comé que...comé que cê vê isso, cumé que funciona isso...”.

Tanto o exemplo (33) quanto o exemplo (34) são retirados de dados de fala (dos corpora analisados). Nos dados escritos não houve manifestação sintática da categoria de sintagma nominal ou sintagma preposicionado em construção apositiva envolvendo o conector “por exemplo”.

Outro tema a ser destacado quanto ao *por exemplo* apositivo é o seu **PENDOR ARGUMENTATIVO**.⁵³

Schiffrin (1987) mostra que a argumentação é motivada a partir de três itens principais: a *posição*, também conhecida como tese ou ponto de vista; a *disputa* e a *sustentação* ou suporte.

Foram esses elementos, juntamente com os movimentos argumentativos de Gille (2001) – Posin (posição inicial), Posas (posições associadas, relacionadas com outras já abordadas), Posre (posição retomada), Rech (movimento de rechaçar uma posição sem argumetação), Refu (movimento de refutar uma posição, isto é, um contra-arguemnto), justificação e evidência- que fundamentaram o trabalho de Vieira (2002) e fizeram com que a autora considerasse como *seqüência argumentativa* quando, em primeira posição, um participante apresenta uma determinada idéia, e, em segunda posição, outro participante, que questiona e disputa aquela idéia.

Nos dados sincrônicos falados e escritos analisados, notamos que a *seqüência argumentativa* não ocorre da mesma forma, já que não encontramos traços de um participante

⁵³ Devemos lembrar que, o PENDOR ARGUMENTATIVO é privilégio das ocorrências de *por exemplo* inicial.

secundário, o **interlocutor**, fazendo papel daquele que questiona, entrando em desacordo com a idéia exposta. Assim, concluímos que no caso de *por exemplo*, um mesmo participante (o falante/escritor) exibe uma determinada idéia/posição e, por meio de *movimentos argumentativos (evidências)* a sustenta. No entanto, como vimos, anteriormente, não excluimos a possibilidade de um interlocutor virtual, atuando como questionador do ponto de vista.

Propomos, a partir das análises de dados movimentos argumentativos nas construções apositivas com *por exemplo*.

Quadro V- reescrito como XVIII: Esquema argumentativo de *por exemplo*.

Posição – idéia a ser exibida
Sustentação – (evidência que sustenta o ponto de vista)
a) <u>Evidência formal/empírica</u> – a exemplificação, os dados estatísticos, os testemunhos e os fatos encontrados na unidade apositiva sustentam o ponto de vista defendido na unidade base.
b) <u>Evidência “narrativa”</u> – a narrativa encontrada na unidade apositiva sustenta o ponto de vista representado na unidade base. Os relatos também podem ser percebidos.
c) <u>Avaliação</u> - a apreciação (do avaliador em relação ao objeto avaliado) e o julgamento (segundo normas de comportamentos éticos e sociais) marcam a atitude do falante e contituem a sustentação do ponto de vista defendido e representado na unidade base.

A análise do esquema anterior nos mostra que os dados em que há *por exemplo* apositivo ocorre apenas o ponto de vista/tese e a sustentação desse ponto de vista.

(35) Em CARVALHO (2004), demonstro que os verbos mandar, deixar e fazer (causativos) e ver, ouvir e sentir (perceptivos) também podem ser alocados no continuum acima. Alguns dos seus empregos se encontram em diferentes pontos desse continuum. Por exemplo, sentir e ouvir possuem usos como verbos lexicais (04), (05) e empregos que se aproximam de um evidencial (06), (02). Já deixar apresenta diferentes usos como lexical (07) e um uso como auxiliar (08); no entanto, não é empregado como evidencial ou modal, o que sugere que não é necessário que um dado verbo percorra toda a trajetória desde os estágios de lexical a modal para chegar à etapa de auxiliar. (Processos sintáticos de articulação de orações: algumas abordagens funcionalistas- Cristina dos Santos Carvalho. Veredas, Vol.14/15)

No exemplo (35), podemos notar que o ponto de vista (sublinhado) está sendo sustentado, suportado (nos termos de Schiffrin) por evidência formal/empírica, já que exemplifica e especifica porque os empregos de tais verbos se encontram em pontos diversos do *continuum*.

É necessário enfatizarmos que, em ocorrências de *por exemplo* apositivo, o ponto de vista ocorre na unidade base e a sustentação será realizada na unidade apositiva (composta por várias orações), após a introdução de *por exemplo*.

Além de ser argumentativo, (35) apresenta todos os traços de *por exemplo* apositivo. Assim, a correferencialidade parcial pode ser identificada no momento em que “*Por exemplo, sentir e ouvir possuem usos como verbos lexicais(04), (05) (...). Já deixar apresenta diferentes usos como lexical (07) e um uso como auxiliar (08);(...)*” retoma, expande o sentido de que “Alguns dos seus empregos se encontram em diferentes pontos desse continuum”. Juntamente com a correferencialidade parcial, encontramos a relação geral-específico, em que a segunda unidade, introduzida por *por exemplo* especifica o sentido da unidade base de referência encontrada na primeira unidade: “Alguns dos seus empregos (...)”.

As classes semânticas de particularização e exemplificação também podem ser observadas. A particularização é reconhecida, pois a segunda unidade “*Por exemplo, sentir e ouvir possuem usos como verbos lexicais (04), (05) (...). Já deixar apresenta diferentes usos como lexical (07) e um uso como auxiliar (08)*” faz referência/particulariza a informação de que “Alguns dos seus empregos se encontram em diferentes pontos desse continuum”. A

exemplificação é garantida, pois o conector ajuda a indicar claramente que a unidade B exemplifica a unidade A. Portanto, os verbos citados na unidade apositiva exemplificam que esses se encontram em diferentes pontos do continuum.

Outro ponto a ser lembrado em (35) é a questão da *saliência da informação*, que se dá pela técnica do *desgarramento* (uma nova unidade depois de uma pausa marcada). Dessa forma, o falante/escritor, através de sua intenção comunicativa, tem como objetivo evidenciar a unidade apositiva.

(36) “Sexo vende, sim, mas só se for mostrado pela ótica feminina, com destaque para o nosso poder. Por exemplo: um comercial de camisinha, francês, mostra uma bela moça tentando alugar um apartamento em Paris. Para o espanto do corretor, depois de olhar o imóvel ela começa a gemer e a gritar cada vez mais alto, simulando um orgasmo maravilhoso. Nisso, o vizinho bate na parede. A moça, então, diz que não vai alugar, afinal quer gozar sem nenhum chato perturbando...” (Marlene Bregman- 01/2005, Revista *Claudia*).

Em (36), podemos ver que a sustentação do argumento se realiza em forma de narrativa (introduzida por *por exemplo*). O falante acredita que contar uma história é o modo mais eficaz de sustentar o seu ponto de vista de que “Sexo vende, sim, mas só se for mostrado pela ótica feminina, com destaque para o nosso poder”. Mais uma vez, podemos perceber a ocorrência do ponto de vista na unidade base e a sustentação feita por *por exemplo*, na unidade apositiva (por meio de várias orações).

Além de argumentativo, esse exemplo apresenta todos os traços de *por exemplo* apositivo. Dessa forma, a correferencialidade parcial é verificada quando *“Por exemplo: um comercial de camisinha, francês, mostra uma bela moça tentando alugar um apartamento em Paris. Para o espanto do corretor, depois de olhar o imóvel...”* *retoma e expande* parte do sentido da unidade base fazendo referência à “ótica feminina e o destaque para o nosso poder”. Ao lado da correferencialidade parcial, constatamos a relação *geral-específico*, em que a segunda unidade, iniciada por *por exemplo* especifica a primeira. Então, a *narração* (unidade apositiva) serve também para especificar o que está sendo dito na unidade base de referência.

As classes semânticas de particularização e exemplificação podem ser detectadas, concomitantemente. A *narração* observada na unidade apositiva serve tanto para particularizar e fazer referência quanto para exemplificar a unidade base de referência. Dessa forma, a segunda unidade “*Por exemplo, um comercial de camisinha, francês, mostra uma bela moça tentando alugar um apartamento em Paris (...)*” *faz referência, particulariza e também exemplifica* a informação de que “sexo vende, sim, (...)”.

Outro ponto a ser lembrado em (36) é a questão da *saliência da informação*, que se dá pela técnica do *desgarramento*. O falante/escritor quis, primordialmente, enfatizar a informação contida na unidade apositiva e, para isso, inseriu um ponto final após a unidade base.

A avaliação também é outro caminho para sustentar a argumentação:

(37) “Como dizia Einstein, o mundo exterior é reflexo do interior. O que muda dentro repercute fora. *Por exemplo: quando paro de me julgar e aceito como eu sou - em vez de ficar preocupada com o que deveria ser - , passo a aceitar também os outros e consigo agir de maneira mais relaxada e amorosa*”. (Anna Sharp- 06/2006, Revista *Claudia*).

O ponto de vista do argumento, localizado na unidade base é “o mundo exterior é reflexo do interior. O que muda dentro repercute fora”, assim, o *por exemplo*, pertencente à unidade apositiva (composta por várias orações), introduz a sustentação do argumento, que será feito por meio da avaliação de que a pessoa faz de si mesma: “(...) *Por exemplo* quando paro de me julgar e aceito como eu sou (...)”

Diferentemente dos exemplos anteriores, em (37), apesar da relação geral-específico (a segunda unidade específica a unidade base de referência sublinhada) é possível verificarmos a correferencialidade do ponto de vista do locutor, isto é, as unidades ainda que apresentem sentidos distintos, possuem o mesmo referente extralingüístico. Assim, notamos que a segunda unidade (“*Por exemplo: quando paro de me julgar e aceito como eu sou...*”) retoma e expande a informação sublinhada na unidade base, detalhando, *especificando o sentido* de “O”

que muda dentro repercute fora?. Concomitantemente à correferencialidade do ponto de vista do falante, localizamos a relação *geral-específico*, na qual toda a segunda unidade (iniciada pelo conector) especifica a unidade base de referência sublinhada.

As classes semânticas de particularização e exemplificação também podem ser localizadas. A segunda unidade possui a função de fazer referência e particularizar o sentido base de referência da primeira unidade. Assim, a avaliação realizada pela pessoa (na unidade apositiva) particulariza o sentido mais geral encontrado na unidade base de referência. A exemplificação é assegurada, pois o conector sugere explicitamente que a segunda unidade é um exemplo da primeira.

Novamente, encontramos *a saliência da informação* sendo realizada por meio do *desgarramento*. Devido a sua intenção comunicativa, o falante/escritor ressalta a informação contida na unidade apositiva e, para isso, adiciona um ponto final após a unidade base.

Diferentemente de um mero quantificador de exemplos, *por exemplo apositivo* se destaca pelas diversas funções que pratica: **estabelecedor de relações** (correferencialidade parcial e geral-específico) e **classes semânticas** (exemplificação e particularização), **focalizador de informação** pela técnica do desgarramento e ainda **sustentador de argumentação**.

4.2.1 Construção apositiva e função pragmática de focalização (Por exemplo medial)

Esse tipo de *por exemplo* é encontrado após um sintagma nominal, preposicionado ou adverbial introdutor de unidade apositiva e, a partir da sua posição, percebemos o acúmulo de funções: é **apositivo**, por manifestar-se em uma construção apositiva e por constituir as relações semânticas de correferencialidade parcial e geral-específico. E é também **focalizador**, pois o encontramos entre a fronteira de constituinte “...-sujeito” e *sujeito-verbo*.

(38) “Temos um advogado lá, mas ele nem sempre está disponível para responder a todas as dúvidas que temos. No julgamento, por exemplo, ele não foi, mandou seu secretário.” (Clarisse Gularte – 02/03/05- Revista *Veja*, páginas amarelas)

O *por exemplo* se encontra após um sintagma preposicionado introdutor de construção apositiva, estabelecendo duas funções importantes:

A função apositiva, pois há duas unidades (A) e (B) representando uma construção e constituindo as relações semânticas de **correferencialidade parcial**, na qual, “No julgamento, *por exemplo*, ele não foi...”, o termo “julgamento” e o conector *por exemplo* retomam e expandem “(...)ele nem sempre está disponível (...)” e de **geral-específico**, que pode ser localizada no instante em que o sintagma introdutor da unidade apositiva, juntamente com conector especificam o sentido de “ele nem sempre está disponível para responder a todas as dúvidas que temos.”

A particularização e exemplificação também podem ser identificadas conjuntamente. Isto é, a unidade apositiva, representada por *por exemplo* medial, particulariza e também exemplifica o sentido da unidade base de referência. Na verdade, “No julgamento, *por exemplo*, ele não foi, mandou seu secretário” está ao mesmo tempo particularizando e exemplificando a indisponibilidade do advogado.

Devido a sua intenção comunicativa, o falante/escritor ressalta a informação contida na unidade apositiva através de um ponto final, “desgarrando-a” da unidade base. Além da técnica do desgarramento, encontramos a *função focalizadora*. Isto é, em (38), devido a disposição de *por exemplo* em questão, localizamos a fronteira de constituinte “...-sujeito”. Nesse caso, a informação focalizada será o adjunto adverbial: “*no julgamento*”, deslocada para a posição de tópico.

(39) Mais especificamente, temos o processo de composição que forma estruturas do tipo [[X]v[Y]s]]s, em que o produto é um substantivo que designa um agente ou instrumento caracterizado pela ação do verbo sobre o objeto. Assim, por exemplo, um mata-mosquito é um profissional designado pela função do verbo matar sobre o objeto mosquito (Em torno

O exemplo (39) mostra *por exemplo* em posição medial, após o sintagma adverbial introdutor de aposição (“Assim”). A partir de sua estrutura apositiva, observamos as relações semânticas de geral-específico, em que o geral é representado por “(...) estruturas do tipo[[X]v[Y]s]s (...)” e o específico, representado por “mata-mosquito”. A correferencialidade parcial é percebida no momento em que “assim” retoma (condensa) e expande uma explicação da unidade base de referência. E, ainda, notamos que *por exemplo* está localizado em fronteira “... sujeito”, atuando também como focalizador. No entanto, **diferentemente** dos outros exemplos em que *por exemplo* ocorre em fronteira “...-sujeito”⁵⁴, em (39), o item lingüístico focaliza uma informação de modo catafórico, isto é, ressaltando “mata-mosquito”.

As classes semânticas de particularização e exemplificação são aqui identificadas simultaneamente. Isto é, a unidade apositiva, representada por *por exemplo* medial “Assim, *por exemplo*, um mata-mosquito é um profissional designado pela função do verbo matar sobre o objeto mosquito” *particulariza* (faz referência) e também *exemplifica* o sentido da unidade base de referência (sublinhada).

É interessante notarmos que em casos de “**Construção apositiva e função pragmática de focalização**” haverá tanto a técnica do desgarramento quanto a função focalizadora (em fronteira de constituintes) para ressaltar uma mesma informação, isso ocorre devido à disposição de *por exemplo* dentro da construção apositiva.

Outra possibilidade de ocorrer *por exemplo* apositivo medial é em fronteira sujeito-verbo, como veremos a seguir:

(40) No entanto, alterando-se os componentes dessa situação, alguns desses procedimentos podem se tornar ineficazes, demandando outro processo de composição textual. **A conversa telefônica, por exemplo, requer a verbalização de informações que, em presença,**

⁵⁴ A função de *por exemplo* quando em fronteira “...-verbo”, é focalizar a informação imediatamente anterior, isto é, aquela que está localizada em “...”.

poderiam correr por conta de elementos extralingüísticos. (*O desenvolvimento do conhecimento lingüístico-discursivo: o que se aprende quando se aprende a escrever?* – Maria da Graça Costa Val. *Veredas*, Vol.8)

O exemplo (40) mostra *por exemplo* em posição medial, após o sintagma nominal introdutor de aposição. Assim, é possível observamos as relações semânticas de geral-específico, em que o geral é constituído por “outro processo de composição textual” e o específico, constituído por “A conversa telefônica”. A correferencialidade parcial é percebida no momento em que o conector *por exemplo* retoma e expande a unidade base de referência destacada (grifada).

E, ainda, notamos que *por exemplo* está localizado em fronteira sujeito-verbo, atuando também como focalizador. Nessa fronteira, o conector destaca a informação de modo anafórico, por isso, em (40), “A conversa telefônica” é a informação ressaltada.

As classes semânticas de particularização e exemplificação são aqui identificadas simultaneamente. Isto é, a unidade apositiva, representada por *por exemplo* medial “A conversa telefônica, por exemplo, requer a verbalização (...)” *particulariza* (faz referência) e também *exemplifica* o sentido da unidade base de referência (sublinhada).

Do mesmo modo como ocorre nos exemplos de *por exemplo* apositivo medial supracitados, nesse exemplo, encontramos dois modos de ressaltar a unidade apositiva: pela própria posição do conector (fronteira sujeito-verbo), que favorece a ênfase de informação (que nesse caso se dá anaforicamente) e, ainda, por meio da técnica “desgarramento”, isto é, através de um ponto final na unidade base, realiza-se o destaque da unidade subsequente: a unidade apositiva.

4.2.2 A aposição nas fronteiras de constituintes (fronteiras verbo-complemento e fronteira final)

Consideramos também como apositivas, aquelas estruturas que apesar de apresentarem-se em fronteira de constituintes e ressaltarem informação nova (devido a essa condição), manifestam características peculiares da aposição, como as relações semânticas (geral-específico e a correferencialidade parcial) e também, as classes semânticas (exemplificação/ particularização).

Vejamos o (6) exemplo reescrito como (41):

(41) Gênero privilegiado na Península Ibérica, as cantigas são, do ponto de vista estritamente formal, textos em verso metrificado e rimado segundo padronização historicamente situada, como o comprovam, *por exemplo*, **os fragmentos da Arte de trovar, apensos ao Cancioneiro de Colocci-Brancuti, hoje, da Biblioteca Nacional de Lisboa.** (*Orações adjetivas nas Cantigas de Santa Maria: Aspectos textual-discursivos* - Celso Fraga da Fonseca. Veredas, Vol.14/15)

O exemplo (41) mostra que *por exemplo* em fronteira de constituinte verbo-complemento apresenta traços apositivos; é possível percebermos que a relação geral-específico está presente, na qual o geral é representado por “as cantigas”, enquanto o específico é representado por “os fragmentos da Arte de trovar, apensos ao Cancioneiro de Colocci-Brancuti”. A correferencialidade parcial também pode ser observada, pois “*por exemplo*, os fragmentos da Arte de trovar” retoma e expande o sentido de “as cantigas”.

As classes semânticas de particularização e exemplificação são aqui identificadas simultaneamente. Isto é, a unidade apositiva, representada por *por exemplo* apositivo entre fronteira verbo-complemento: *por exemplo*, os fragmentos da Arte de trovar (...) *exemplifica* e também *especifica* (faz referência) o sentido da unidade base de referência (sublinhada).

E, ainda, pode ocorrer:

(42) Esse ponto de vista é defendido por estudiosos de diferentes orientações teóricas, como os soviéticos Vygotsky (1989) e Luria (1986), e os americanos Givón (1979), Chafe (1986),

por exemplo. (O desenvolvimento do conhecimento lingüístico-discursivo: o que se aprende quando se aprende a escrever? Maria da Graça Costa Val. Veredas, Vol.8)

Em (42), *por exemplo* apresenta-se como um focalizador em fronteira final (*por exemplo* focaliza a informação (nova) bibliográfica imediatamente anterior). Porém, se repararmos atentamente, perceberemos uma relação entre *sintagmas apositivos*, já que a relação semântica de geral-específico foi detectada: “estudiosos de diferentes orientações teóricas” representa o geral e “como os soviéticos Vygotsky (1989) e Luria (1986), e os americanos Givón (1979), Chafe (1986), *por exemplo*”, representa o específico. Devido à intenção comunicativa do escritor, a introjeção do conector *por exemplo* em fronteira final em relações entre sintagmas apositivos representa a focalização/exemplificação daquilo que é específico e não daquilo que é geral. A correferencialidade parcial também é observada em (42), pois os diversos autores citados retomam e expandem o elemento base de referência: “estudiosos de diferentes orientações teóricas”.

As classes semânticas de particularização e exemplificação também estão presentes em (42). Isto é, a unidade apositiva, representada por *por exemplo* apositivo em fronteira final: como os soviéticos Vygotsky (1989) e Luria (1986), e os americanos Givón (1979), Chafe (1986), por exemplo *exemplifica* e também *especifica* (faz referência) o sentido da unidade base de referência (sublinhada).

É interessante notarmos que, tanto o exemplo (41) quanto o exemplo (42) apresentam traços argumentativos, isto é, a unidade apositiva possui a função de sustentar um ponto de vista.

4.2.3 Construção não-apositiva: fronteiras entre constituintes e função focalizadora

Recobrando o que havíamos dito em capítulo anterior, *por exemplo* focalizador ocorre quando o marcador discursivo se apresenta em **fronteiras de constituintes**⁵⁵. Nessas

ocorrências, há perda das características apositivas, como a correferencialidade parcial, a relação geral-específico e o pendor argumentativo, tornando-se não-afetivo, sendo apenas um *focalizador (marcador discursivo)*, um “ressaltador/exemplificador” de informação *nova* que se localiza anteriormente ou posteriormente ao marcador discursivo *por exemplo*.

Preferencialmente⁵⁶, o *marcador discursivo por exemplo* ocorre entre as fronteiras *sujeito-verbo; verbo-complemento e também em fronteira final*. Quando em fronteira *sujeito-verbo*, a informação focalizada é aquela contida no sujeito, realizando-se anaforicamente; em fronteira *verbo-complemento*, a informação focalizada é aquela localizada no complemento, daí a realização catafórica. E, quando em fronteira *final*, o *por exemplo* focaliza o que está imediatamente anterior ou recupera grande parte da unidade antecedente, por isso, desempenhando a focalização de modo anafórico.

(43) “Sim, infelizmente houve civis que morreram em virtude de operações militares. Mas o povo afegão, por exemplo, estava melhor sob o Talibã, quando mulheres eram executadas em estádios de futebol? (Condoleezza Rice – 04/05/2005. Revista *Veja*/páginas amarelas)⁵⁷.”

O *marcador discursivo por exemplo* possui a função de colocar em destaque uma informação nova. Em (43), a fronteira ocupada por *por exemplo* é *Sujeito-verbo*, dessa forma, a focalização/exemplificação é anafórica e o elemento novo destacado é o sujeito: “o povo afegão”.

(44) INF.- Já, já foi pensado, inclusive existe o plano diretor e prevê isso...o plano diretor prevê esse estacionamento.

INQ.- Sugere locais.

INF.- Sugere locais, apesar que os nossos locais são muito íngreme, a Ibitipoca tem essa dificuldade, porque cê num tem muita área plana, próximo vila, e...e tem uma dificuldade também a locomoção dessas pessoas às vezes, até pessoas mais velha, qué dizê, a pessoa nova num tem problema, né? dexa o carro e sai, essas...as ruas são apertadinhas, cê vê que faz

⁵⁵ Se, o *por exemplo* apositivo (em posição inicial) adota como técnica o “desgarramento” para evidenciar uma determinada informação, o *por exemplo não-afetivo* focaliza informações a partir das *fronteiras de constituintes*.

⁵⁶ Como dissemos anteriormente, a fronteira “...-sujeito” é extremamente rara nos dados e, por isso, não é considerada preferencial.

⁵⁷ No exemplo 43, por tratar-se de uma entrevista, percebemos a presença clara do interlocutor, que atua como questionador do ponto de vista. Isto é, a resposta “sim, infelizmente (...)” representando um pseudo-acordo comprova a participação do interlocutor.

aquela confusão, carro descendo, carro subindo, mas isso existe sim, existe um pensamento sobre isso.

AUX.- E até que isso aconteça assim será que num seria viável um...eh...fazê *por exemplo*, mão única, né? (Entrevista Waltembergue/ *Corpus de Conceição de Ibitipoca*)

O *marcador discursivo por exemplo* possui a função de colocar em destaque uma informação nova. Nesse caso, como em fronteira de constituinte *verbo-complemento*, a focalização/exemplificação dar-se-á de modo catafórico e o elemento novo focalizado será o complemento “mão única”.

E, por último, a focalização de *por exemplo* em fronteira de constituinte final. Quando o marcador discursivo se encontra nessa posição, a focalização pode ocorrer de três maneiras distintas:

1) focalização ocorre anaforicamente: o *por exemplo* focaliza/exemplifica o que está imediatamente anterior ou recupera grande parte da unidade antecedente.

2) *por exemplo* focaliza/exemplifica o comentário realizado pelo autor – meta-elemento.

(45) Tivemos de levar a guerra aos terroristas em lugares como a Afeganistão e o Iraque. Também tivemos de insistir num Oriente Médio diferente. E veja o que já conseguimos com essa insistência. É impressionante testemunhar as tropas sírias saindo do Líbano, *por exemplo*. (entrevista Condoleezza Rice 04/05/05, Revista *Veja*/páginas amarelas).

O marcador discursivo *por exemplo* possui a função de ressaltar uma informação nova dos enunciados. Em (45), encontramos o marcador discursivo retomando anaforicamente a informação nova, representada por todo o período anterior em destaque: É impressionante testemunhar as tropas sírias saindo do Líbano.

Observemos o exemplo (29) resscrito como (46):

(46) Os nativos do português realizam padrões silábicos simples do tipo v e cv no início da aquisição da língua, tal como em estágios lingüísticos pigdnizantes (cf. Hall, 1966; Valdman, 1977; Todd, 1974; Mühläusler, 1986; Holm, 1993, *por exemplo*), razão por que produzem “oto” ao invés de “outro”, “coto” por “biscoito”. (*Enfoques de pesquisa sobre a relação língua e sociedade* – Maria Cecília Mollica. *Veredas*, Vol. 8)

Mais uma vez, em (46) ocorre em fronteira de constituinte final. No entanto, sua realização se distingue das demais apresentadas anteriormente.

No exemplo (46), encontramos *por exemplo* como parte de uma informação. Nesse caso, não fica claro se o fenômeno põe em evidência o último autor ou se é utilizado para ressaltar toda a informação bibliográfica que sustenta a assertiva do autor.

Em (46), a citação da referência bibliográfica dá suporte à informação acerca da aquisição de língua. O “*por exemplo*” parece evidenciar a investigação como muito relevante e instigadora, o que pode ser comprovado por autores de renome: “(cf. Hall, 1966; Valdman, 1977; Todd, 1974; Mühläusler, 1986; Holm, 1993, *por exemplo*)” parece representar o comentário sobre: “Os nativos do português realizam padrões silábicos simples do tipo v e cv no início da aquisição da língua, tal como em estágios lingüísticos pigdnizantes”.

Como pudemos notar, as ocorrências de *por exemplo* focalizador mostram que o marcador discursivo tende a encontrar-se em fronteiras de constituintes (ressaltando uma informação nova), sendo esse destituído das características de *por exemplo* apositivo (relação semântica de geral-específico, correferencialidade parcial e argumentação).

Quadro XVII, que retoma quadro I: as posições de *por exemplo* sincrônico

<i>Por exemplo</i> apositivo: função focalizadora e função apositiva	<i>Por exemplo</i> não-apositivo: função focalizadora
Posição inicial	<u>Fronteira de constituintes:</u>
Posição Medial (“...- <i>sujeito</i> e <i>sujeito-verbo</i>)	a) “...- <i>sujeito</i> ”
Entre fronteiras (<i>verbo-complemento</i> e <i>fronteira final</i>)	b) <i>Sujeito-verbo</i>
	c) <i>Verbo-complemento</i>
	d) <i>Fronteira final</i>

É interessante observarmos que, tanto apositivo quanto não-apositivo, *por exemplo* aparece nas mesmas fronteiras de constituintes.

CAPÍTULO V – ANÁLISE QUANTITATIVA DOS DADOS E ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE OCORRÊNCIAS AMBÍGUAS

A seguir, mostraremos resultados diacrônicos e sincrônicos:

5.1 Dados diacrônicos

TABELA (1): Função de *por exemplo* x séculos analisados

	Função de (por) exemplo “modelo”	Marcador Discursivo	Conector	Híbrido	Medial
XVIII/XIV	27/27				
XV	18/20			2/20	
XVI	11/18	4/18		3/18	
XVII	4/5	1/5			
XVIII	4/10	3/10	2/10		1/10
XIX	11/22	2/22	6/22		3/22
XX	18/43	15/43	5/43		5/43
<i>TOTAL</i>	93	25	13	5	9

TABELA (2): função de *por exemplo* x função semântico-pragmática de *por exemplo*

	Função de (por) exemplo “modelo”	Marcador Discursivo	Conector	Híbrido	Medial
Exemplificação	93/98			5/98	
Focalização e exemplificação		25/25			
Focalização/exemplificação e especificação					9/9
Exemplificação e especificação			13/13		
<i>TOTAL</i>	93	25	13	5	9

As tabelas anteriores apresentam a análise quantitativa dos dados diacrônicos. Na tabela (1), as informações encontram-se dispostas entre as **funções de *por exemplo*** e os **séculos** por nós analisados. Assim, de acordo com os elementos explicitados, consideramos que (*por*) *exemplo* “modelo” perpassa os séculos, mas seu uso entra em declínio nos séculos

XVII e XVIII, quando encontramos um número insignificante de células.⁵⁸ As ocorrências de *por exemplo* híbrido apresentam um pequeno número de células, concentrando suas ocorrências nos séculos XV e XVI.

Já como marcador discursivo, na função de focalizador em fronteira de constituintes, *por exemplo* destaca-se no século XX, embora a mudança comece a operar no século XVI.

Na função de conector, em construções apositivas, a mudança começa a operar no século XVIII, no entanto, há um considerável crescimento nos séculos XIX e XX.

As ocorrências de *por exemplo* apositivo em posição medial concentram-se entre os séculos XIX e XX, período em que *por exemplo* apositivo estava se consolidando.

Na tabela (2), as informações encontram-se dispostas entre as **funções de *por exemplo*** e **função semântico-pragmática** desse item lingüístico. Assim, de acordo com os dados, *(por) exemplo* “modelo” exerce a função semântico-pragmática de exemplificação, já que a maioria das ocorrências aparece dessa forma. Quando *por exemplo* é marcador discursivo, então, a função semântico-pragmática é focalizar/exemplificar uma determinada informação. Já *por exemplo* conector concentra suas ocorrências na função de exemplificação e especificação, enquanto o *por exemplo* híbrido apresenta a totalidade de seus dados voltada para a exemplificação de uma determinada informação. E, por último, *por exemplo* apositivo em posição medial, que possui a totalidade de suas ocorrências concentradas na função de focalização, exemplificação e especificação de uma informação.

5.2 Dados Sincrônicos

5.2.1 Dados Sincrônicos escritos/falados

⁵⁸ Nos dados atuais (sincrônicos) analisados não foram encontradas ocorrências de *por exemplo* modelo, pois, provavelmente, esse item gramaticalizou-se rapidamente, em curto período de tempo.

As tabelas abaixo apresentam a análise sincrônica de *por exemplo* dos dados escritos e falados. A variável dependente escolhida foi a posição de *por exemplo*, assim, cada tabela relaciona a posição de *por exemplo* com outra função/comportamento realizado por esse item lingüístico.

TABELA (3): Posição de *por exemplo* x elemento base de referência (Dados de escrita)

	<i>Por exemplo</i> apositivo em posição <u>inicial</u>	<i>Por exemplo</i> não-apositivo em <u>fronteira de</u> <u>constituintes</u>	<i>Por exemplo</i> apositivo em <u>posição medial</u>	<i>Por exemplo</i> apositivo em <u>fronteira de</u> <u>constituintes</u>
Período	10/23		6/23	7/23
Não-referencial (para não- apositivo)		42/42		
Oração	4/9		2/9	3/9
Sintagma			8/17	9/17
<i>TOTAL</i>	14	42	16	19

TABELA (4): Posição de *por exemplo* x elemento base de referência (Dados de fala)

	<i>Por exemplo</i> apositivo em posição <u>inicial</u>	<i>Por exemplo</i> não-apositivo em <u>fronteira de</u> <u>constituintes</u>	<i>Por exemplo</i> apositivo em <u>posição medial</u>	<i>Por exemplo</i> apositivo em <u>fronteira de</u> <u>constituintes</u>
Período	8/10		1/10	1/10
Não-referencial (para não- apositivo)		35/35		
Oração	7/12		4/12	1/12
Sintagma	2/12		5/12	5/12
<i>TOTAL</i>	17	35	10	7

Nas tabelas (3) e (4), relacionamos a **posição** de *por exemplo* e o seu **elemento base de referência**, no entanto, em (3) encontramos os dados referentes a escrita e em (4) dados referentes a fala.

Assim, observamos que em ambas tabelas *por exemplo* apositivo em posição inicial tende a apresentar o período como elemento base de referência (na fala, a oração também é recorrente); quando *por exemplo* não é apositivo, apresentando-se apenas como focalizador na fronteira de constituintes não ocorre elemento base de referência, e, então, classificamos tais ocorrências como não-referenciais. Já em posição apositiva medial, encontramos o sintagma e o período como os principais elementos base de referência. E, por fim, em *por exemplo* apositivo, entre fronteiras de constituintes, detectamos em (3) o sintagma e o período como os elementos base de referência, enquanto em (4), identificamos apenas o sintagma como estrutura mais recorrente.

TABELA (5): Posição de *por exemplo* x classificação de *por exemplo* (Dados de escrita)

	<i>Por exemplo</i> apositivo em posição <u>inicial</u>	<i>Por exemplo</i> não-apositivo em <u>fronteira de</u> <u>constituintes</u>	<i>Por exemplo</i> apositivo em <u>posição medial</u>	<i>Por exemplo</i> apositivo em <u>fronteira de</u> <u>constituintes</u>
Conector	14/49		16/49	19/49
Marcador Discursivo		42/42		
<i>TOTAL</i>	14	42	16	19

TABELA (6): Posição de *por exemplo* x classificação de *por exemplo* (Dados de fala)

	<i>Por exemplo</i> apositivo em posição <u>inicial</u>	<i>Por exemplo</i> não-apositivo em <u>fronteira de</u> <u>constituintes</u>	<i>Por exemplo</i> apositivo em <u>posição medial</u>	<i>Por exemplo</i> apositivo em <u>fronteira de</u> <u>constituintes</u>
Conector	17/34		10/34	7/34
Marcador Disc.		35/35		
<i>TOTAL</i>	17	35	10	7

Nas tabelas (5) e (6), observamos uma relação estreita entre aposição e conector e entre não-aposição e marcador discursivo.

TABELA (7): posição de *por exemplo* x função semântico-pragmática de *por exemplo* (Dados de escrita)

	<i>Por exemplo</i> <u>apositivo</u> em posição <u>inicial</u>	<i>Por exemplo</i> <u>não-apositivo</u> em <u>fronteira</u> de <u>constituintes</u>	<i>Por exemplo</i> apositivo em <u>posição</u> <u>medial</u>	<i>Por exemplo</i> <u>apositivo</u> em <u>fronteira</u> de <u>constituintes</u>
Exemplificação/ especificação	14/14			
Focalização/ exemplificação		42/42		
Focalização/exemplificação e especificação			16/35	19/35
<i>TOTAL</i>	14	42	16	19

TABELA (8): posição de *por exemplo* x função semântico-pragmática de *por exemplo* (Dados de fala)

	<i>Por exemplo</i> <u>apositivo</u> em posição <u>inicial</u>	<i>Por exemplo</i> <u>não-apositivo</u> em <u>fronteira</u> de <u>constituintes</u>	<i>Por exemplo</i> apositivo em <u>posição</u> <u>medial</u>	<i>Por exemplo</i> <u>apositivo</u> em <u>fronteira</u> de <u>constituintes</u>
Exemplificação/ especificação	17/17			
Focalização/ exemplificação		35/35		
Focalização/exemplificação e especificação			10/17	7/17
<i>TOTAL</i>	17	35	10	7

Nas tabelas (7) e (8), relacionamos a **posição** de *por exemplo* e a sua **função semântico-pragmática** e, assim, são consideráveis as ocorrências de *por exemplo* apositivo em posição inicial, pois apresenta número significativo de ocorrências na qual *por exemplo* atua como exemplificador e especificador de informação. Também, vale ressaltar as

ocorrências de *por exemplo* não-apositivo nas fronteiras de constituintes, que apresentam 100% de suas ocorrências realizando, ao mesmo tempo, função focalizadora e exemplificadora de informação. E, por último, é significativo as ocorrências de *por exemplo* apositivo medial e em fronteiras de constituintes, pois a totalidade dos dados (de ambas posições) aponta que *por exemplo*, apresenta a focalização, a exemplificação e ainda a especificação como traço semântico-pragmático.

TABELA (9): posição de *por exemplo* x realização da unidade apositiva (Dados de escrita)

	<i>Por exemplo</i> <u>apositivo</u> em posição <u>inicial</u>	<i>Por exemplo</i> <u>não-apositivo</u> em <u>fronteira de</u> <u>constituintes</u>	<i>Por exemplo</i> <u>apositivo</u> em posição <u>medial</u>	<i>Por exemplo</i> <u>apositivo</u> em <u>fronteira de</u> <u>constituintes</u>
Período	10/22		10/22	2/22
Não-referencial (para não- apositivo)		42/42		
Oração	2/12		6/12	4/12
Sintagma	2/15			13/15
<i>TOTAL</i>	14	42	16	19

TABELA (10): Posição de *por exemplo* x realização da unidade apositiva (Dados de fala)

	<i>Por exemplo</i> <u>apositivo</u> em posição <u>inicial</u>	<i>Por exemplo</i> <u>não-apositivo</u> em <u>fronteira de</u> <u>constituintes</u>	<i>Por exemplo</i> <u>apositivo</u> em posição <u>medial</u>	<i>Por exemplo</i> <u>apositivo</u> em <u>fronteira de</u> <u>constituintes</u>
Período	11/16		5/16	
Não-referencial (para não- apositivo)		35/35		
Oração	4/7		1/7	2/7
Sintagma	2/11		4/11	5/11
<i>TOTAL</i>	17	35	10	7

Nas tabelas (9) e (10), relacionamos a **posição** de *por exemplo* e o sua **realização na unidade apositiva** e, dessa forma, pudemos constatar diferenças entre os dados escritos e os dados de fala.

Em (9) e (10), *por exemplo* em posição inicial apresenta o período como a realização sintática da unidade apositiva. Em fronteira de constituintes não-apositiva (em que *por exemplo* é apenas focalizador) não identificamos unidade apositiva, por isso, classificamos tais ocorrências como não-referenciais. Em ocorrências de *por exemplo* apositivo medial, o período, em seguida, a oração são as realização sintáticas mais recorrentes na unidade apositiva, em dados de escrita (9). E, em dados de fala, encontramos o período, em seguida, o sintagma desempenhando função sintática em realizações apositivas (10). Por último, em posição apositiva entre fronteiras de constituintes, detectamos que, a realização da unidade apositiva realiza-se, primordialmente, como sintagma tanto em dados de escrita como em dados de fala.

VI. CONCLUSÕES

O objetivo desta dissertação foi investigar, sincronicamente, as diversas realizações do sintagma preposicionado *por exemplo* e também buscar a origem e trajetória desse objeto para que pudéssemos conhecer o percurso de gramaticalização e, dessa forma, justificar as ocorrências sincrônicas atestadas.

No capítulo I, apresentamos os principais pressupostos que fundamentam esse trabalho (gramaticalização, aposição, conector/marcador discursivo, argumentação e focalização) e, esses foram extremamente relevantes para que as discussões tecidas se justificassem e se tornassem coerentes.

O pressuposto da gramaticalização, aliado ao nosso objeto de estudo, esclareceu de modo satisfatório aquilo que buscávamos: **a trajetória de *por exemplo***. No capítulo III, “**O *por exemplo* diacrônico**”, explicamos passo a passo as transformações sofridas por *por exemplo* na passagem dos séculos, apresentando, de forma esclarecedora, as mudanças sintáticas, semânticas e pragmáticas ocorridas.

É importante lembrar que tais mudanças sofridas por *por exemplo* perpassam tanto por estágios de gradualidade propostos por Heine (1991) quanto por **parâmetros** postulados por Hopper (1993). Assim, no estágio 1, encontramos a forma plena (domínio), original, representada pelo substantivo *exemplo*, logo, no estágio 2, aparece a forma *híbrida 1*, ou seja, a mescla da função de *por exemplo* “modelo” do século XV e a função de focalizador, do século XVI. Nesse estágio, o **princípio de estratificação**⁵⁹ pode ser percebido, isto é, a forma original (substantivo exemplo) coexiste com a nova forma híbrida 1. Ainda no estágio 2,

⁵⁹ É importante lembrarmos que, o princípio da estratificação não é notado, somente, no estágio 2, mas também em outros momentos da gramaticalização de *por exemplo* (em estágios mais avançados, quando *por exemplo* focalizador convive com *por exemplo* apositivo e também por exemplo modelo).

notamos o **princípio da divergência**, na qual, a forma híbrida 1, suscetível a mudanças, suscitará uma nova forma, denominada *por exemplo* focalizador. Portanto, no século XVI, *por exemplo focalizador* (derivada da forma híbrida), dotado de matriz semântica mais abstrata é considerada a forma alvo, responsável pelo estágio 3, nos termos de Heine (1991) e também representante do **princípio da especialização**, nos termos de Hopper (1993). A **persistência** é a manifestação traços do significado original na forma gramaticalizada. Em nosso item lingüístico, apesar de sabermos da perda do traço semântico [+virtude], é possível, ainda, contarmos com o traço [+exemplificação], que não se perdeu. Por isso, dizemos que esse é traço que caracteriza a persistência do item original na forma gramaticalizada. Por último, o **princípio da decategorização**, extremamente notável na gramaticalização de nosso fenômeno, pois de categoria plena de substantivo, *por exemplo* passa a marcador discursivo/ conector.

O processo de gramaticalização defendido por Heine (1991) em que um item lexical, por meio de um processo metafórico, passa a um item gramatical apresenta-se a partir do *princípio unidirecionalidade*. Ou seja, esse princípio rege a maioria dos casos de gramaticalização e o seu pressuposto fundamental é que os itens lexicais básicos (domínio fonte), se gramaticalizam, por meio de processos metafóricos-metonímicos, tornando-se gramaticais, abstratos (domínio abstrato) e que *o processo inverso é extremamente incomum*.

A partir de estudos realizados sobre *por exemplo*, atestamos que a gramaticalização (baseada no princípio da unidirecionalidade) desse fenômeno pode ocorrer de dois modos distintos:

a) Em nível categorial, o sintagma nominal “*exemplo*”, ocupa categoria plena de substantivo e, após passar pelos devidos estágios de gramaticalização propostos por Heine

(1993)⁶⁰ - dessemantização, decategorização, e erosão - passa a exercer função de sintagma preposicionado, ocupando, dessa forma, uma classe mais abstrata, de marcador discursivo/conector.

b) Em nível semântico, encontramos, primeiramente, a forma “exemplo”, substantivo, cujo significado representa *modelo de algo virtuoso*. Mais tarde, ao longo dos séculos, surge *por exemplo*, carregando ainda o significado de “modelo de virtude”. Devido à **frequência** com que essa forma é usada, tende a generalizar-se. Assim, *por exemplo*, como modelo de virtude se estenderá a outros contextos, gerando “perda” semântica. Na verdade, hipotetizamos que essa perda semântica sofrida por *por exemplo* é a perda do traço [+virtude], que ao longo do tempo vai se tornando cada vez mais fraca. Em *por exemplo* híbrido (forma que surge logo após o *por exemplo* “modelo), que é o acarretamento de traços de *por exemplo* “modelo” e *por exemplo* “focalizador”, verifica-se o início da perda de traço de virtude. Porém, somente em *por exemplo* focalizador tal perda fica mais evidente . No entanto, a erosão fonológica, uma das conseqüências da generalização, não ocorre em *por exemplo*. Ao contrário, o substantivo “exemplo” passa a ser “*por exemplo*”, então, ocorre ganho fonológico, e não perda.

Concluimos, dessa forma, que em nível categorial, *por exemplo* segue, de fato, o fluxo de gramaticalização proposto por Heine (1993)⁶¹, no entanto, em nível semântico, a unidirecionalidade não foi totalmente cumprida, pois, a perda semântica do traço [+ virtude] tornou o nosso objeto mais **concreto**, realizando o sentido contrário àquele pregado por Heine (1991).

⁶⁰ É importante destacarmos, novamente, que a cliticização não faz parte dos estágios de gramaticalização de *por exemplo*, pois esse fenômeno é proveniente de substantivo. O estágio da cliticização é designado, somente, para categorias verbais.

⁶¹ Em nível categorial, a gramaticalização de *por exemplo* acompanha àquele proposto por Heine (1993) mesmo que o nosso objeto não “obedeça” o último estágio por ele postulado, a erosão. Em *por exemplo* não observamos a perda fonológica, mas o ganho.

VII. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAGA, M.L. *A informação: seu fluxo e tratamento*. In Aula Inaugural do Mestrado em Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia, 1995. Disponível em: <http://www.mel.ileel.ufu.br/default.asp?mel=aulainaugural>>. Acesso em 13 de fevereiro de 2008.

BRAGA, M. L. . Fala, Escrita e Estratégias de Focalização.. In: ENCONTRO DE FUNCIONALISTAS, 1997, Araraquara. Anais do II Encontro de Funcionalistas.1997.

BYBEE, Joan. PERKINS, Revere & PAGLIUCA William. *The Evolution of grammar. Tense, Aspect, and Modality in the Languages of the World*, Chicago, The University of Chicago Press, 1994.

DECAT, Maria Beatriz N. *Por uma abordagem da (in) dependência de cláusulas à luz da noção de "unidade informacional"*. In: *Scripta*. Belo Horizonte, vol.2, no. 4, p.23-28, 1º semestre de 1999.

DECAT, Maria Beatriz N. *Orações relativas apositivas: SN's "soltos" como estratégia de focalização e argumentação*. Revista Veredas, v.8, n.1, p.79-101, jan/jun.2004

DIAS, Nilza, Barrozo. *Cláusulas apositivas em português: o estatuto sintático- discursivo*. Relatório Fapemig. Departamento de Letras. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2004.

GRYNER, Helena. *A Seqüência argumentativa: estruturas e funções*. Revista Veredas, v.4. n.2, p.97 a 112, jun/dez. 2000

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold Publishers, 1985.

HEINE, B.; CLAUDI, U. and HÜNNEMEYER, F. *From Cognition to Grammar: Evidence from African Languages*. In: TRAUGOTT, E.C. & HEINE, BERND (eds.) *Approaches to grammaticalization*. Volume I: Focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1991.

HEINE, Bernd. *Auxiliaries, Cognitive Forces and Grammaticalization*. Nova York, Oxford. Universidade de Oxford, 1993.

LIMA-HERNANDES, Maria Célia P. *A Interface Sociolingüística/Gramaticalização: estratificação de usos de tipo, feito, igual e como – sincronia e diacronia*. Tese de Doutorado. Unicamp, 2005

HOPPER, Paul J. *On some principles of grammaticalization*. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs & HEINE, Bernd (eds.) *Approaches to grammaticalization*. Vol.I: Focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1991

- HILGERT, José Gaston. Procedimentos de reformulação: a paráfrase. In: PRETI, Dino (org.). *Análise de textos orais*. São Paulo. FFLCH/USP, 1993.
- HOPPER, Paul & TAUGOTT Elisabeth Closs. *Grammaticalization*. Cambridge University Press, 1993.
- RISSO, M. S. *et alii*. (1996) "Marcadores Discursivos: traços definidores". In: KOCH, I. (org.). *A gramática do português falado*. Campinas: UNICAMP/FAPESP. Vol. VI.
- KOCH, Ingedore e VILELA, Mario. *Gramática da Língua Portuguesa*. Editora Almedina. Coimbra. 2001.
- LAMBRECHT, Knud. *Information structure and sentence form: Topic, focus, and mental representation of discourse referents*. Cambridge: Cambridge University Express, 1994. 388 pp.
- LEHMANN, C. (1985) *Grammaticalization: Synchronic Variation and Diachronic Change*. *Lingua e Stile*, 20.3: 303-318
- LYONS, J (1980). *Semantics I*. Tradução de Wanda Ramos. Lisboa: Editorial Presença. (publicado originalmente em 1977).
- MEYER, Charles F. *Apposition in Contemporary English. Studies in English language*. University of Massachusetts at Boston, 1992. Cambridge University Press.
- NEVES, M. Helena Moura (org.) *Gramática do Português Falado*. vol VII, São Paulo: Fapesp/ Unicamp, 1999.
- NOGUEIRA. Márcia, Teixeira. *A Aposição não-restritiva em textos do português contemporâneo escritos no Brasil*. Tese de Doutorado. Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara-SP, 1999.
- PIZZIO, Aline Lemos. *A Variabilidade da ordem das palavras na aquisição da língua de sinais brasileira: construções com tópico e foco*. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.
- SCHIFFRIN, Debora. *Discourse markers*. Cambridge University Press, 1987
- SILVA, Giselle, TARALLO, Fernando, BRAGA, M. Luiza e. *Preenchimento discursivo em fronteiras sintáticas*. In: Gramática do Português Falado, volume IV. SP. Fapesp/Unicamp. 1996.
- TRAUGOTT and B. HEINE (eds.) *Approaches to Grammaticalization 1*, Amsterdam: John Benjamins, 1991.
- TRAUGOTT, E. The framework. In: *Regularity in Semantic Change*. Cambridge: Cambridge Press, 2005.

VIEIRA, Amitza. *Movimentos argumentativos em uma entrevista televisiva: uma abordagem discursivo-interacional*. Dissertação de Mestrado. Juiz de Fora, 2002